

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

JÉSSICA CRISTINA VON POELLNITZ

**Atividade, cotidiano e ocupação na terapia ocupacional no Brasil:
usos e conceitos em disputa**

São Carlos

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

JÉSSICA CRISTINA VON POELLNITZ

**Atividade, cotidiano e ocupação na terapia ocupacional no Brasil:
usos e conceitos em disputa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos para obtenção do título de mestre em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Regina Silva

São Carlos

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Jessica Cristina Von Poellnitz, realizada em 20/02/2018:

Profa. Dra. Carla Regina Silva
UFSCar

Profa. Dra. Eliane Dias de Castro
USP

Profa. Dra. Tais Quevedo Marcolino
UFSCar

Apoio

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus por iluminar meu caminho e me conceder discernimento, paciência, persistência e força.

Aos meus pais, por todo apoio, respeito, amor, por acolherem e incentivarem minhas escolhas. Sem eles nada disso teria sido possível. E, à toda minha família pela compreensão e por me impulsionarem a sempre continuar.

Aos amigos que acolheram minhas angústias e medos, sempre acreditando no meu potencial e que constantemente me incentivaram a não desanimar frente às dificuldades. Em especial, à Clara, pelos conselhos que sempre iluminam o meu caminho, por todo amor e conexão e, sobretudo, por sempre me aproximar de Deus; à Isadora por ser essa pessoa iluminada, que compartilha comigo de ideias e sonhos da produção de conhecimentos em terapia ocupacional e que me acolhe e orienta com tanto carinho; ao Antônio por participar comigo desse desafio que foi o mestrado; à Larissa, Karina, Aline, Paulo, Eduarda, Ana Carolina e à todos aqueles que de alguma maneira participaram dessa etapa comigo, vocês trouxeram leveza aos meus dias e diminuíram o peso de todo o processo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade e financiamento; ao grupo de pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO) e aos companheiros da pós-graduação, em especial à Pamela, Jacqueline, Sophia, Marina S., Valentina, Rodrigo e Marina L., gratidão pela parceria, inspiração, carinho e troca de saberes.

Aos terapeutas ocupacionais que me inspiram e me fazem acreditar no potencial da profissão. À Carla Regina Silva, orientadora, amiga, que acolhe e ensina com tanto afeto. À Eliane Dias de Castro e Taís Quevedo Marcolino que fizeram parte da composição das bancas de qualificação e defesa do mestrado e que tanto contribuíram para as reflexões desse trabalho. E, aos participantes da pesquisa que se apresentaram disponíveis, abertos ao diálogo e a compartilhar suas ideias e conhecimentos.

E, finalizo agradecendo àqueles que em algum momento fizeram parte da minha trajetória, pois acredito que nada é por acaso e que essas pessoas também influenciaram minhas escolhas e ajudaram a compor a pessoa e a profissional que sou hoje.

O movimento de conhecer é, pois, um movimento cujo corpo é a linguagem. Graças a ela, compartilhamos com outros os nossos conhecimentos e recebemos de outros os conhecimentos
(CHAUÍ, 2000, p. 197).

Resumo

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar os usos e os conceitos dos termos atividade, ocupação e cotidiano na terapia ocupacional no Brasil. Para tal, contou com duas fases para a coleta e análise dos dados, sendo elas: 1) mapeamento histórico do uso dos termos na terapia ocupacional em evento nacional da área; 2) o uso dos termos feito por terapeutas ocupacionais no país na atualidade. Na primeira fase, foi realizado um aprofundamento teórico do tema e um mapeamento do uso dos termos no Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional (CBTO), entre os anos de 1989 e 2015. Na segunda, foram feitas entrevistas com cinco profissionais da terapia ocupacional que realizam e/ou realizaram importantes discussões e/ou que apresentam publicações (em periódicos e/ou em livros e/ou em eventos científicos da área) sobre a temática abordada no estudo. Os resultados da primeira fase foram organizados em forma textual e gráfica de modo a apresentar o percurso histórico do uso dos termos na terapia ocupacional no Brasil e no CBTO, especificamente. Foi possível observar, a partir deles, a predominância do uso do termo atividade no desenvolvimento da história da profissão e suas variações do campo lexical, assim como, o aumento do uso do termo cotidiano a partir do ano de 2003 e de ocupação a partir de 2007. Já os dados obtidos a partir da segunda fase foram analisados e organizados a partir de categorias temáticas: a) compreensão do uso dos termos feito pelos terapeutas ocupacionais – composição entre o particular e plural; b) percepções individuais-coletivas – o uso dos termos na terapia ocupacional e questões críticas envolvidas; c) formação em terapia ocupacional. A partir dos resultados, é possível afirmar que a utilização e adoção de um termo e seu corpo conceitual são influenciadas por quatro categorias principais: identidade, trajetória, perspectiva conceitual e experiência. Assim, o uso das palavras e dos conceitos torna-se subjetivo e singular, sendo influenciado por diversos aspectos. Além disso, atividade também se apresenta como expressão principal adotada entre os terapeutas ocupacionais entrevistados, seguida de cotidiano. E, o termo ocupação, que é utilizado por apenas um dos participantes da pesquisa, teve diferentes críticas e questões polêmicas a seu respeito apontadas pelos entrevistados. No que se refere à formação em terapia ocupacional, essa temática foi apontada como fundamental, porém, segundo os participantes, ela é ensinada de maneiras distintas nas diversas instituições de ensino superior do país, o que é preocupante, pois resulta em formações muito diferentes envolvendo um conteúdo base para a profissão. Por fim, suscitamos a necessidade de investimento em reflexões que dizem respeito à produção de conhecimentos sobre o tema tendo em vista que os entrevistados apontam que tal ainda é precária. Ressalta-se que a presente pesquisa compõe apenas uma peça do jogo de forças, de disputa e poder intrínsecos ao campo de saberes, em que é necessário o encaixe de muitos outros componentes para aprofundar as questões referentes a fundamentação/conceituação epistemológica na terapia ocupacional.

Palavras-chave: terapia ocupacional/tendências; produção de conhecimentos; formação de conceitos; epistemologia.

Abstract

The present work aims to analyze the adoption and concepts of the terms activity, occupation and day-to-day in occupational therapy in Brazil. To accomplish its objective, this work was composed of two phases to collect and analyze the data: 1) historical mapping of the use of terms in a national occupational therapy conference; 2) the usage of the terms by occupational therapists in the country currently. The first phase consisted of a theoretical investigation of the theme and mapping the adoption of the terms in the Brazilian Congress of Occupational Therapy (CBTO), between the years of 1989 and 2015. The second phase consisted of conducting interviews with five occupational therapists who perform and/or accomplished important discussions and/or publish (in journals and/or books and/or scientific conferences of the field) about the theme addressed in this study. The results of the first phase are organized textually and graphically in order to present the historical progress of the employment of the terms in the occupational therapy in Brazil and, more specifically, in the CBTO. From these results it was possible to detect the predominant usage of the term activity in the development of the history of the profession and its variations of the lexical field, as well as the increase of the adoption of the term day-to-day starting on the year of 2003 and the term occupation starting on the year of 2007. The data obtained from the second phase were analyzed and organized in theme categories: a) understanding of the employment of terms by occupational therapists – composition between private and plural; b) individual-aggregate perceptions – the application of the terms in occupational therapy and critical issues involved; c) training in occupational therapy. These results allow us to affirm that four main categories influence the adoption of a term and its conceptual body: identity, trajectory, conceptual perspective and experience. Therefore, several aspects affect the usage of the words and its concepts becomes subjective and unique. In addition, activity is the expression most adopted among the interviewed occupational therapists, followed by day-to-day. Only one interviewee uses the term occupation, such term that had different criticisms and controversial arguments pointed out by the interviewed professionals. Regarding training in occupational therapy, it was concluded that this theme is fundamental, although, as the interviewees mentioned, it is taught in different ways in the several higher education institutions in the country, which is worrisome, resulting in greatly contrasting formations based on the foundation content for the profession. Finally, we entice the need for investment in reflections that concern production of knowledge about the subject, considering that the interviewees pointed out that this remains precarious. We emphasize that the present research consists of only a part of the game of forces, of dispute and power intrinsic to the field of knowledge, in which it is necessary to consider many other components to deepen the questions concerning the epistemological foundation/conceptualization in occupational therapy.

Key words: occupational therapy/trends; knowledge production; concept development; epistemology.

Resumen

El presente trabajo tiene como principal objetivo analizar los usos y los conceptos de los términos actividad, ocupación y cotidiano en la terapia ocupacional en Brasil. Para esto, contó con dos fases para la colección y análisis de los datos, siendo ellas: 1) mapeo histórico del uso de los términos en la terapia ocupacional en evento nacional del área; 2) el uso de los términos por terapeutas ocupacionales en el país en la actualidad. En la primera fase, se realizó una profundización teórica del tema y un mapeo del uso de los términos en el Congreso Brasileño de Terapia Ocupacional (CBTO), entre los años 1989 y 2015. En la segunda se realizaron entrevistas con cinco profesionales de la terapia ocupacional que realizan y/o realizaron importantes discusiones y/o que presentan publicaciones (en periódicos y/o en libros y/o en eventos científicos del área) sobre la temática abordada en esta investigación. Los resultados de la primera fase fueron organizados en forma textual y gráfica para presentar el recorrido histórico del uso de los términos en la terapia ocupacional en Brasil y en el CBTO, específicamente. Se pudo observar, la predominancia del uso del término actividad en el desarrollo de la historia de la profesión y sus variaciones del campo léxico, así como el aumento del uso del término cotidiano a partir del año 2003 y de ocupación a partir de 2007. Los datos obtenidos a partir de la segunda fase se analizaron y organizaron a partir de categorías temáticas: a) comprensión del uso de los términos hechos por los terapeutas ocupacionales - composición entre lo particular y plural; b) percepciones individuales-colectivas - el uso de los términos en la terapia ocupacional y cuestiones críticas involucradas; c) formación en terapia ocupacional. A partir de los resultados, es posible afirmar que la utilización y adopción de un término y su cuerpo conceptual son influenciadas por cuatro categorías principales: identidad, trayectoria, perspectiva conceptual y experiencia. Así, el uso de las palabras y de los conceptos se vuelve subjetivo y singular, siendo influenciado por diversos aspectos. Además, actividad también se presenta como expresión principal adoptada entre los terapeutas ocupacionales entrevistados, seguida de cotidiano. El término ocupación, que es utilizado por apenas uno de los participantes de la investigación, tuvo diferentes críticas y cuestiones polémicas a su respecto apuntadas por los entrevistados. Respecto a la formación en terapia ocupacional, esta temática fue señalada como fundamental, pero, según los participantes, se enseña de maneras distintas en las diversas instituciones de enseñanza superior del país, lo que es preocupante, pues resulta en formaciones muy diferentes involucrando un contenido base para la profesión. Por último, han planteado la necesidad de inversión en reflexiones que se refieren a la producción de conocimientos sobre el tema, teniendo en cuenta que los entrevistados apuntan que aún es precaria. Se resalta que la presente investigación compone sólo una pieza del juego de fuerzas, de disputa y poder intrínsecos al campo de saberes, en que es necesario el encaje de muchos otros componentes para profundizar las cuestiones referentes a la fundamentación/concepción epistemológica en terapia ocupacional.

Palabras clave: terapia ocupacional/tendencias; producción de conocimientos; formación de conceptos; epistemología.

Listagem de Ilustrações

Tabelas:

Tabela 1: Quantidade de pesquisadores que apresentam publicações com os termos de busca por quantidade de edições do CBTO.....	47
Tabela 2: Atividade(s) e suas derivações nos títulos dos trabalhos no CBTO por ano.....	50
Tabela 3: Fatores que podem ter influenciado o uso dos termos pelos sujeitos.....	62

Gráficos

Gráfico 1: Relação entre trabalhos cadastrados, trabalhos com os termos nos títulos e autores.....	48
Gráfico 2: Frequência dos termos nas publicações do CBTO por ano.....	49

Quadros

Quadro 1: Referenciais teóricos que sustentam a conceituação dos termos utilizados.....	60
Quadro 2: Categorias que influenciam a adoção de termos e seus conceitos.....	66

Sumário

Apresentação.....	12
1. Objetivos.....	14
2. Procedimentos metodológicos.....	15
2.1. Fases e composição do campo.....	15
3. O campo de saber, a produção de conhecimentos, a linguagem, e a terapia ocupacional.....	21
3.1. Os termos e os conceitos.....	21
3.2. A linguagem.....	23
3.3. Considerações acerca do campo de saber e da produção de conhecimentos.....	26
3.4. A importância do estudo da linguagem na terapia ocupacional.....	32
4. Panorama histórico do uso dos termos no Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional a partir dos atuais terapeutas ocupacionais pesquisadores.....	35
4.1. Percurso histórico.....	35
4.2. Os termos nos grupos de pesquisa.....	46
4.3. Publicações dos terapeutas ocupacionais pesquisadores.....	46
4.4. O uso dos termos no Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional.....	48
5. Compreensão do uso dos termos feito por terapeutas ocupacionais no Brasil – composição entre o particular e plural.....	52
5.1. Perfil dos participantes.....	52
5.2. O uso dos termos feito pelos próprios participantes.....	53
5.3. Conceitos e referenciais teóricos.....	54
5.4. Influências no uso dos termos e dos conceitos.....	60
5.5. Tecendo reflexões.....	63

6. Percepções individuais-coletivas: o uso dos termos na terapia ocupacional e questões críticas envolvidas.....	67
6.1. Percepção dos participantes sobre os usos dos termos na terapia ocupacional no Brasil.....	67
6.2. Pluralidade de termos e conceitos na terapia ocupacional.....	69
6.3. Discussão sobre ocupação.....	71
6.3.1. Associação do termo ao tratamento moral (ocupação do tempo livre).....	72
6.3.2. Conceito ‘pejorativo’ no Brasil.....	72
6.3.3. Uso a partir das exigências de diálogo internacional.....	73
6.3.4. Necessidade de ampliação e transformação do conceito.....	74
6.4. Crítica a termos, modelos, perspectivas e a reprodução e importação de saberes..	74
6.5. A relevância das discussões teórico-metodológicas para a prática em terapia ocupacional.....	77
6.5.1. Classificação dos termos – o que eles representam na terapia ocupacional no Brasil.....	77
6.5.2. Questões teórico-metodológicas X prática.....	78
6.6. Tecendo reflexões.....	79
7. Formação em terapia ocupacional.....	85
7.1. Graduação.....	85
7.2. Pós-Graduação em Terapia Ocupacional – responsabilidade com a produção de conhecimentos.....	86
7.3. Tecendo reflexões.....	87
8. Considerações Finais.....	90
Referenciais.....	93
Apêndices.....	97
1. Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	97

2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	99
3. Tabulação dos trabalhos e indicações dos termos presentes nos títulos.....	101

Apresentação

Durante a graduação, a história, os fundamentos e os recursos da terapia ocupacional sempre foram temáticas que me despertaram interesse, apesar de se apresentarem, para mim, como de difícil compreensão. Tudo se tornou mais confuso quando tive o primeiro contato com os famosos ‘modelos’ da profissão, através da dissertação da Jussara Pinto (PINTO, 1990) que me produziu os seguintes questionamentos: positivismo, humanismo, materialismo histórico, do que se trata? Eu preciso escolher um modelo que mais se aproxima daquilo que penso para segui-lo? Cada campo segue um modelo? Cada terapeuta ocupacional faz a opção por um modelo? Foram muitas dúvidas que me instigaram e até o início do presente estudo essa temática ainda não se apresentava de maneira clara para mim.

Além disso, em diversos momentos da graduação tive contato com as atividades através das disciplinas. No primeiro ano foram, em sua maioria, foram realizadas experimentações artesanais e nesse período, eu ouvia muito a expressão ‘análise da atividade’. Durante esse primeiro contato, desenvolvi algumas atividades das quais algumas eu gostava, outras eu detestava, outras tinha maior habilidade para desenvolver, outras quase nem tomavam forma. E, eu me questionava muito sobre o motivo pelo qual eu precisava fazer tudo aquilo.

Mas, após algum tempo não entendendo para que todas aquelas atividades artesanais serviam, tive uma disciplina que fez meus olhos brilharem e que deu sentido a tudo que estava sendo aprendido e vivenciado até o momento. Era uma disciplina de atividades corporais ministrada pela Profa. Carla (minha atual orientadora); em uma das primeiras aulas ela fez um quadro que nomeou de ‘Epistemologia das Atividades’ e, a partir de então, tudo começou a fazer mais sentido e foi despertada em mim a vontade de estudar as atividades na terapia ocupacional.

O meu primeiro contato com a pesquisa em/de terapia ocupacional aconteceu por meio do desenvolvimento de uma pesquisa de iniciação científica, que depois se tornou meu trabalho de conclusão de curso, sob orientação da Profa. Carla. A pesquisa me oportunizou estudar a formação em terapia ocupacional, especificamente nas disciplinas de atividades e recursos terapêuticos, nas instituições de ensino públicas do Estado de São Paulo. Esse estudo foi um grande desafio, mas que me acrescentou muito conhecimento e amadurecimento profissional.

Quando terminei a graduação, tinha ânsia de sair do ‘mundo acadêmico’ e de aprender mais sobre a prática. Então, ingressei no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Criança da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e fiz uma ‘imersão prática’ durante dois anos. Nesse período, aprendi muito sobre os contextos em que eu estava inserida, qual era o meu papel, diferentes patologias, recursos de auxílio, dentre outros. Ainda, tive a oportunidade de estar com profissionais de outras áreas e aprender a trabalhar com cada um deles, ouvi muitas histórias de vida e de superação e, acima de tudo, comecei a valorizar os pequenos ganhos e o despertar de um sorriso. Porém, eu sentia falta de estudar mais sobre terapia ocupacional, de aprimorar meus conhecimentos e amadurecer meu olhar profissional. E, assim, no final da residência eu tive a oportunidade de voltar às discussões acadêmicas através do ingresso no mestrado.

Quando entrei no mestrado, a ideia era dar continuidade à pesquisa de iniciação científica e, estudar a formação em terapia ocupacional no Brasil, tendo foco no ensino de atividades e recursos. As disciplinas obrigatórias do Programa de Pós-Graduação, os encontros com o grupo de pesquisa e as orientações nos levaram, eu e minha orientadora (Profa. Carla), a nos debruçar no estudo sobre os usos e conceitos dos termos atividade, cotidiano e ocupação na terapia ocupacional no Brasil.

Ainda, ao tomar essa temática como meu objeto de estudo, tive a oportunidade de poder contribuir, de certa forma, com a continuidade da pesquisa realizada pela Ms. Isadora Cardinali, colega do grupo de pesquisa, que teve sua dissertação de mestrado defendida em dezembro de 2016, a qual dedicou-se ao estudo da produção de conhecimentos sobre a terapia ocupacional no Brasil.

Assim, a presente pesquisa, visa analisar o uso dos diferentes termos e conceitos na terapia ocupacional para nomear suas práticas no Brasil. Tendo como hipótese que a diversidade terminológica e conceitual produzida pela profissão ao longo do tempo respondeu a diferentes demandas, necessidades, populações e campos de atuação do terapeuta ocupacional, ampliando suas possibilidades de atuação. Contudo, essa construção é histórica, diversa e viva o que nos leva a necessidade de ampliar nossas formas de compreendê-la também de forma plural, diversa, abarcando a responsabilidade de aprofundamento na/para a terapia ocupacional.

1. Objetivos

Esta pesquisa se propôs a investigar o uso dos termos e dos conceitos de atividade, cotidiano e ocupação, buscando o aprofundamento nos estudos e a produção de conhecimentos na área. Além disso, ao analisar os dados, as considerações acerca dos modelos dominantes e das relações hierárquicas e de poder que envolvem são importantes para a construção de uma discussão crítica.

Assim a presente pesquisa teve como objetivo central:

- Analisar os usos e conceitos dos termos atividade, ocupação e cotidiano na terapia ocupacional no Brasil.

E como objetivos específicos:

- Apresentar a utilização dos termos e seus conceitos ao longo do desenvolvimento histórico da terapia ocupacional no Brasil.
- Identificar quais aspectos estão relacionados à adoção do uso dos termos e seus conceitos na terapia ocupacional.
- Listar os referenciais teóricos utilizados por terapeutas ocupacionais para conceituar atividade, ocupação e cotidiano.

Por fim, o trabalho pretende contribuir com as análises e na fundamentação da discussão sobre a diversidade de termos e conceitos que se referem à nomeação das práticas terapêuticas ocupacionais que vêm sendo desenvolvidas no Brasil.

2. Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa teve a sua orientação pautada nos princípios do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa em relação às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Resolução nº 466/2012) e foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Todos os demais procedimentos éticos de pesquisa foram respeitados. Os resultados da pesquisa serão compartilhados com todos participantes envolvidos, como compromisso ético das pesquisadoras envolvidas.

2.1. Fases e composição do campo

O presente estudo foi dividido em duas fases para a coleta, organização e análise dos dados: (1) mapeamento histórico do uso dos termos na terapia ocupacional no Brasil; (2) o uso dos termos feito por terapeutas ocupacionais no Brasil na atualidade.

(1) Mapeamento histórico do uso dos termos na terapia ocupacional no Brasil

A pesquisa tem sido desenvolvida considerando que as sociedades “vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro que em si traz, dialeticamente, as marcas pregressas, numa reconstrução constante do que está dado e do novo que surge” (MINAYO, 2014, p. 39).

Ou seja, o presente estudo preocupa-se também em realizar um entendimento histórico sobre o uso dos termos atividade, ocupação e cotidiano e de seus conceitos na terapia ocupacional no Brasil, acreditando que “todo passado é vivido na história do tempo presente que invade nossas vidas cotidianas” (GUAJARDO, 2014, tradução livre, p.54).

Nesta primeira fase foi realizado um aprofundamento teórico em materiais que abordam a história da terapia ocupacional e que trazem os termos que foram sendo utilizados ao longo dos anos e a modificação de seus conceitos. Além disso, foi feito um mapeamento do uso das principais expressões que são utilizadas para nomear as práticas terapêuticas ocupacionais nos Congressos Brasileiros de Terapia Ocupacional (CBTO) com o intuito de auxiliar na compreensão histórica do uso das palavras na profissão e no embasamento da discussão sobre a diversidade de termos na terapia ocupacional.

Destaca-se que os eventos científicos têm se constituído historicamente como um espaço fundamental para os debates e trocas, além de serem importantes para o crescimento

científico e para a divulgação da produção de conhecimentos em terapia ocupacional. Aponta-se que em comparação com outros tipos de publicação, aquelas realizadas em eventos ganham destaque numérico entre os pesquisadores terapeutas ocupacionais (CARDINALLI, 2017). Sendo o CBTO o principal evento da área com realização a cada dois anos desde 1989.

Tendo esses aspectos em vista, foi realizado um mapeamento dos grupos de pesquisa de terapia ocupacional, entre agosto e setembro de 2016, por meio de uma busca na página do Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) utilizando como chave de busca o termo “terapia ocupacional” para: nome do grupo, linha de pesquisa, repercussões do grupo e/ou palavras-chave. Os critérios de inclusão considerados foram: grupos com situação como atualizados e certificados pela instituição e aqueles que apresentavam pelo menos um terapeuta ocupacional como líder. Foram excluídos: grupos que estavam desatualizados (com a última atualização há mais de 12 meses) e/ou que não apresentavam nenhum terapeuta ocupacional entre os líderes do grupo.

Após a seleção dos grupos de pesquisa, foi feito o levantamento dos pesquisadores que compunham esses grupos. Sendo considerados os pertencentes à área de terapia ocupacional, com titulação mínima de mestrado¹.

Posteriormente, foi consultado o currículo cadastrado na Plataforma Lattes do CNPq dos pesquisadores selecionados para verificar suas publicações² no CBTO, entre os anos de 1989 a 2015³, ou seja, da primeira à última edição.

As informações recolhidas foram sistematizadas em planilhas no Excel® de acordo com os dados encontrados nos currículos dos pesquisadores⁴. O sistema de cálculos e tabelas

¹ Acreditando que os profissionais com esse perfil podem apresentar maior envolvimento com pesquisas, participação em congressos e, interesse em publicar na área. Fatores que são pertinentes e influenciam nos dados do presente estudo. Foram excluídos pesquisadores duplicados, pertencentes as demais áreas e com titulação de graduação ou de especialização apenas.

² Optou-se pela coleta desses dados conforme descrito acima dada a inexistência de anais nas primeiras edições do evento e pela dificuldade de acesso aos das demais edições (1989-2015).

³ As publicações referentes ao ano de 2015 podem apresentar-se incompletas dada a não publicação dos anais do evento no período da coleta dos dados, assim, poucos pesquisadores podem ter inserido essas informações em seu currículo Lattes.

⁴ Ressalta-se que a fidedignidade dos dados coletados e apresentados nesta etapa dependeram da atualização das informações, que nos grupos de pesquisa são de responsabilidade do líder do grupo e, no currículo lattes

do programa contribuíram para análise e cruzamento de dados. Com os dados tabulados foi possível: 1) identificar o investimento e participação dos pesquisadores através de suas publicações no evento; e 2) mapear os termos utilizados pelos pesquisadores em suas publicações ao longo dos anos da realização do evento.

(2) O uso dos termos feito por terapeutas ocupacionais no Brasil na atualidade

Na segunda fase foram realizadas entrevistas com terapeutas ocupacionais tendo como objetivos: a) identificar o uso de termos e dos conceitos na terapia ocupacional; b) compreender quais os aspectos estão relacionados ao uso dos termos na terapia ocupacional; c) coletar dados que pudessem auxiliar na fundamentação da discussão sobre a diversidade de termos e conceitos que se referem à nomeação das práticas terapêuticas ocupacionais que vêm sendo desenvolvidas no Brasil. A seguir, serão detalhados os procedimentos que compõem esta fase:

1ª etapa – seleção dos participantes da pesquisa

A seleção dos participantes desta etapa do estudo foi feita tendo como critério de escolha os profissionais da terapia ocupacional que realizam e/ou realizaram relevantes discussões e/ou que apresentam publicações (em periódicos da área e/ou em livros e/ou em eventos científicos da área) sobre a temática abordada no presente estudo.

Vale ressaltar que a escolha dos participantes desta fase não está relacionada com o levantamento de pesquisadores e suas respectivas publicações no CBTO feita na primeira etapa da coleta de dados do presente estudo, pois se considerássemos apenas as publicações desse evento não abarcaríamos discussões/reflexões importantes que foram produzidas sobre a temática em outras publicações como artigos científicos e livros e/ou aquelas externas ao campo acadêmico formal, que por exemplo foram elaboradas por terapeutas ocupacionais que não estão vinculados a nenhum grupo de pesquisa do CNPq.

Considerando os critérios apontados, foram convidados seis terapeutas ocupacionais com destaque sobre a temática no campo para participar da pesquisa, porém dada a dificuldade de agenda de um deles, apenas cinco entrevistas foram efetivadas.

do próprio pesquisador. Desse modo, alguns dados podem estar desatualizados ou indisponíveis, ainda assim, consideramos que todo pesquisador ativo tem o compromisso de atualizá-los com frequência.

Enfatiza-se que na seleção dos participantes teve-se o cuidado para que todas as palavras selecionadas como objeto de estudo da presente pesquisa fossem alvo das discussões e dos estudos dos mesmos, de modo a coletar dados diversos e sobre todos os termos.

O convite para participação da pesquisa foi enviado via correio eletrônico, juntamente com um resumo da proposta de pesquisa, roteiro semiestruturado da entrevista e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2ª etapa – Entrevistas, transcrições e revisão dos dados

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado de perguntas⁵, elaborado pelas pesquisadoras com o objetivo de coletar informações que respondessem às proposições da presente pesquisa, aprofundando as discussões e reflexões que tangem o tema. Por isso, o roteiro abarca questões diversas, sendo englobados aspectos referentes aos termos, conceitos e a produção de conhecimentos.

Previamente à realização das entrevistas, quatro colaboradores⁶ analisaram o roteiro semiestruturado de perguntas visando sua adequação e aprimoramento, de modo a garantir que ele pudesse responder aos objetivos da presente pesquisa. A partir das sugestões e críticas feitas a partir dessa análise foram realizados os ajustes e as correções julgados como necessários.

O roteiro foi composto pelas categorias terminologia, conceituação e produção de conhecimentos e engloba questões que se referem a:

Terminologia: (1) Termo utilizado (entre ocupação, atividade e cotidiano) e por que; (2) Qualificação empregada caso o termo utilizado seja atividade; (3) Função, uso e sentido desse termo na terapia ocupacional; (4) Classificação do termo na profissão (instrumento teórico-prático; objeto de estudo; recurso; estratégia-ação; ação, intervenção ou prática; outros); (5) Histórico do uso dos termos ao longo da carreira; (6) Utilização de outros termos e se eles são usados como sinônimos da expressão principal que é ‘adotada’; (7) Palavras que evita utilizar; (8) Se a depender do contexto faz uso de termos diferentes; (9) Uso da expressão na teoria e na prática; (10) Histórico do termo na terapia ocupacional.

⁵ Apêndice 1

⁶ Os colaboradores são pesquisadores que fazem parte do laboratório de pesquisa de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, do qual a pesquisadora do presente estudo e sua respectiva orientadora também fazem parte.

Conceituação: (1) Conceito adotado para o termo que faz uso; (2) Uso de outros conceitos; (3) Referenciais teóricos.

Produção de conhecimentos: (1) Possíveis influências no uso dos termos e dos conceitos; (2) Preocupação e dedicação do participante em definir, conceituar ou explicar sobre o termo que utiliza em sua produção de conhecimento; (3) Motivações para a realização de estudos e reflexões sobre os termos e os conceitos na terapia ocupacional; (4) Diversidade terminológica e conceitual atreladas às práticas terapêuticas ocupacionais desenvolvidas no Brasil; (5) Projeções futuras sobre o uso dos termos e conceitos na terapia ocupacional.

Os encontros para a realização das entrevistas ocorreram em data, horário e local da preferência do participante, sendo que três foram feitos presencialmente. Outros dois encontros ocorreram através de softwares gratuitos conectados pela rede mundial de computadores (que oferecem a possibilidade de comunicação por som e imagem em tempo real), dada a distância em que o pesquisador e o participante se encontravam, o que dificultou um encontro presencial. O tempo de duração das entrevistas variou entre uma hora e duas horas e meia, a depender do relato feito por cada participante.

Todos os participantes concordaram e assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido⁷.

3ª etapa – sistematização e análise dos dados

As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e enviadas aos participantes para apreciação e, caso eles julgassem necessário, para adequação do texto para uso e publicação na presente pesquisa. Assim, todas as transcrições das entrevistas foram apreciadas e revisadas pelos autores participantes.

As redações finais revistas pelos entrevistados foram apreciadas orientadas pela análise temática que “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (MINAYO, 2014, p. 316). Considerando, a relevância temática a partir das informações que se apresentaram mais presentes nas entrevistas e aquelas singulares ressaltadas por um único participante.

⁷ Apêndice 2

Para o entendimento e a análise dos dados tomou-se a ideia de que a partir da compreensão do uso dos termos é possível fazer “aparecer tanto o que eles revelam sobre aqueles que o produzem [...] quanto sobre aqueles aos quais eles se referem e sobre sua posição” (BOURDIEU, 2004, p. 46).

Por isso, ressalta-se a importância da pesquisa em qualificar todo trabalho e estudo produzido pelos atores do campo de forma a não restringir os saberes ao campo acadêmico formal, embora se reconheça sua importância e valor.

Além disso, considera-se a experiência algo que nos acontece, sendo ela singular, produtora da diferença, da heterogeneidade e da pluralidade. Já o “saber da experiência não se trata de verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem sentido do que nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 27).

Os resultados coletados nos permitiram criar as seguintes categorias: (1) compreensão do uso dos termos por terapeutas ocupacionais no Brasil – composição entre o particular e o plural; (2) percepções individuais-coletivas: o uso dos termos na terapia ocupacional e questões críticas envolvidas; (3) formação em terapia ocupacional.

Para a consecução das análises também foram necessárias as leituras e os estudos críticos em relação à produção de saberes e suas formas de nomeação, termos e conceitos utilizados e produzidos pelas linguagens.

3. O CAMPO DE SABER, A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS, A LINGUAGEM E A TERAPIA OCUPACIONAL

a ciência está sempre também a mudar-se, e o que hoje é verdadeiro, amanhã é falso (SANTOS, 2007, p. 186).

3.1. Os termos e os conceitos

O presente trabalho teve por objeto de estudo a atividade, o cotidiano e a ocupação, termos que têm sido utilizados na terapia ocupacional para nomear as práticas que são desenvolvidas, além disso, cada um deles está atrelado a conceitos que indicam, de maneira mais aprofundada, ao que eles se referem.

Entendendo a complexidade do estudo e do entendimento de alguns aspectos referentes a essa temática, apresenta-se, primeiramente, para a importância da compreensão do que seriam os termos e os conceitos.

Os **termos** podem ser palavras que simplesmente designam uma expressão à qual conceitos podem estar atrelados ou podem ser expressões que compõem o vocabulário de um campo teórico específico (BARROS, 2016).

O **conceito**, de acordo com Chauí (2000), apresenta “o sentido interno e essencial daquilo a que se refere; os nexos causais ou as relações necessárias entre seus elementos [...] a essência-significação necessária de alguma coisa, sua origem ou causa, suas consequências ou seus efeitos, seu modo de ser e de agir” (p. 198).

Os **conceitos** são representações, historicamente construídas, que refletem pontos de vista desenvolvidos a partir de uma interação/relação com uma determinada realidade e, sempre estão dentro de um arcabouço teórico específico. Além disso, eles “podem ser considerados um caminho de ordenação teórica dos fatos, relações e processos sociais, devendo ser, pelo confronto com o campo empírico, permanentemente recriados e reconstruídos” (MINAYO, 2014, p. 176).

Ainda, os **conceitos** podem ser entendidos como:

a bem-delineada ideia que é evocada a partir de uma palavra ou expressão verbal que passa, desde então, a ser operacionalizada sistematicamente no interior de certo campo de saber ou de práticas específicas. Desse modo, a operacionalidade no interior de um certo campo de estudos é característica de um conceito, qualquer que ele seja (BARROS, 2016, p. 26).

Necessariamente os **conceitos** são compreendidos a partir de parâmetros estipulados e agenciados em cada campo de saber a que pertence.

Os conceitos que circulam nos diversos campos de saber sempre implicam discussões entre os seus praticantes, comportando escolhas derivadas de demandas específicas. Eles movimentam ou possibilitam perspectivas teóricas, e reaparecem com frequência nos trabalhos produzidos pelos pesquisadores e pensadores do campo passando a integrar certo repertório conceitual. Os conceitos são pontos de apoio sistemáticos para um tipo de conhecimento a ser produzido no interior de um campo específico de reflexões (BARROS, 2016, p. 26-27).

Assim, **conceituar** não é apenas nomear algo, pois configura-se na compreensão mais precisa das características de um fenômeno ou objeto. Sendo nada mais do que “criações humanas, de elaborações e reelaborações teóricas cuja razão de ser reside precisamente na possibilidade de os colocarmos e os recolocarmos em permanente discussão” (BARROS, 2016, p. 18).

Para Barros (2016) o **conceito** apresenta seis funções principais na produção do conhecimento: 1. Comunicar; 2. Organizar; 3. Generalizar; 4. Comparar; 5. Problematizar e 6. Aprofundar. As duas primeiras funções (comunicação e organização), constituem-se de unidades fundamentais para a comunicação do campo e para organizar as ideias, fenômenos ou objetos; a generalização e a comparação, são funções que se entrelaçam e se complementam, sendo que uma age com o efeito da outra, sendo a partir da generalização (aquilo que é comum, ou seja, que pertence ao mesmo fenômeno) é possível realizar a comparação com fenômenos ou objetos que são distintos e que pertencem a outro conjunto conceitual. E, por último, as funções de problematizar e aprofundar, as quais também são operações irmãs; a partir de um conceito é possível pensar problemas e, a problematização gera, por sua vez, o aprofundamento, ou seja, a realização de uma análise em profundidade. “Aprofundar e comunicar, fechando um círculo que logo irá girar mais uma vez, constituem o penúltimo e o último gesto da ciranda que coloca em movimento as funções básicas dos conceitos” (BARROS, 2016, p. 40).

É a partir dos **conceitos** que os pesquisadores de determinado campo de conhecimento expressam suas ideias, seu modo de ver o mundo e comunicam-se entre si. Assim, além de apresentar-se como importante ferramenta de comunicação nos campos de saber, configura-se também como uma unidade de conhecimento, “a partir do qual se torna possível construir coerentemente um sistema de pensamento, uma teoria, uma perspectiva sobre determinado objeto de estudo” (BARROS, 2016, p.81).

Entende-se, portanto, que para que se tenha um **conceito** é necessário que ele seja o centro de uma análise ou de um campo de estudos específico e que seja objeto de discussão entre as pessoas que compõem esse campo de conhecimentos. E, que para que uma palavra ou um **termo** se torne um **conceito** é necessário que haja maior clareza e conhecimento acerca do fenômeno a que diz respeito (BARROS, 2016).

Ao falar de **conceitos** dentro das diversas áreas de conhecimento é importante considerar, também, que há uma polissemia, ou seja, pode existir mais de um **conceito** atrelado a uma palavra ou **termo**. O que é bastante comum em áreas do conhecimento que possuem diversos modelos e perspectivas teóricas (BARROS, 2016).

Portanto, os **termos** são expressões que nomeiam as coisas e/ou os objetos e os **conceitos** referem-se a significação e a essência desse objeto, sendo esse último um dos principais pontos de apoio para a produção de conhecimentos de um determinado campo científico, visto que a partir deles são construídas as perspectivas.

Os **conceitos**, assim como apontado anteriormente, possuem algumas funções básicas na produção dos saberes, sendo elas, a comunicação, a organização, a generalização, a comparação, a problematização e o aprofundamento. E, tais serão imprescindíveis para a construção da presente pesquisa, tendo em vista a importância do aprofundamento da temática na terapia ocupacional.

3.2. A linguagem

Os termos e os conceitos são elementos que pertencem a linguagem, a qual caracteriza-se por ser um sistema utilizado para a indicação de coisas, para a comunicação e para a expressão; sendo que as palavras permitem que o ser humano organize a realidade e a interprete (CHAUÍ, 2000). Ela “é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes” (CHAUÍ, 2000, p. 173).

Além disso, “ela é uma criação humana (uma instituição sociocultural). A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos” (CHAUÍ, 2000, p. 185).

Mas, para que a linguagem pudesse se consolidar e a comunicação se estabelecer foram necessárias a simplificação e a esquematização das coisas para nomeá-las através das

palavras. Assim, podemos dizer que a linguagem acaba por reduzir o que é múltiplo à uma unidade, produzindo a abreviação que permite o entendimento entre as pessoas (MOSE, 2014).

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (BONDÍA, 2002, p. 21).

A nomeação das coisas implica em ‘expressar’ aquilo que se vê através das palavras e, com isso, acabam sendo estabelecidas identidades e características às coisas. Assim, os elementos, que podem ser semelhantes e/ou diferentes, auxiliam no processo de nomeação e desenvolvimento da linguagem (FOUCAULT, 1999).

Porém, ressalta-se que a linguagem não revela a identidade, ou seja, o ser das coisas, “porque não há ser nem coisas, senão na linguagem” (MOSE, 2014, p. 53). Afinal,

por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparação, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definam (FOUCAULT, 1999, p. 12).

Chauí (2000) cita as ideias de Platão ao falar sobre as vantagens e os perigos da linguagem, assim, coloca que, segundo esse filósofo, a linguagem pode ser como um remédio por possibilitar o aprendizado, porém, pode ser também um veneno quando nos deixamos seduzir pelas palavras e as aceitamos como verdades, não as indagando.

Observa-se que as palavras revelam o poder que a sociedade atribui à linguagem, sendo que “esse poder decorre do fato de que as palavras são núcleos, sínteses ou feixes de significações, símbolos e valores que determinam o modo como interpretamos as forças divinas, naturais, sociais e políticas e suas relações conosco” (CHAUÍ, 2000, p. 175).

E, por mais que se tenha em mente que as palavras não denominam identidade às coisas, elas apresentam um poder intrínseco e, por vezes, podem se apresentar socialmente como verdades. Sendo que, de acordo com Foucault (1999), elas ocupam um lugar privilegiado de revelações sobre as coisas e, nesse espaço, a verdade se anuncia e se manifesta.

Além disso, coloca-se que as palavras podem expressar diversos significados a depender do indivíduo que a utiliza, a lê ou a ouve, em qual contexto e circunstância ela é

empregada, isso porque a linguagem está relacionada a expressão de pensamentos, valores e sentimentos, os quais são singulares (CHAUÍ, 2000). Desse modo, a linguagem é rodeada de uma diversidade de interpretações.

De acordo com Nietzsche, a linguagem e suas interpretações são o resultado de um jogo de forças (vontade de potência), da luta por domínio e caracterizam-se por serem provisórios (MOSEÉ, 2014).

Dessa forma, pode-se dizer que a linguagem está sempre em (re)construção e em transformação, pois é produto de uma disputa de forças que não tem fim, ou seja, ocorre constantemente produzindo interpretações provisórias (MOSEÉ, 2014).

Ressalta-se, ainda, que os processos de simplificação e esquematização, necessários para o surgimento e desenvolvimento da linguagem, surgem a partir da “imposição violenta de formas, como exercício de domínio” (MOSEÉ, 2014, p. 100). Ou seja, na linguagem o jogo constante de forças é regido pela lógica de interesses e domínio.

Observa-se, então, que a linguagem não estabelece identidades e/ou verdades sobre as coisas, o que existe é uma luta de forças que busca domínio e expansão. Assim, a linguagem será o resultado dessa luta, vontade de potência, como nomeado por Nietzsche (MOSEÉ, 2014).

Pensando que a linguagem pode abarcar diversas interpretações, as quais são produto de um jogo de forças e, que isso está sempre em movimento, ou seja, em constante transformação, pode-se dizer que a linguagem não para de se desenvolver, de se retomar e de fazer justapor-se suas novas formas. Assim, “a linguagem vai crescer sem começo, sem termo e sem promessa. É o percurso desse espaço vão e fundamental que traça dia a dia, o texto da literatura” (FOUCAULT, 1999, p. 61).

Ressalta-se, porém, que nesse processo de movimento infinito da linguagem em que uma determinada cultura muda sua maneira de pensar, sua interpretação e começa a pensar de outras maneiras, não é desconsiderado o que se pensou desde sua origem, sendo esta de grande influência para todo o processo (FOUCAULT, 1999).

O processo de movimentação infinita da linguagem e de sua interpretação sofrem influências de diversos fatores, dentre os quais estão: os culturais, políticos, econômicos, históricos, dentre outros. E, além disso, é importante considerar o sujeito que interpreta,

‘escolhe’ e utiliza as palavras, sendo ele único, pois possui experiências⁸ e saberes da experiência⁹ que só pertencem a ele, os quais são fundamentais e importantes em toda essa trama.

Por fim, salienta-se que a linguagem é expressa a partir de uma diversidade de línguas, as quais também surgem a partir de determinações históricas, geográficas, econômicas, sociais e políticas, ou seja, são influenciadas pelas condições particulares de cada sociedade e de sua cultura (CHAUÍ, 2000). Assim, a língua caracteriza-se por ser:

[...] uma instituição social e um sistema, ou uma estrutura objetiva que existe com suas regras e princípios próprios, enquanto a fala ou palavra é o ato individual de uso da língua, tendo existência subjetiva por ser o modo como os sujeitos falantes se apropriam da língua e a empregam (CHAUÍ, 2000, p. 182).

Ou seja, a linguagem é algo complexo e singular, sendo que ao olharmos para ela temos de ter em vista os processos e aspectos que envolve. Além disso, é importante considerar a língua, por ser determinada por fatores intrínsecos a uma sociedade e sua cultura, o que torna a linguagem um emaranhado de subjetividades.

Assim, ao nos debruçarmos no estudo dessa temática devemos considerar que o indivíduo ao usar determinado termo e conceito está demonstrando qual o seu modo de ver o mundo e a partir de qual perspectiva. Temos que ter em mente, também, os jogos de força inerentes ao processo de linguagem e o contexto em que esse indivíduo está inserido, visto que a língua (suas palavras e significações) desenvolvem-se a partir das determinações sociais e culturais.

3.3. Considerações acerca do campo de saber e a produção de conhecimentos

O presente estudo debruça-se sobre uma discussão que envolve o uso da linguagem dentro de um campo de saber específico, o da terapia ocupacional. Destarte, é imprescindível considerar os processos que envolvem o campo de conhecimento, assim, serão

⁸ Experiência é “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (BONDÍA, 2002, p. 25-6).

⁹ Caracteriza-se por aquilo “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 27).

apresentados alguns conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu e do Boaventura de Sousa Santos que fundamentarão nossa compreensão e análise dos dados.

Para Bourdieu o ‘campo’ pode ser definido como um espaço relativamente autônomo por possuir leis próprias, mas tem influência de leis sociais (externas), desse modo, o que determina seu nível de autonomia são os mecanismos criados para resistir e refratar as imposições dos fatores externos e reconhecer apenas as determinações internas. Sendo que, quanto maior for o seu poder de refração, maior será seu nível de autonomia (BOURDIEU, 2004).

Todo campo é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. Pode-se, num primeiro momento, descrever um espaço físico [...] como um mundo físico, comportando as relações de força, as relações de dominação (BOURDIEU, 2004, p. 22-3).

Nesse campo de forças há a luta interna entre os agentes que o compõem e a relação entre eles se dá através de uma estrutura hierárquica de dominação, sendo que suas colocações nessa estrutura determinam suas tomadas de posição, ou seja, o que eles podem ou não fazer (BOURDIEU, 2004).

Essa estrutura é, *grosso modo*, determinada pela distribuição do capital científico num dado momento. Em outras palavras, os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço. Mas, contrariamente, cada agente age sob a pressão da estrutura do espaço que se impõe a ele tanto mais brutalmente quanto seu peso relativo seja mais frágil (BOURDIEU, 2004, p. 24, grifos do autor).

Por sua vez, o capital científico caracteriza-se por ser “uma espécie particular do capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico” (BOURDIEU, 2004, p. 26).

Ou seja, cada agente, a partir do conhecimento e do reconhecimento (capital científico), ocupa um lugar na estrutura hierárquica do campo de saber e, é com base nela que são exercidas as forças e as lutas na produção de conhecimentos. Sendo que, quanto maior o capital científico de um agente, mais privilegiada será sua posição nessa estrutura e maior será a força que exercerá de dominação sob os demais agentes. Uma vez que o campo definiu o capital científico como dispositivo do exercício do poder.

Dessa maneira, aponta-se que alguns agentes possuem domínio na produção do conhecimento, podendo definir “o que é, num dado momento do tempo, o conjunto de objetos importantes [...] sobre os quais eles vão concentrar seus esforços e, se assim posso dizer, ‘compensar’, determinando uma concentração de esforços de pesquisa” (BOURDIEU, 2004, p. 25).

Ou seja, a terapia ocupacional como campo científico e, portanto, campo de força e luta, também pode ser compreendida a partir dos funcionamentos e fenômenos descritos, afinal a lógica que apreende, circunscreve e reproduz estes mecanismos também se relaciona com sistemas de forças para além do próprio campo.

Com isso, todo conhecimento produzido na terapia ocupacional irá sofrer influência dos processos implicados no campo. Seja pela influências e lutas de campos fronteiriços, seja pelas lutas internas do campo, pois este jogo é dinâmico, vivo e se dá em relação.

Aponta-se, ainda, que os agentes que ocupam lugares privilegiados na estrutura hierárquica do campo exercem grande influência na determinação dos objetos e/ou áreas de pesquisa em que deve haver maior concentração de esforços e estudos, sendo que tais se tornam objetos nobres e legitimáveis e, os demais, ignóbeis e menos prestigiados (BOURDIEU, 1998, 2004).

Com isso, o campo de saber como o da terapia ocupacional, privilegia o estudo de alguns objetos, que ganham maior destaque e importância na produção de conhecimentos e, acaba ‘desvalorizando’ outros. Ainda que a área não possua um histórico fortalecido na pesquisa.

De fato, o mundo da ciência [...] conhece relações de força, fenômenos de concentração de capital e do poder ou mesmo de monopólio, relações sociais de dominação que implicam uma apropriação dos meios de produção e de reprodução, conhece também lutas que, em parte, têm por móvel o controle dos meios de produção e reprodução específicos, próprios do subuniverso considerado (BOURDIEU, 2004, p. 34).

Reconhece-se que apesar da dominação de alguns agentes sobre a produção de conhecimentos, dada a estrutura hierárquica do campo, há, por vezes, os agentes com menor capital científico que lutam contra as forças dominantes exercidas dentro do campo e resistem às disposições impostas pelas estruturas, numa tentativa de modificá-las, ao invés de submeter-se a elas (BOURDIEU, 2004).

Assim, coloca-se que a temática da presente pesquisa pode ser apontada como um objeto de estudo que possui pouco prestígio para o campo científico da profissão atualmente, pois há pouco investimento em suas discussões, sendo privilegiada a produção de conhecimentos que se debruça nos estudos das especificidades das áreas de atuação. Ainda, ela pode ser compreendida como em constante disputa entre diferentes áreas e lutas do campo afim de produzir consensos e dissensos. Esta dinâmica presente em qualquer campo de saber também promove a expansão e novos conhecimentos.

Em relação a produção de saberes, podemos observar que há modelos dominantes que historicamente se estabelecem a partir das relações hierárquicas e de poder do campo científico, os quais serão apresentados a partir dos conceitos de Boaventura de Sousa Santos.

A ciência moderna fundamenta-se a partir de perspectivas positivistas e funcionalistas e, caracteriza-se pela crença de que é a única forma de conhecimento válida no mundo, dado seu rigor, sendo as demais formas inválidas, com isso acaba por reduzir o conhecimento a um número de experiências, tornando, assim, a diversidade, que há no mundo, irrelevante e invisível (SANTOS, 2007, 2010).

Indubitavelmente para que esta compreensão e crítica sejam coerentes com a produção de ciência, parte-se do princípio que a composição de todas escolhas, processos e formas de produzir conhecimento não ocorrem de forma neutra.

Para Santos (2010, 2010b), a ciência moderna desperdiça a diversidade infinita de experiências existentes no mundo, acreditando que apenas a partir dela é possível gerar experiências globais e, dessa maneira, produz a inexistência das experiências sociais, que irá denominar no campo da sociologia de - sociologia das ausências e/ou a impossibilidade de experiências sociais emergentes - sociologia das emergências.

Assim, são criadas linhas abissais que dividem o conhecimento válido do inválido. Essas linhas acabam por criar uma divisão entre Norte e Sul, porém, não literalmente, elas seguem a lógica do capitalismo/colonialismo, com isso, o lado Norte é composto por países que possuem um lugar privilegiado, não apenas na produção de saberes, mas também do ponto de vista político e econômico (SANTOS, 2010).

O pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano, de tal forma que princípios de humanidade não são postos em causa por práticas desumanas. As colônias representam um modelo de exclusão radical

que permanece atualmente no pensamento e práticas modernas ocidentais tal como aconteceu no ciclo colonial. Hoje, como então, a criação e ao mesmo tempo a negação do outro lado da linha fazem parte integrante de princípios e práticas hegemônicos (SANTOS, 2010, p. 39).

Desse modo, a produção de conhecimento denominada como do Norte elimina qualquer realidade e as experiências encontradas nos demais contextos e, com isso, faz prevalecer seu saber, acreditando que este “esgota o campo da realidade relevante”, tornando-se, assim, um conhecimento hegemônico. Sendo possível observar que esse conhecimento apresenta grande influência nos modos de vida dos demais países que não fazem parte desse contexto (‘do Norte’) (SANTOS, 2010, p. 32).

O outro lado da linha, por sua vez, acaba por caracterizar-se, de acordo com o pensamento abissal, como composto por práticas incompreensíveis, mágicas ou idolátricas, sendo que o desconhecimento de tais práticas acaba por conduzir à negação de sua existência. Com isso, aponta-se que “a negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal” (SANTOS, 2010, p. 39).

Com isso, as experiências do outro lado da linha (‘Sul’) acabam por serem excluídas da produção de conhecimento, não sendo englobadas entre os conceitos e as teorias dominantes no campo de saber (SANTOS, 2007).

A nossa compreensão do mundo é ainda hoje uma compreensão ocidental do mundo. E a compreensão do mundo é muito mais ampla que a compreensão ocidental do mundo. Portanto, nós precisamos de uma revolução epistemológica, outros olhares, outros sentidos que nos permitam captar essa diversidade (SANTOS, 2007, p. 176).

Acreditando na necessidade da criação de uma resistência ativa para que o pensamento abissal não continue se autorreproduzindo, dadas suas práticas excludentes, propõe-se o pensamento pós-abissal, o qual parte da crítica à maneira como a ciência moderna se coloca como a única forma de conhecimento válida no mundo e elucida a ideia de que existe uma diversidade de conhecimentos e experiências que devem ser apreciados, resgatados e considerados (SANTOS, 2007, 2010).

Assim, fundada a partir de uma perspectiva crítica, surge a Epistemologia do Sul, com a proposição da produção de conhecimentos a partir de uma ecologia de saberes, que parte

da ideia de que “a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada” (SANTOS, 2010, p. 51).

Coloca-se, então, que

o pensamento pós-abissal é um pensamento não-derivativo, envolve uma ruptura radical com as formas ocidentais modernas de pensamento e ação [...]. O pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia dos saberes. É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia (SANTOS, 2010, p. 53).

A ecologia de saberes procura, dessa maneira, favorecer o reconhecimento da diversidade de conhecimentos, “dar consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo [...], promover a interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes, não-científicos” (SANTOS, 2010, p. 56-57).

Desse modo, a ecologia de saberes defende o diálogo entre as diferentes formas de conhecimento e o enriquecimento mútuo entre eles. Além disso, acredita que apenas a partir da compreensão e da comparação com os diferentes conhecimentos é que um determinado saber poderá conhecer suas possibilidades e limites de ação e compreensão, pois nenhum conhecimento pode ser compreendido por si só sem se reportar aos outros (SANTOS, 2010, 2010b).

Assim, a ecologia de saberes acredita que “a diferença epistemológica só pode ser minimizada através de comparações recíprocas entre saberes na busca de limites e possibilidades cruzadas” (SANTOS, 2010b, p. 544).

Sendo a terapia ocupacional um campo de conhecimento, ela também se relaciona com as lutas epistemológicas em torno dos saberes que se constroem de forma hierárquica, dentro de uma relação de subordinação a outros campos, saberes e práticas.

E, assim, no contexto da profissão, “como em tantos outros, a América Latina, e em especial o Brasil, configuram uma experiência à margem do pensamento e produção que orienta e afirma o cenário científico” (CASTRO, et al., 2013, p. 745).

Por isso, salienta-se a necessidade da valorização dos conhecimentos desenvolvidos no contexto brasileiro, de se debruçar, refletir e aprofundar nos estudos sobre eles, pois acredita-se que apesar de sua construção de saberes ser ainda dada como incipiente,

tenciona discussões, amplia o debate da diversidade, dos direitos, da cidadania e acesso de grupos e populações tidos como marginalizados.

3.4. A importância do estudo da linguagem na terapia ocupacional

Aponta-se que há, na terapia ocupacional no Brasil, uma diversidade de termos que são utilizados na nomeação das práticas terapêuticas que são desenvolvidas, entre eles estão: ação, atividade, atividade humana, ocupação, cotidiano, desempenho ocupacional, fazer humano, dentre outros (FERRIOTI, 2013). E, além da polissemia de termos, há uma diversidade conceitual ligada a cada um deles, a qual está atrelada a diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

De acordo com Quarentei (2007), a construção desses novos instrumentos e/ou objetos na terapia ocupacional nada mais é do que a variação dos modos de nomear as atividades, com o intuito de dar cientificidade a esta. O que, segundo ela, é uma ação coletiva para sustentar e viabilizar a existência da profissão, demonstrando seu potencial de resistência, complexidade e criação dos conhecimentos da área.

A polissemia dos termos também pode ser compreendida como a construção de fazeres e saberes constituídos a partir da expansão das áreas e campos de atuação que buscaram novas formas de responder as novas demandas. É preciso reconhecer “a polissemia, a polivocidade e a pluralidade inevitável para a construção de um campo que foi, necessariamente, marcado por práticas e saberes diversos” (SILVA, 2013, p. 462).

Em pesquisa realizada por Lima, Pastore e Okuma (2011) foi feita uma investigação do modo como as atividades têm sido pensadas e teorizadas na produção científica brasileira (periódicos) dos terapeutas ocupacionais entre os anos de 1990 e 2008¹⁰. A partir da qual, foi possível investigar quais os termos têm sido mais utilizados pelos terapeutas ocupacionais brasileiros ao se referirem ao seu ‘instrumento de intervenção’ (classificação apresentada pelas autoras).

Entre os termos encontrados nos periódicos, atividade apareceu em 91% das publicações selecionadas, seguido por fazer (43%), ação (37%) e ocupação (17%). O que evidencia o

¹⁰ Foram consultados os seguintes periódicos nesta pesquisa: Cadernos de Terapia Ocupacional do Grupo de Estudos Profundos de TO (GES.TO), Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, Revista de Terapia Ocupacional da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Revista do Centro de Especialidades de Terapia Ocupacional (CETO) e Revista de Terapia Ocupacional da USP.

maior uso do termo atividade no contexto brasileiro. Salienta-se que o termo ocupação foi utilizado de forma isolada em apenas uma das publicações (0,5%), assim como fazer e ação que foram utilizados em duas delas (1%), nas demais, essas palavras foram utilizadas em associação com outras (LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011).

Ainda, apresenta-se o termo cotidiano, o qual ganha destaque na profissão mais recentemente. No estudo realizado por Lima, Pastore e Okuma (2011), ele foi utilizado na busca e classificado dentro do ‘domínio das atividades’; e foi a expressão, dentro da classificação realizada no estudo, que apresentou maior evidência nas discussões, sendo utilizada em 37% das publicações.

Ressalta-se que dentro de um campo teórico específico os termos e/ou palavras produzem sentidos e realidades, além disso, eles dizem respeito a um determinado pensamento, o qual dá sentido, expressa sobre a pessoa que o utiliza, demonstrando como ela se posiciona e age frente a sociedade e ao mundo (BONDÍA, 2002).

Considerando que a linguagem é o fundamento do conhecimento (MOSÉ, 2014), aponta-se para a importância do investimento dos estudos acerca da compreensão do uso da linguagem nos campos de saber.

Todos os conhecimentos sustentam práticas e constituem sujeitos. Todos os conhecimentos são testemunhais porque o que conhecem sobre o real (a sua dimensão ativa) se reflete sempre no que dão a conhecer sobre o sujeito do conhecimento (a sua dimensão subjetiva) (SANTOS, 2010, p. 58).

Assim, destaca-se que a partir do estudo dos termos e dos conceitos de um campo do conhecimento específico é possível contrastar e comparar, ou seja, diferenciar e afirmar aquilo que há de comum entre um fenômeno ou objeto (BARROS, 2016). Porém, para além disso, torna-se possível, também, a compreensão dos processos que estão envolvidos no uso de determinadas palavras e conceitos e de seus respectivos entendimentos.

Nomear o que fazemos [...] como técnica aplicada, como práxis reflexiva ou como experiência dotada de sentido, não é somente uma questão terminológica. As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle (BONDÍA, 2002, p. 21).

Evidencia-se a importância da nomeação daquilo que se faz, independentemente do campo disciplinar de atuação. O uso de determinados termos e, respectivamente, os

conceitos atrelados a eles tornam-se ferramentas fundamentais para a construção teórico-prática do corpo de conhecimentos dos diferentes campos de saber.

Desse modo, o estudo e a discussão das terminologias e conceituações de determinada área tornam-se imprescindíveis para a criação de problematizações e aprofundamento dos conhecimentos. Assim, “conhecer será, pois, interpretar: ir da marca visível ao que se diz através dela e, sem ela, permaneceria palavra muda, adormecida nas coisas” (FOUCAULT, 1999, p. 44).

Com base nos apontamentos feitos até o momento, considera-se a relevância do estudo da linguagem na terapia ocupacional, tendo em vista a diversidade de palavras e a polissemia de conceitos que engloba, além do jogo de forças, das relações hierárquicas e disputas de poder presentes na produção de conhecimentos.

Por isso, este trabalho se propõe a traçar um panorama histórico do uso dos termos a partir de um aprofundamento teórico acerca da temática em combinação com um mapeamento dos termos utilizados pelos profissionais no CBTO. E posteriormente, identificar o uso dos termos por terapeutas ocupacionais na atualidade. É um momento de parar, refletir e olhar para essa discussão, de modo a eliminar possíveis estigmas, criar problematizações e aprofundar o conhecimento em uma temática ainda pouco explorada na terapia ocupacional.

4. PANORAMA HISTÓRICO DO USO DOS TERMOS NO CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL A PARTIR DOS ATUAIS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS PESQUISADORES

Os dados que compõem o presente capítulo são compostos por um aprofundamento teórico sobre a temática e pelo mapeamento dos termos apresentados no CBTO, por atuais terapeutas ocupacionais que assumem espaços formais como pesquisadores nos grupos de pesquisa cadastrados. Assim, foi possível traçar um percurso histórico do uso dos termos ao longo dos anos da realização do evento.

Ressalta-se que esses dados não são suficientes para representar o desenvolvimento do uso dos termos feito pelos terapeutas ocupacionais ao longo do tempo, pois fazem parte de um recorte necessário para a realização pesquisa, mas que contribui para o esclarecimento e análise de uma determinada fenda de saber neste campo.

4.1. Percurso histórico

Para Medeiros (2010), não é possível construir uma história linear da terapia ocupacional, porém é importante entender as características que a profissão assumiu e continua assumindo e os diferentes contextos em que está inserida.

Além disso, o presente estudo toma a afirmação de que “não há linearidade evolucionista na história da Terapia Ocupacional, mas histórias que são construídas dialeticamente, na cotidianidade das relações sociais, sejam elas de ordem pessoal ou profissional” (DE CARLO; BARTALOTTI, 2001, p. 19-20).

Esse olhar sobre a história da terapia ocupacional também corrobora com princípios do materialismo histórico que busca evidenciar as disputas entre determinados grupos em uma sociedade e que, ademais, não procura estabelecer uma evolução linear dos fatos (SOARES, 2007).

Considera-se também que

para contar **as histórias**, uma perspectiva histórica da profissão, é preciso anos de estudos, pesquisas e entrevistas, sistematização de documentos e escrita. É preciso somar, compor com outros trabalhos, pesquisas, explorações que nunca cessam, pois o processo histórico é dinâmico e o contar histórias é sempre incompleto, inacabado. É preciso ainda tatear os limites, as contradições e os paradoxos dos discursos,

vendo que não há uma história completa (CARDINALLI, 2017, p. 140-1, grifo do autor).

Assim, será realizado um delineamento histórico do uso dos termos no decorrer do desenvolvimento da profissão no Brasil e dos possíveis aspectos que influenciaram nas mudanças da utilização de tais, tendo em vista a importância dessa compreensão para a discussão e o entendimento do uso dos termos atualmente no país. Porém, enfatiza-se que o objetivo aqui não é o de traçar a história da terapia ocupacional no Brasil, visto que já existem diversos estudos que têm esse foco. Para isso, será utilizada a combinação dos seguintes dados: aprofundamento teórico da temática e mapeamento do uso dos termos no CBTO.

Ainda, ressalta-se que a escolha dos referenciais teóricos para compor esse capítulo foi feita a partir daqueles que apresentam destaque e relevância para a área, ou seja, que demarcam fronteiras para a discussão histórica da terapia ocupacional. Além disso, optou-se por reflexões que apresentam o desenvolvimento e o uso dos termos que são objeto de estudo da presente pesquisa, sendo eles: atividade, ocupação e cotidiano.

Ademais, não serão enfatizados os fatos históricos prévios a institucionalização e criação da profissão, como, por exemplo, da terapêutica ocupacional desenvolvida por Nise da Silveira, embora seja reconhecida essa importância.

A terapia ocupacional como profissão surge a partir do desenvolvimento da divisão do trabalho promovida nas áreas da assistência social e da saúde, o que gerou a multiplicação das especialidades (NASCIMENTO, 1990). Essa fragmentação causou a separação entre a prática e a teoria, ou seja, entre o saber e o fazer, na busca de maior eficácia das práticas desenvolvidas, o que, por sua vez, leva à especialização (LIMA, 1997).

Neste contexto, foram criados os cursos de terapia ocupacional, os quais apresentavam a princípio o objetivo de “treinar pessoas para aplicar, tal como um remédio, atividades a doentes de vários tipos” (NASCIMENTO, 1990, p. 17).

Hegemonicamente afirma-se que no surgimento da profissão nos Estados Unidos¹¹ tinha-se a ideia de que as ocupações eram fundamentais para a organização do comportamento,

¹¹ Esse é um histórico contado do ponto de vista de seus ‘fundadores’, no caso da terapia ocupacional, especificamente no contexto dos Estados Unidos, porém, ainda pouco reconhecido e desvendado outros referenciais que possam complementá-lo ou que o contraponha. Dessa maneira, o embasamento trazido faz

do estilo de vida e dos papéis sociais dos indivíduos, nesse contexto, o termo ocupação¹² tinha grande destaque e fazia muito sentido (CARDINALLI, 2017; SALLES; MATSUKURA, 2016). Assim, um dos objetivos principais da terapia ocupacional nesse período era o estabelecimento de hábitos saudáveis, pois acreditava-se que a partir deles o paciente passaria a ter uma vida mais saudável (DRUMMOND, 2007).

A demanda que se apresentou mais presente no surgimento da profissão foi a reabilitação dos incapacitados pela guerra, sendo o objetivo da terapia ocupacional a restauração da capacidade e a reinserção social desses sujeitos, o que foi realizado por meio do tratamento através das ocupações, o qual propunha um treinamento de hábitos de autocuidado e de comportamentos sociais adequados (DE CARLO; BARTALOTTI, 2001).

Além disso, a palavra ocupação, no início da profissão nos Estados Unidos, também era relacionada com o trabalho, pois acreditava-se na cura pelo trabalho, tendo a ideia de que ele era “essencial para a saúde, bem-estar e felicidade”, assim, havia uma crença de que através do trabalho poderia ser realizada a recuperação da saúde (SALLES; MATSUKURA, 2016, p. 16).

Seguindo os modelos e as concepções importadas, principalmente as correntes anglo-saxãs, o surgimento da terapia ocupacional no Brasil teve o termo ocupação guiando e nomeando suas práticas terapêuticas, sendo o seu foco de tratamento os componentes da performance ocupacional e a melhora das funções (CARDINALLI, 2017). Ainda, ressalta-se que os primeiros cursos de formação no país apresentavam ênfase na área da reabilitação física, também por influências internacionais (DE CARLO; BARTALOTTI, 2001; SOARES, 1991).

Nesse momento, a terapia ocupacional era “uma aplicação técnica que consistia na replicação de determinados procedimentos de avaliação e tratamento, fundamentados a partir de determinados conhecimentos biológicos, cinesiológicos, psicológicos e clínicos” (GALHEIGO, 2007, p. 3). O ensino era, então, eminentemente clínico, focando-se na patologia e seus respectivos sintomas e em alguns aspectos da terapêutica a ser empregada (SOARES, 1991).

jus a essa hegemonia histórica da profissão, reconhecendo a importância de maior compreensão sobre o que não tem sido dito, pesquisado e revelado sobre a composição histórica da profissão.

¹² Um delineamento histórico sobre o conceito de ocupação no surgimento da profissão internacionalmente e de suas respectivas mudanças pode ser encontrado no estudo feito por Salles e Matsukura (2016).

A terapia ocupacional tinha por objetivo a redução dos sintomas clínicos, a partir de uma perspectiva organicista (predominante nessa época – início da profissão no país), desse modo, aplicava as atividades prescritas a cada patologia e ia informando ao médico sobre as possíveis evoluções do paciente (SOARES, 1991).

[...] os pacientes agressivos deviam trabalhar com argila para descarregar os impulsos agressivos, os pacientes desagregados deviam fazer tecelagem para organizar o pensamento e os pacientes depressivos trabalhar atividades recreativas para facilitar a sociabilização. Para cada tipo de sintoma correspondia um determinado tipo de atividade (SOARES, 1991, p. 170).

Nesse período, a terapia ocupacional era ligada ao modelo biomédico e, por isso, foi desenvolvendo suas áreas de atuação segundo as especialidades médicas a que se aplicava, o que gerou uma diversidade de funções que só respondiam às áreas específicas. Assim, a profissão acabou apresentando diferentes objetos de estudo, instrumentais e objetivos, os quais modificavam-se de acordo com a clientela atendida (SOARES, 1991).

A origem da terapia ocupacional não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina esteve relacionada à uma perspectiva reducionista de base positivista dos anos 50 dos países anglo-saxões (GALHEIGO, 2007, 2012).

Na perspectiva reducionista de base positivista os problemas são subdivididos em unidades cada vez menores e separados uns dos outros. Além disso, para essa concepção a certeza, a objetividade e a precisão, são fundamentais para a planificação da intervenção, que depende das evidências científicas para que sejam validadas. As metodologias positivistas, portanto, adotam uma posição de neutralidade científica e não relacionam os problemas das pessoas e/ou dos coletivos com as questões de classe social, gênero e/ou etnia, nem tampouco aos valores e a posição política dos profissionais e científicos. O aporte positivista, por seu enfoque quantitativo e de comprovação dos atos, nega o conhecimento válido dos aspectos subjetivos e das perspectivas dos atores sociais (GALHEIGO, 2012, p. 4).

A profissão se especializa, então, de acordo com sua clientela e com as divisões da área médica e, com isso, acaba por perder a unidade comum da terapia ocupacional, dada a diversidade de técnicas específicas e da diferença de práticas (SOARES, 1991).

O desenvolvimento da terapia ocupacional até esse momento acaba por ocasionar uma crise de identidade profissional na década de 1970, a qual “é marcada por conflitos e debates a partir dos quais se reconhece a necessidade de ampliação do modelo teórico para a prática profissional” (SOARES, 1991, p. 192).

Assim, a década de 1970 apresentou-se, para a profissão, segundo alguns autores, como um período de “crise de identidade”, sendo que muitos ainda acreditam que ela não foi superada pela categoria pelo fato de que ainda não se chegou a um ‘consenso’ a respeito de definições, identidade profissional, dentre outros aspectos (DE CARLO; BARTALOTTI, 2001).

Em relação a identidade profissional, a partir de discussões mais atuais, tem-se que é “uma construção imaginária que atribui um valor a uma determinada profissão, valor este que está diretamente relacionado com o valor que aquela prática tem socialmente” (LIMA, 1999, p. 43).

Tendo esse conceito em vista, Lima (1999) aponta que a terapia ocupacional possui uma prática dispersa e com ações amplas, o que, por vezes, provoca o sentimento de que a profissão não apresenta uma identidade, ou seja, de que não há uma referência que demarque a terapia ocupacional como uma comunidade e que possibilite o reconhecimento entre seus profissionais.

Porém, Lima (1999) ressalta que a identidade cria territorialização e que os profissionais precisam estar atentos para o perigo de ficarem aprisionados nesse território e, com isso, fechados para a abertura de novas configurações. E, segundo a autora, quando há abertura para novos territórios é possível falar de uma identidade processual, complexa e feita de diferenças.

Assim, a autora defende que a terapia ocupacional tenha uma identidade complexa, a qual possa ter mobilidade processual e abranger a multiplicidade de problemáticas colocadas ao campo, mas que possibilite também uma “identidade” para que possamos pertencer a uma comunidade, considerando a importância disso (LIMA, 1999).

Furtado (1999), considerando a multiplicidade de ações da terapia ocupacional e a possibilidade que apresenta de se conectar com vários saberes, propõe para a profissão uma identidade positiva, a qual parte das trajetórias e das conexões com as demais disciplinas.

Segundo Benetton (1994), a década de 1970 ficou marcada pela transformação da terapia ocupacional a partir do seu encontro com ideias psicodinâmicas e com a psicologia. Fato que a autora aponta como tendo sido fundamental para o rompimento da terapia ocupacional brasileira com a produção de conhecimento importada, o que, por sua vez,

permitiu a construção de novos conceitos e conhecimentos, dando uma nova perspectiva à profissão, a qual “vincula-se profundamente à melhoria das condições de vida, sendo esta última o alvo verdadeiro, o objetivo forte” (BENETTON, 1994, p. 55).

Nesse mesmo período, surge nos Estados Unidos a indagação de quais seriam os elos que ligavam as diversas áreas de atuação na terapia ocupacional, mais especificamente sobre a ocupação. Assim, buscando ampliar os conhecimentos da área, investiu-se nos estudos sobre a ocupação humana. Sendo o modelo do Comportamento Ocupacional, desenvolvido por Mary Reilly o precursor e tendo influenciado as demais produções teóricas que seguiram sobre os fundamentos da profissão (DRUMMOND, 2007).

O Comportamento Ocupacional partiu do pressuposto de que a ocupação era o centro e o método da área. Assim, foi construída uma base de conhecimentos sobre a ocupação, sob os pontos de vista da filosofia, psicologia, sociologia e antropologia, buscando fundamentar um princípio geral que norteasse a profissão (DRUMMOND, 2007, p. 11).

É possível observar a partir disso que a terapia ocupacional apresenta, nos diversos contextos, a partir de uma crise de identidade causada pela diversidade de áreas de atuação, uma crítica às práticas que estavam sendo desenvolvidas até então e inicia uma busca por ampliação e especificidade de seus conhecimentos.

No Brasil, até a década de 1980, o embasamento teórico-prático da terapia ocupacional sustentava-se na literatura estrangeira (DRUMMOND, 2007). Porém, nesse período, ocorre um forte movimento na área da saúde que indagava o papel dos técnicos nas instituições e do atendimento que era oferecido às populações, o que gerou uma crítica a prática que vinha sendo oferecida pela profissão, a qual tendia a amortizar os conflitos e a manter o *status quo*, através de uma reabilitação que pretendia adaptar o sujeito a determinada realidade ou a um “modo dominante de existência” (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 44).

Percebeu-se, nesse momento que os modelos reducionistas de terapia ocupacional não respondiam ao contexto e as demandas e necessidades da população atendida, sendo que as problemáticas desse grupo transcendiam as patologias e sintomas e avançavam em direção as questões sociais, culturais, políticas e econômicas (SOARES, 1991; CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001).

Essa indagação e revisão, que ocorre na década de 1980, acerca das práticas oferecidas pela terapia ocupacional, se dá por influência dos movimentos sociais em ascensão, dada insatisfação com os sistemas político e econômico do Brasil. Além disso, é motivada também pelo crescimento dos docentes nos cursos de graduação, o que gerou uma crítica em relação à formação, conceitos e práticas desenvolvidas (GALHEIGO, 2007; DRUMMOND, 2007).

Questionavam-se, sobretudo, a alienação política das práticas dos profissionais, a falta de crítica das condições concretas de reabilitação dos pacientes no contexto sócio-econômico-político brasileiro, a neutralidade política adotada nos conceitos de terapia ocupacional ao visarem a uma adaptação ótima dos pacientes na sociedade (DRUMMOND, 2007, p. 13).

Assim, uma vez que os conteúdos e os modelos ensinados não representavam ou não respondiam as demandas da realidade brasileira, que nesse momento histórico também estava se reinventando, modificaram-se as sustentações epistemológicas, fundamentações teóricas e as maneiras de intervir na prática (MEDEIROS, 2007).

Há, então, na década de 1980, um fortalecimento da formação científica na área, concomitantemente, ocorre a ampliação da produção de conhecimentos nacional, que se torna a base da prática profissional no país e a qual começa a sustentar o debate e interação com a produção internacional (SOARES, 2007).

Esse período fica marcado pela criação de novas terminologias, conceituações e revisão de práticas e pelo “rompimento” com a literatura internacional, apresentando maior construção nacional e ênfase ao uso do conceito de atividade que, a partir de então, passa a ser um elemento importante na desconstrução de práticas excludentes e alienantes (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001; SALLES; MATSUKURA, 2016).

Nesse movimento de modificação de terminologias e revisão de conceitos,

muitos profissionais buscaram repensar a profissão sobre outras bases teóricas, ideológicas e práticas [...] propondo modos de operar e pensar essa atuação que respondessem de forma mais adequada à demanda que a prática e o encontro com os pacientes colocavam cotidianamente. Nessa tarefa tomavam como aliados muitos dos autores brasileiros que buscaram aprofundar os estudos sobre a utilização das atividades com objetivos terapêuticos (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 43).

Na década de 1990, sobre as influências dos questionamentos políticos-econômicos-sociais, feitos na década anterior, há a organização das pessoas portadoras de deficiência e o movimento de desinstitucionalização da psiquiatria, ambos caminhando na luta pelos direitos de cidadania (DRUMMOND, 2007).

Nesse período, na área da terapia ocupacional, Beatriz Nascimento publicou um artigo que apresentava uma crítica à visão que se tinha na profissão de que as atividades tinham um valor terapêutico intrínseco a elas, ressaltando que, para ela, isso era um mito, “uma crença no poder mágico das atividades” (NASCIMENTO, 1990, p. 19). Esse artigo tornou-se emblemático para a profissão e funcionou como um disparador para o surgimento de novas ideias, terminologias e conceituações sobre as atividades na terapia ocupacional.

A partir desse momento, “a atividade é, então, questionada como recurso principal da prática da terapia ocupacional, na tentativa de reelaborar esse ‘mito’, que estaria encobrindo os reais objetivos e efeitos das ações dos terapeutas ocupacionais” (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 44).

Ainda, Nascimento (1990) enfatiza, ao final de sua reflexão sobre as atividades na terapia ocupacional, que não há receitas para o desenvolvimento da prática, mas que ela pode ser pensada tendo-se em vista “a ação transformadora dos técnicos e pacientes juntos, a partir e no processo de restituição do paciente à condição de homem, sujeito de sua própria história, participante do seu destino; uma intervenção – ao mesmo tempo técnica e política” (p. 21).

Os usos dos termos e dos diferentes conceitos que foram produzidos, que desenvolveram a polissemia dos mesmos, também foram constituídos na importante correlação da construção de saberes da terapia ocupacional na associação com outros campos.

Afinal, a terapia ocupacional foi construindo-se em resposta às demandas e necessidades que foram sendo colocadas nas diversas áreas de conhecimento, o que lhe exigiu esforços para o desenvolvimento e aprimoramento de técnicas, conceitos e saberes específicos de cada área (LIMA, 1997, 1999; FERIOTTI, 2013, 2017).

A partir de então, são desenvolvidos alguns conceitos e usos do termo atividade, sendo apresentado, por cada um deles, diferentes perspectivas teórico-metodológicas para seu embasamento. Dentre eles, podem ser citados os conceitos de alguns autores que

explicitamente fazem referência ao termo, seu significado e uso, como: o de Jô Benetton utilizado no Método da Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD), em que a atividade compõe a relação triádica junto com o paciente e o terapeuta (BENETTON; MARCOLINO, 2013); o de Berenice Rosa Francisco na proposição das Correntes Metodológicas, em que são descritas quatro funções das atividades (FRANCISCO, 2001).

Quarentei (2001) também se debruça sobre estudos acerca das atividades na perspectiva de uma terapia ocupacional como produção de vida e apresenta as atividades como sendo territórios existenciais, no sentido de que elas “podem ser **nosso chão, um lugar para nos deslocarmos, ocuparmos e existirmos**” (p. 6, grifo do autor). E, a autora defende ainda que a vida se caracteriza, dentre suas diversas dimensões, como um continuum de atividades.

O termo atividade também é conceituado por Castro, Lima e Brunello (2001), que se referem à atividade humana como “um conjunto de ações que apresentam qualidades, demandam capacidades, materialidade e estabelecem mecanismos internos para sua realização” (p. 47).

Temos também, a partir da terapia ocupacional social, que atividade é algo “permeado de historicidade, nutrido pela dimensão sócio-política e cultural enquanto instrumento para emancipação” (BARROS; LOPES; GHIRARDI, 2002, p. 102). Além disso, acredita-se que o conceito não apresenta um significado fixo, mas que formado por diversos significados que se sobrepõem e se complementam, formando, dessa maneira, parte de identidades (BARROS, 2004).

Então, com o surgimento do conceito de atividade humana na terapia ocupacional no Brasil abriu-se à profissão o “acesso à toda manifestação humana. Coloca sob seu domínio: o cotidiano [...], a capacidade de criação e produção, o lazer, a brincadeira infantil, a necessidade de instrumentos para a adaptação” (GALHEIGO, 1988, p. 69). E, de acordo com Galheigo (1988), este conceito universaliza-se na terapia ocupacional e, por vezes, será criticado, transformado e revisto, mas não será abolido.

Com isso, foram sendo desenvolvidos não apenas diferentes conceitos, mas nomenclaturas/qualificadores em torno das atividades na terapia ocupacional, dessa maneira, o termo passou a ser utilizado, por vezes, de maneira isolada e, em outras, associado a palavras como: humana, lúdica, artística, criativa, cultural, de vida diária, entre outras (GALHEIGO, 2012; FERIOTTI, 2017).

Coloca-se também que outros termos podem ser encontrados na literatura da terapia ocupacional, sendo utilizados isoladamente e/ou como sinônimos de atividade, dentre eles estão: ação, fazer humano, práxis, cotidiano, ocupação, afazeres diários, desempenho ocupacional, rotina ocupacional, dentre outros (FERIOTTI, 2013, 2017).

Sendo que ainda na década de 1990, a terapia ocupacional começou a olhar para o cotidiano dos sujeitos, “para a dimensão cultural das atividades assumidas no dia-a-dia, para a busca de melhor qualidade de vida em projetos com significado para cada sujeito” (DRUMMOND, 2007, p. 14).

Em meados dos anos 2000, o termo e o conceito de cotidiano tornam-se mais evidentes na literatura nacional e passam a ser adotados como objetos de estudos que os relacionam com a terapia ocupacional. Além disso, começa a ser observado que há na profissão uma mudança em seu objetivo, o qual passa do treinamento de atividades de vida diária para a ressignificação do cotidiano (GALHEIGO, 2003).

Desse modo, cotidiano surge em uma busca de se utilizar termos e conceitos que se enquadrem ao pensamento e às proposições críticas da ação em terapia ocupacional (GALHEIGO, 2003). Sendo que,

a incorporação do conceito de cotidiano na produção teórica e no discurso da prática traz implícita uma mudança radical na proposição teórico-metodológica da terapia ocupacional. A ação da terapia ocupacional, segundo a perspectiva crítica, funda-se na retomada histórica e contextualizada do sujeito e de sua inserção participante no coletivo (GALHEIGO, 2003, p. 108).

Ademais, observa-se que, nos últimos dez anos, o uso, como referência teórica, da ciência ocupacional tem ganhado maior espaço no Brasil. Tendo ocorrido “uma crescente expansão do conhecimento de Terapia Ocupacional centrada na ocupação humana, assim como a tendência em delimitar suas áreas de atuação baseadas na ótica do ‘desempenho ocupacional’” (FERIOTTI, 2017, p. 30).

Sobre a ciência ocupacional, Magalhães (2013) coloca que é uma disciplina fundada por uma norte-americana e surge com o objetivo de produzir estudos rigorosos referentes à ocupação humana. E, aponta que tem sido discutida e desenvolvida por pesquisadores da América do Norte, Europa e Austrália.

Ainda, ressalta-se que a própria expressão ocupação (*occupation*) em inglês carrega significados dúbios e que nem sempre pode ser traduzida para outros contextos

linguísticos, assim como, temos ‘terapia ocupacional’ com muitas denominações diferentes no mundo. E, enfatiza-se que esse termo, assim como os demais, apresenta uma polissemia conceitual atrelada a ele (MAGALHÃES, 2013).

Desse modo, observa-se que o termo ocupação, apesar de não apresentar destaque no uso dos termos na terapia ocupacional ao longo de seu desenvolvimento no Brasil, retorna às discussões e estudos acadêmicos e passa a ser utilizado no embasamento das diversas práticas terapêuticas ocupacionais.

Porém, aponta-se que essa utilização está, mais uma vez (assim como na origem da profissão no país), vinculada a perspectivas e estudos que vêm sendo desenvolvidos internacionalmente. Além disso, apresenta-se como um termo de difícil tradução para alguns contextos linguísticos e, muitas vezes, a perspectiva a que pertence pode não se adequar as demandas encontradas nos diferentes países.

Ademais, aponta-se que mesmo o termo ocupação sendo muito presente na terapia ocupacional no início de seu desenvolvimento no Brasil, nunca foi um termo bem aceito dada a conotação de menor valor atrelada a ele, sendo, muitas vezes, relacionado com a ocupação do tempo livre (GALHEIGO, 2012).

Além disso, a tradução para o português resguarda todo sentido cultural e de práticas sociais atrelados ao termo. Assim a ocupação pode ser utilizada com outros sentidos como o de ‘tomar posse’ e/ou de ‘ocupação de território’ e/ou de referir-se à ‘trabalho/emprego’, de forma não bem vista por parte dos terapeutas ocupacionais (GALHEIGO, 2012).

Outras hipóteses, que consideram o histórico social e cultural do Brasil, ressaltam outros fatores que podem influenciar na não aceitação do termo ocupação no país, as quais apontam um paradoxo em relação ao lugar ocupado por esse termo.

A história evidencia um uso indevido da exploração do trabalho de pacientes através de programas denominados falsamente de ‘ocupação terapêutica’ difundido em muitas instituições. Somado a isso, a forte associação do termo ocupação com trabalho, nessa cultura, e no lugar do trabalho no imaginário de um povo marcado por um longo e recente período de escravidão e por uma sociedade que ainda não superou os intensos mecanismos de exploração e de colonização (FERIOTTI, 2017, p.29).

Com o que foi apresentado até o momento, tem-se que os termos atividade, cotidiano e ocupação apresentam desenvolvimento e modificações atrelados às críticas feitas aos modelos e perspectivas teórico-metodológicas e às demandas e necessidades que foram sendo colocadas à prática profissional.

E, para auxiliar e ampliar a compreensão sobre o uso dos termos ao longo do tempo, a partir de uma análise quantitativa, serão apresentados os dados do mapeamento dos trabalhos publicados por terapeutas ocupacionais vinculados aos grupos de pesquisa da área, durante os anos da realização dos CBTO (entre 1989 e 2015).

4.2. Os termos nos grupos de pesquisa

Serão apresentados, inicialmente, os perfis que puderam ser desenhados a partir dos métodos de investigação utilizados para a coleta dos presentes dados.

A partir da chave de busca “terapia ocupacional” encontrou-se um total de 69 grupos de pesquisa, dos quais 25 não apresentavam nenhum terapeuta ocupacional como líder e 11 estavam desatualizados. Desse modo, foram considerados 33 grupos pelos critérios de inclusão adotados.

Sobre o nome dos grupos de pesquisa, sete (21%) apresentam algum dos termos estudados no presente trabalho (atividade, ocupação e cotidiano). Sendo que o mais presente foi atividade, que apareceu em quatro deles (12%), dos quais três referem-se à(s) atividade(s) humana(s); ocupação está presente em dois deles e cotidiano em apenas um.

Em relação às linhas de pesquisa, temos um total de 112, que variam sua concentração nos grupos entre sete e apenas uma, com uma média de 3,4 por grupo; 15 (13,4%) delas possuem ao menos um dos termos em seu título, sendo eles: ocupação (7); atividade (5) e; cotidiano (3).

4.3. Publicações dos terapeutas ocupacionais pesquisadores

A partir da seleção dos grupos de pesquisa, foram acessados os 178 pesquisadores que os compunham, o que permitiu a realização de um outro levantamento. Desses, 111 (62,35%) possuem entre uma e dez publicações ao longo dos anos da realização do evento

no período pesquisado; 24 (13,5%) não apresentam nenhuma publicação; 21 (11,8%) possuem entre 11 e 20 trabalhos e; por fim, 22 (12,35%) apresentam mais de 20 trabalhos publicados. Sendo que, consta uma relação de 69 trabalhos a pesquisadora com maior número de publicações. Dos 154 pesquisadores que apresentam publicações no evento, o número de trabalhos variou entre um e 69, tendo-se uma de média 10,9 trabalhos por autor.

Ainda, a partir da listagem das publicações e com base no estudo de Lima, Pastore e Okuma (2011), foi realizada busca nos títulos pelas seguintes palavras: atividade(s), cotidiano, fazer(es), ocupação(ões), práxis, ação(ões). E, entre os pesquisadores que apresentaram publicações no evento, 101 (66%) apresentaram ao menos um trabalho que continha um desses termos no título em algum dos anos do evento.

O CBTO apresentou, até o momento da pesquisa, 13 edições, sendo que o investimento dos terapeutas ocupacionais pesquisadores que tiveram publicações que apresentassem algum dos termos de busca variou. Assim, alguns terapeutas ocupacionais apresentaram publicações com algum dos termos de busca em apenas uma das edições do evento e, outros em cinco delas, por exemplo. Essa variação pode ser observada na tabela 1.

TABELA 1 – Quantidade de pesquisadores que apresentam publicações com os termos de busca por quantidade de edições do CBTO

<i>Nº de terapeutas ocupacionais pesquisadores</i>	<i>Nº edições do CBTO</i>
49	01
25	02
13	03
07	05
04	04
03	06

Demonstrando que a maioria dos autores possuem publicações que contêm algum dos termos entre uma e três edições do evento e que a minoria mantém o uso dos termos nos títulos dos trabalhos ao longo dos anos.

O gráfico 1, contém os dados referentes ao número de publicações encontradas em cada ano de realização do evento, quantos deles apresentaram ao menos um dos termos chave da busca no título e, por último, a relação de pesquisadores com trabalhos que têm os

termos chave em cada ano. Sendo possível observar que o número de pesquisadores e o número de trabalhos com algum dos termos da busca foi baixo, considerando-se a importância de tais e de seus respectivos conceitos para a profissão.

GRÁFICO 1 – Relação entre trabalhos cadastrados, trabalhos com os termos e autores

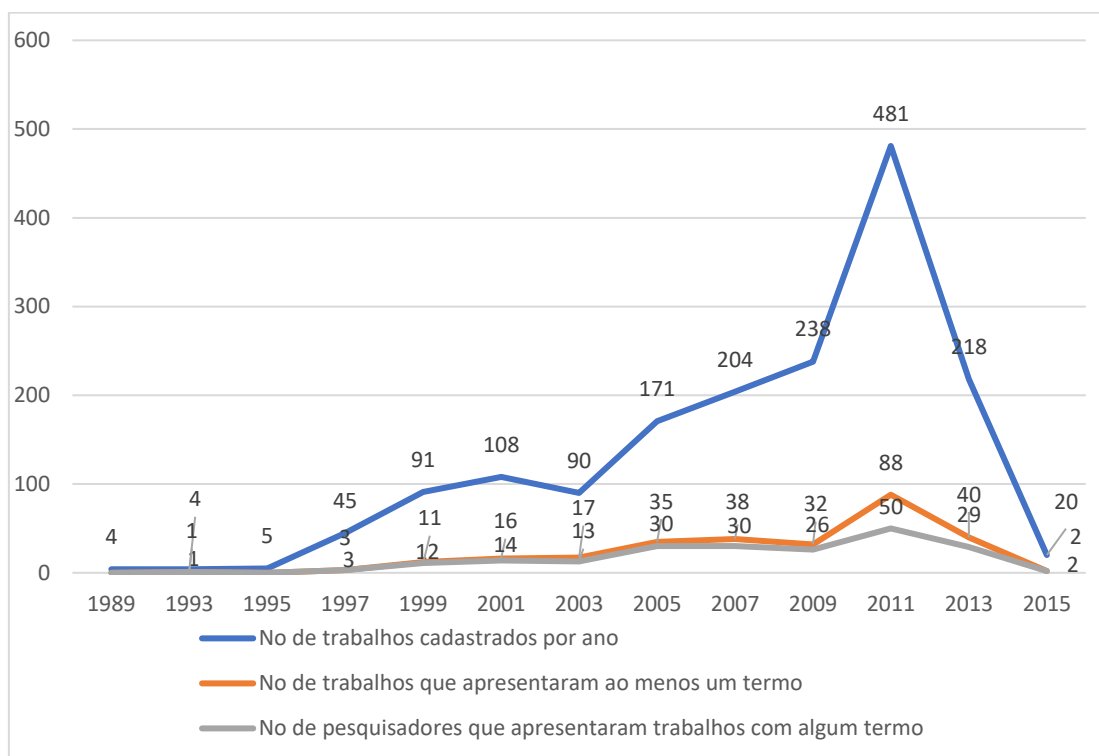


Gráfico produzido pelas pesquisadoras

4.4. O uso dos termos no Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional

A soma das publicações apresentadas pelos terapeutas ocupacionais nos CBTO entre os anos de 1989 e 2015 foi de 1.679¹³. A partir do título dessas produções, foram realizadas buscas das palavras: atividade(s), ação(ões), cotidiano, ocupação(ões), fazer(es) e práxis.

A partir da investigação, temos que as expressões utilizadas na busca estavam presentes 312 vezes nos títulos de 284¹⁴ (16,9%) trabalhos apresentados nos CBTO. O gráfico 2 apresenta a frequência do uso dos termos no evento por ano, em ordem crescente. Sendo que a palavra menos utilizada foi práxis e a mais frequente foi atividade.

¹³ Esse valor não diz respeito ao número real de publicações, pois foram consideradas a partir de cada autor, desconsiderando as coautorias, assim, trabalhos podem ter sido contabilizados mais de uma vez.

¹⁴ Apêndice 3 – Tabulação dos trabalhos e indicações dos termos presentes nos títulos.

GRÁFICO 2 – Frequência dos termos nas publicações do CBTO por ano

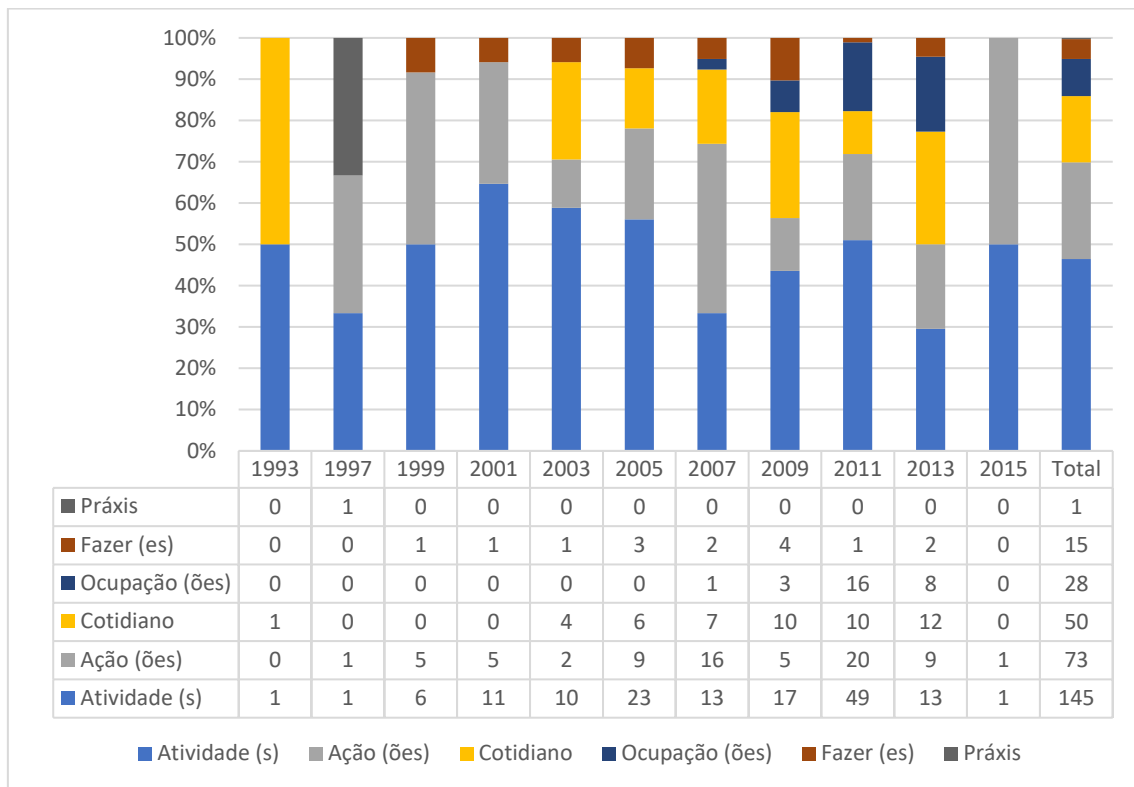


Gráfico produzido pelas pesquisadoras

Observa-se a partir do gráfico 2 que assim como é trazido pela literatura (LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011), o termo atividade apresenta destaque no uso entre os terapeutas ocupacionais brasileiros. Já os termos cotidiano e ocupação também têm aparecido entre nas publicações, assim como os termos ação e fazer, que segundo fonte (LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011), são muito utilizados como sinônimos para a palavra atividade. E, práxis, apesar de pertencer a um conceito específico referente à atividade, foi utilizada apenas uma vez no ano de 1997.

Ocupação é um termo que se torna mais usual nos anos de 2011 e 2013, mas aparece em publicações desde o ano de 2007, o que vai ao encontro do que é trazido pela literatura, de que a produção de conhecimento embasada na ocupação humana tem ganhado maior espaço entre os terapeutas ocupacionais brasileiros (FERIOTTI, 2017). Porém, a partir do levantamento que foi realizado, é possível observar que o uso dessa expressão é feito principalmente por grupos de pesquisa específicos e por seus pesquisadores, os quais adotam modelos e perspectivas que têm a ocupação humana como objeto de estudo.

Já cotidiano é um termo que se torna mais presente nas publicações a partir do ano de 2003, sendo mais utilizado nos anos seguintes. Vale ressaltar também que no ano de 2003, a Profa. Dra. Sandra Maria Galheigo foi quem esteve responsável por coordenar e apresentar reflexões referentes ao conceito de cotidiano na terapia ocupacional no CBTO (CARDINALLI, 2017); além disso, é a partir de seu artigo publicado nesse mesmo ano que o termo e o conceito de cotidiano ganham maior destaque e espaço nas reflexões da profissão, apesar desse conceito já ser objeto de estudo de trabalhos realizados anteriormente a essa data, os quais, segundo a própria autora datam a partir de 1993 (GALHEIGO, 2003). Fatores que, provavelmente, evidenciaram a movimentação do campo em relação ao termo, ao mesmo tempo em que influenciaram no seu uso na terapia ocupacional a partir deste período.

É notório que atividade é a palavra mais citada nos títulos dos trabalhos do CBTO, constando em 46,5% dentre as buscadas (145/312). Ela esteve presente de forma isolada em 41% do total e nos outros 59% esteve associada a outras expressões. Por conseguinte, foram utilizadas 29 formas diferentes de nomear ou qualificar o termo atividade desde termos reconhecidos como “atividade de vida diária”, “atividade humana” ou para adjetivar como “cotidianas”, “expressivas” ou “intergeracionais”, seus usos estão bem dispersos ao longo do tempo, conforme ilustrado na tabela 2.

TABELA 2: Atividade(s) e suas derivações nos títulos dos trabalhos no CBTO por ano

<i>Termo/Ano</i>	1993	1997	1999	2001	2003	2005	2007	2009	2011	2013	2015	Total
<i>atividades</i>			2	4	6	12	7	9	12	8		60
<i>atividade de vida diária/AVD</i>	1			1	1	2	2	2	2	2	1	14
<i>atividades cotidianas</i>							1		6	3		10
<i>atividade(s) lúdica(s)</i>						1	1		4			6
<i>atividades artísticas</i>			3	2								5
<i>atividades humanas</i>					2			2	1			5
<i>atividades de lazer</i>									5			5
<i>atividade(s) grupal(is)</i>									5			5
<i>atividades complementares</i>						3	1					4
<i>atividades expressivas</i>						3		1				4
<i>atividades intergeracionais</i>								3				3
<i>atividade científica</i>									3			3
<i>atividades diárias</i>									2			2
<i>atividades práticas</i>									2			2
<i>atividade docente</i>				2								2

<i>Outros</i> ¹⁵		1	1	2	1	2	1	0	7	0	0	15
<i>Total</i>	1	1	6	11	10	23	13	17	49	13	1	145

Tabela produzida pelas pesquisadoras

A variedade de usos do termo atividade, encontrada nos títulos dos trabalhos, demonstra a diversidade linguística, conceitual, cultural, teórico-epistemológica e também representativa, pois embora estejam sendo apresentados dados de um determinado grupo de terapeutas ocupacionais, pode-se observar uma diversa gama de usos para o termo, os quais estão atrelados a diferentes referenciais teórico-metodológicos para seu embasamento.

Ainda, coloca-se que as derivações ‘diárias’ e ‘cotidianas’ estão aqui associadas com o termo atividade, porém, dizem respeito também ao cotidiano (um dos termos que também está englobado no presente estudo).

Outras derivações, por sua vez, dizem respeito ao tipo de atividade que foi aplicada no processo terapêutico (atividades artísticas, expressivas, lúdicas, por exemplo) ou à forma de intervenção que o atendimento se desenvolveu (atividades grupais, por exemplo) ou à grupos populacionais específicos (atividades intergeracionais, por exemplo).

E, tem-se, também, atividade docente, prática, complementares e científica, que poderiam ser compreendidas como trabalho, execução e não exatamente uma menção ao ‘instrumento da profissão’.

Para contribuir para o aprofundamento da discussão a partir de outro enfoque de pesquisa apresentaremos as entrevistas realizadas com terapeutas ocupacionais (selecionados para participar da pesquisa a partir do procedimento metodológico que não considerou apenas publicações no CBTO) com intuito de abordar os usos dos termos atividade, cotidiano e ocupação, os conceitos adotados e os fatores que influenciam esses usos.

¹⁵Constam os seguintes termos que se apresentaram uma única vez: cultural, técnica e científica; projetivas; extracurriculares; psicomotoras; expressivas e artísticas; de geração de renda; acadêmicas; produtiva; preventivas e educativas; corporais; de monitoria; externas de autocuidado e lazer; esportiva; de rotina; da vida cotidiana.

5. COMPREENSÃO DO USO DOS TERMOS FEITO POR TERAPEUTAS OCUPACIONAIS NO BRASIL – COMPOSIÇÃO ENTRE O PARTICULAR E PLURAL

Os dados que compõem este capítulo foram obtidos através da entrevista semiestruturada realizada com os participantes da pesquisa, os quais foram selecionados a partir das discussões e/ou publicações que realizaram no campo da terapia ocupacional sobre a temática abordada no presente estudo.

Foram feitas cinco entrevistas, as quais foram gravadas, transcritas na íntegra e enviadas aos participantes para apreciação e validação dos dados, que, em seguida, foram analisados, sistematizados e divididos em categorias temáticas.

Desse modo, a seguir, serão apresentados os dados que se referem ao perfil de cada participante, de sua trajetória, do(s) termo(s) que faz uso e os conceitos e referenciais teóricos adotados. Ainda, ressalta-se que para preservar ao máximo o sigilo em relação à identidade dos sujeitos optou-se por nomeá-los como: Sujeito A, Sujeito B, Sujeito C, Sujeito D e Sujeito E.

5.1. Perfil dos participantes

Todos os participantes possuem graduação em terapia ocupacional, sendo que o ano de formação varia entre a década de 1970 ao início dos anos 2000, tendo apenas um se formado em instituição de ensino superior pública que não está localizada na região Sudeste do país. Ainda, três deles possuem título de doutorado, um de mestrado e outro de pós-doutorado. Em relação às atividades profissionais que desenvolvem atualmente: um dos sujeitos é aposentado; outro atua na prática; e os demais são docentes em instituições de ensino superior públicas. Porém, ressalta-se que apenas um dos sujeitos nunca atuou na área acadêmica, mas tem experiências ministrando aulas esporádicas; e os demais, relataram ter ministrado, em algum momento da atuação na academia, disciplinas relacionadas aos fundamentos da terapia ocupacional. Por fim, no que se refere as áreas específicas da terapia ocupacional, a maioria dos sujeitos está vinculada, principalmente, à saúde mental (três deles) e os demais aos contextos hospitalares, porém, quatro deles relatam também atuação e/ou investimento em pesquisas de outras áreas da profissão.

5.2. O uso dos termos feito pelos próprios participantes

A partir das entrevistas foi possível observar que cada sujeito apresenta uma utilização singular dos termos, mesmo entre aqueles que empregam o mesmo termo, cada um deles se embasa em diferentes perspectivas e têm diversas contextualizações de seu uso.

Sujeito A refere utilizar os termos atividade e cotidiano; e ação como sinônimo de atividade. Ressalta que não faz uso do termo ocupação:

[...] dependendo da situação eu uso cotidiano, dependendo da situação eu uso atividade. Ocupação eu não tenho utilizado e nunca utilizei para falar a verdade (Sujeito A).

O Sujeito B diz usar os três termos, mas que na prática que tem desenvolvido atualmente é o cotidiano que mais tem respondido às demandas colocadas pelos sujeitos, o termo que menos utiliza é ocupação e, que faz uso de atividade e cotidiano de acordo com seus objetivos, casos e a forma que irá trabalhar. E, complementa:

Dependendo da situação, do paciente que eu for atender, hoje em dia, na clínica que eu estou desenvolvendo, eu tenho trabalhado mais com cotidiano, mas isso acontece pelo contexto que eu estou trabalhando. Se eu estivesse trabalhando em outro lugar, outro contexto, eu acho que eu poderia fazer uso de outro referencial teórico (Sujeito B).

O Sujeito C refere que em sua trajetória apoiou-se no termo atividade, pois era o que mais fazia sentido para si naquele momento:

[...] no meu dia a dia eu acabei cunhando para mim o termo atividade ou o fazer humano, mais atividade (Sujeito C).

O Sujeito D faz uso do termo ocupação:

[...] entendo que hoje, na minha prática, acho que falar de ocupação é o termo que tem melhor respondido as demandas das pessoas com as quais eu abordo [...] ocupação dentro do viés da Ciência Ocupacional, é essa modalidade de entendimento que tem feito mais sentido para mim dentro do contexto em que eu trabalho (Sujeito D).

Em relação as palavras que utiliza como sinônimo de ocupação diz:

Eu uso fazer humano [...]. Mas, é o que eu uso dentro da concepção que eu trabalho, mas, se eu estiver trabalhando com outra abordagem, como cotidiano, por exemplo [...], então eu busco usar os termos dessa forma de pensar (Sujeito D).

O Sujeito E refere fazer uso dos três termos, a depender de seus objetivos e necessidades de diálogo acadêmico e internacional, porém, defende o uso de atividade enquanto práxis e de cotidiano, cunhados a partir de uma perspectiva crítica da terapia ocupacional.

[...] academicamente, na minha atividade de ensino e de pesquisa, tenho utilizado os conceitos de atividade e cotidiano; isto é, atividade enquanto práxis, cotidiano enquanto modos de vida que acontecem no âmbito sujeito-contexto-história dessa relação (Sujeito E).

Uso também fazer, fazer humano, ação, mas acho que são palavras que ampliam apenas o repertório de sinônimos (Sujeito E).

[...] eu posso dizer que uso o termo ocupação praticamente nunca, muito menos durante um processo terapêutico [...]. Quando academicamente, faço um diálogo internacional utilizo ocupação, pois sei que irão me compreender com mais facilidade (Sujeito E).

Assim, observa-se que, entre os participantes do presente estudo, atividade é o termo mais utilizado, sendo referido por quatro deles (80%); seguido de cotidiano, citado por três sujeitos (60%); e ocupação que é usado por apenas um dos sujeitos (20%). Porém, ressalta-se para o fato de que os três participantes que referem fazer uso do termo cotidiano, utilizam-se de atividade também, sendo que apenas o Sujeito C referiu fazer uso apenas do termo atividade.

5.3. Conceitos e referenciais teóricos

A seguir serão expostos os conceitos que cada participante da pesquisa adota para o embasamento do termo que faz uso e os principais referenciais teóricos que os sustentam.

ATIVIDADE

O Sujeito A inspirando-se em autores como: Spinoza, Deleuze e Guattari, Pichon-Rivière, Elizabeth Lima e Maria Heloísa da Rocha Medeiros, define atividade:

[...] quando eu falo atividade humana eu acho que eu falo de uma forma muito mais de um sentido muito mais de produção de vida mesmo e, quando eu falo produção de vida eu vou entrar também com meus referenciais de um encontro meu, terapeuta ocupacional, com essa pessoa, um encontro potencializador, um bom encontro, que gere

alegria, que gere saúde, que possa potencializar o outro e, ai nesse sentido, não seria essa atividade terapêutica, mas seria uma atividade de um encontro, uma atividade em que...de uma composição entre eu e esse outro (Sujeito A).

A função atividade na terapia ocupacional [...], eu acho que ela é tanto meio como fim, [...] muitas vezes, quando a gente pensa numa clínica, independente de que clínica que a gente está falando, a gente tem atividade mesmo como meio, mas eu vejo atividade como fim também, eu acho que ai sim a gente vai estar falando dessa questão do cotidiano, principalmente quando a gente fala da atividade como fim a gente está falando do cotidiano, atividade que eu acho que a terapia ocupacional a gente trabalha no sentido de uma superação de um cotidiano (Sujeito A).

O Sujeito B diz:

Quando penso em atividade, eu utilizo o termo atividades segundo o referencial do CETO¹⁶, enquanto o terceiro termo de uma relação, a relação triádica; e utilizo a metodologia das trilhas associativas (Sujeito B).

O Sujeito C cita que se embasa em autores como Marx, Engels, Foucault, Deleuze e Guattari, Edgar Morin, Sandra Galheigo. Além disso, diz que os estudos do grupo METUIA e do PACTO¹⁷ e práticas de terapeutas ocupacionais que fazem a diferença com o seu trabalho lhe inspiram. Assim, coloca sobre as atividades:

[...] a atividade humana é causa e consequência. É a partir da atividade que a pessoa se faz e, através do que ela é, ela consegue fazer outras coisas [...], a atividade humana é a “urdidura” do ser humano. Como se eu fosse um tear, um tecido, composto, feito com a

¹⁶ CETO (Centro de Especialidades em Terapia Ocupacional): constitui-se por ser uma instituição de ensino, pesquisa e assistência fundamentado no MTOD (CETO, 2018).

¹⁷ O PACTO – Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional, é um programa didático assistencial que faz parte das ações desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional, vinculado ao Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Sendo que este programa “permite atuar junto à população num processo empírico para a construção de metodologias de intervenção em terapia ocupacional, com referências básicas nos movimentos contemporâneos das Artes, da Reabilitação Psicossocial e da atenção às populações em desvantagem social” (LIMA, et al., 2009, p. 145).

O Projeto METUIA (palavra de origem indígena que significa amigo, companheiro) caracteriza-se por ser um grupo interinstitucional que, atualmente, é formado por quatro núcleos, sendo eles: o da Universidade de São Paulo (USP); o da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); o da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e; o da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O projeto desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão referentes às populações que se encontram em processos de ruptura de suas redes sociais de suporte. Assim, “sua proposta tem sido a de desenvolver projetos [...] em terapia ocupacional social por meio de programas de intervenção de terapia ocupacional em suas interconexões com os setores da assistência social, da cultura, da educação e, também, com o da saúde” (LOPES; MALFITANO, 2016, p. 297).

trama...[...]. Então, [...] para mim a palavra atividade vai mais do que uma aplicação técnica de um grupo de fazeres, afazeres (Sujeito C).

E, sobre o processo de fazer atividades, o Sujeito C diz:

[...] o quanto esse processo, da construção, de 'juntaçãõ', da escolha, te leva a atividades internas que vão te reconstruindo e construindo (Sujeito C).

Então, olha uma atividade implica no humano, no ser humano. E, você pode fazer e desfazer a sua própria vida. Você pode olhar de um outro jeito, você pode pedir ajuda para alguém [...]. Então, olha quantas coisas você está se habilitando na hora que você está fazendo esse tipo de coisa (Sujeito C).

O Sujeito E, apoiando-se no conceito de Adolfo Sanchez Vázquez, refere sobre atividade:

[...] atividade é um conceito que se opõe ao de passividade; quer dizer, alguém ser passivo ou ser ativo. [...] atividade é uma palavra, na verdade, muito genérica que se refere a uma determinada condição de ser ativo e que não necessariamente há intencionalidade ou qualquer processo de subjetivação associado ao termo. Então, para Vázquez, atividade é tudo que muda, que transforma uma matéria-prima em outra coisa. Por exemplo, a respiração é uma atividade, atividade respiratória. Ela em momento algum tem intencionalidade: você não diz, “agora eu vou parar de respirar 5 minutos, porque eu estou cansada”, você continua a respirar; ela é uma atividade autonômica do organismo. Ele dá um outro exemplo, o mar que vai batendo nas pedras e provoca erosão; novamente existe um agente que faz com que haja uma transformação dessa matéria-prima em outra coisa. No caso da respiração é o sangue venoso em sangue arterial, no caso do mar é a erosão. Atividade, portanto, se refere a esse processo (Sujeito E).

Já a atividade, propriamente humana, é aquela em que você tem o ato e o pensamento articulados. E, por isso que vai nomeá-la de práxis. Por isso ele afirma que “nem toda atividade é práxis, mas toda práxis é atividade”. Então, nesse sentido, de que atividade respiratória e erosão são atividades, mas não são práxis; mas toda práxis ela é uma atividade (Sujeito E).

Observa-se, desse modo, que apesar das diferenças entre os conceitos que foram apresentados, e da diversidade de referenciais, esses últimos têm em comum a área

científica a que pertencem, sendo, a maioria dos citados, pertencentes às ciências humanas.

COTIDIANO

O Sujeito A tendo por referência Agnes Heller e Sandra Galheigo, define cotidiano:

[...] o cotidiano, para mim, ele não se resume as atividades que eu faço no dia a dia; o cotidiano, para mim, ele está muito mais ligado a uma produção de subjetividade, há vários vetores que vão me constituindo e que eu vou processar isso e vou manifestar isso no meu ser e estar no mundo, então, acho que o cotidiano ele vai ter um sentido, ele vai ter um direcionamento, ele vai ter um significado e tudo mais, [...] dentro de uma subjetividade. E, cotidiano, [...] ele é composto por várias atividades, mas ele, na verdade, tem muito dessa subjetividade que está aí envolvida nesse fazer, nessa ação desse sujeito (Sujeito A).

Já o Sujeito B preferiu não apresentar a conceituação de cotidiano durante sua entrevista por acreditar que é algo muito complexo e que seria reducionista tentar apresentar esse conceito, referindo que isso cabe a trabalhos acadêmicos. Porém, referiu que utiliza autores como Agnes Heller, Sandra Galheigo, Mariana Salles, Jô Benetton, o grupo do CETO e outros autores da terapia ocupacional para embasar seus estudos a respeito de cotidiano. E, durante sua entrevista, em um dos trechos trazidos, é possível capturar um breve pensamento que traz a respeito desse termo:

Eu utilizo o conceito de cotidiano para analisar e entender a vida do dia a dia da pessoa atendida. Procuro conhecer a rotina e as atividades significativas da pessoa. Busco me familiarizar com a sua história de vida, e com o que a pessoa fazia antes de adoecer, o que mudou depois da doença. Procuro entender o fazer compartilhado, como as atividades podem promover a socialização e a construção de relacionamentos para a pessoa. E a partir desta análise do cotidiano eu procuro planejar e executar estratégias para promover processos de saúde na vida cotidiana (Sujeito B).

Sobre o conceito de cotidiano, o Sujeito E refere embasar-se nos estudos de Agnes Heller e de Henri Lefebvre e traz que:

[...] Agnes Heller e o Lefebvre, que vão discutir a relação do cotidiano com a história, e com um determinado modo de produção. Então, o Lefebvre vai falar muito da mídia, do

cotidiano enquanto uma produção capitalista. Na medida em que ele adota uma perspectiva marxista, vai apontando a possibilidade de transformação social. Ele afirma que, sem dúvida o cotidiano tem repetição, mas ele abre também a possibilidade de transformação [...]. Há que se entender que no cotidiano, está implícita a singularidade do sujeito; meu cotidiano não é igual ao cotidiano do outro, porque nossas experiências dependem tanto dos processos de subjetivação pelos quais passei, que afirmam minhas singularidades, mas também do contexto cultural, social, econômico, político em que minha vida está inserida (Sujeito E).

[...] eu acho que quando nós discutimos atividades e cotidianos, estamos discutindo qual o significado dos fazeres e dia-a-dia para as pessoas. Quero dizer, como a vida de cada um vai se constituindo desses inúmeros fazeres, modos de viver, em diálogo. Isto porque quando falamos de contexto do cotidiano, há uma concepção histórica envolvida (Sujeito E).

Em relação ao conceito de cotidiano, Agnes Heller apresenta-se como principal referencial teórico que o embasa, seguido por Sandra Galheigo, que tem se engajado em pesquisas sobre a temática na terapia ocupacional.

OCUPAÇÃO

Apenas um dos participantes apresentou o termo ocupação como sendo o principal de seu repertório. Desse modo, temos apenas um conceito de ocupação, o qual é fundamentado na Ciência Ocupacional. Assim, o Sujeito D define ocupação:

Eu penso que assim, a gente hoje tem feito um grande desafio de poder definir melhor e entender esse termo do ser ocupacional, existe uma vasta literatura, mais internacional do que no Brasil [...], que vem caracterizando esse homem como um ser ocupacional. Um homem que tem assim como outras dimensões, como a biológica, a dimensão social, cognitiva, psíquica, a gente tem elementos que nos definem como seres que necessitam se ocupar. A própria CO define que nós temos alguns grupos de ocupações, das ocupações que a gente necessita fazer, como beber água, alimentar, dormir; um grupo de ocupações que a gente gosta, quer fazer, que a gente escolhe, ir à praia, ir ao congresso, estudar, passear; tem outro grupo de ocupações que as pessoas criam expectativas em torno da gente, se você é estudante você cria uma atmosfera em torno de

você, do que se espera como estudante, do tipo de estudante que for vai especificando [...]. E, isso tudo se reúne nas pessoas, nas mais variadas pessoas e, isso vai virando uma característica que é muito própria, que é muito peculiar de cada um, que vai colocando um confronto com a vida, com a história de vida de cada um, com os problemas, com os adocimentos, com as perdas, com o luto, com as expectativas, isso é que vai nos moldando enquanto ser humano. Então, eu acho que é essa interação diária, a todo momento, é que vai criando as demandas e vai moldando nossa história de vida (Sujeito D).

[...] ocupação é tudo aquilo que a gente faz, dentro da lógica de onde eu trabalho, diz que ocupação é tudo aquilo que tem uma forma, um sentido e um significado; forma é o que nós fazemos, é a descrição das inúmeras coisas que a gente faz no dia a dia; sentido são os porquês; o significado é aquilo que representa na minha intimidade, aquilo que eu faço, as coisas que eu faço. E, que tudo isso é influenciado pelo contexto em que a gente vive, entende-se esse contexto pelo social, econômico e cultural. E, que essas coisas vão nos moldando, a forma como nós somos. E, que a vida vai nos colocando situações que vão alterando essas formas e, é essa interação vai provocando coisas boas e coisas ruins, das quais a gente tem que se debruçar para resolver (Sujeito D).

Mesmo quando apontado o uso do mesmo termo entre os entrevistados, o conceito e o referencial são distintos, principalmente em relação à atividade, que têm inúmeras perspectivas na terapia ocupacional no Brasil. O que demonstra a abrangência e distinção dos conhecimentos produzidos, os quais dizem respeito a diversas perspectivas e modos de operar na profissão. Apesar disso, é possível verificar que há uma predominância de referenciais das ciências humanas sustentando o conceito de atividade. No caso do termo cotidiano, Sandra Galheigo e Agnes Heller, são as autoras mais citadas e utilizadas como teóricas no embasamento desse conceito.

A partir do quadro 1 é possível observar quais os referenciais teóricos foram citados pelos participantes do presente estudo como aqueles que embasam os conceitos das expressões que utilizam.

QUADRO 1: Referenciais teóricos que sustentam a conceituação dos termos utilizados¹⁸

Atividade	Ocupação	Cotidiano
<ul style="list-style-type: none"> • REFERENCIAIS DAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO: • Deleuze • Guatarri • Foucault (verificar) • Edgar Morin • Spinoza • Marx • Engels • Adolfo S. Vásquez • Pichon Rivière • Foucault • REFERENCIAIS ESPECÍFICOS DA TO: • PACTO • CETO • METUIA • Sandra Galheigo • Elizabeth Lima • Maria H. R. Medeiros 	<ul style="list-style-type: none"> • REFERENCIAIS DAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO: • Ciência Ocupacional • REFERENCIAIS ESPECÍFICOS DA TO: • AOTA • Ciência Ocupacional 	<ul style="list-style-type: none"> • REFERENCIAIS DAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO: • Agnes Heller • Henri Lefvre • REFERENCIAIS ESPECÍFICOS DA TO: • Sandra Galheigo • CETO • Mariana Salles • Jô Benetton

Tabela produzida pelas pesquisadoras

5.4. Influências no uso dos termos e dos conceitos

Quando indagados sobre os possíveis fatores que podem ter exercido influência no uso dos termos, os sujeitos trouxeram aspectos muito singulares, ou seja, que variam de acordo com as experiências, com o modo de ver o mundo e a trajetória de cada um:

[...]o meu percurso foi muito clínico até um certo ponto, [...] aí num certo momento eu fui pra Trieste, na Itália, então, assim, eu comecei a me colocar num outro lugar como terapeuta ocupacional, [...] então, eu acho que a partir daí eu comecei a repensar essa

¹⁸ Assim como exposto anteriormente, a ciência ocupacional é uma disciplina que produz e desenvolve estudos rigorosos sobre a ocupação humana (MAGALHÃES, 2013), por isso, foi inserida no quadro 1 como um referencial teórico de outras áreas. Porém, muitos terapeutas ocupacionais têm como base essa ciência para fundamentar seus estudos e reflexões, o que inclui esse referencial como podendo pertencer ao campo da terapia ocupacional também.

*clínica [...] depois que eu voltei de Trieste eu fui fazer meu **mestrado** [...] Eu acho que também o **doutorado**, o **contato com outras teorias** e tudo mais, eu acho que isso foi, aos poucos, me tirando desse lugar tão clínico e [...] ampliando um pouco meu campo, vamos dizer assim, de ação e de visão também (Sujeito A).*

*[...] eu acho que ela está totalmente influenciada pela minha **visão de mundo**, **minha visão de homem**, **minha visão de saúde**, [...] meu **referencial teórico** [...], então, tudo isso eu acho que, com certeza, vai compondo a forma de eu estar me utilizando desses termos (Sujeito A).*

*[...] eu tive oportunidade de fazer uma **formação em Ciência da Ocupação** fora do país há alguns anos atrás e, essa formação ela me ajudou a entender algumas coisas, não só da CO em si, mas ajudou, a partir do momento que eu sai dessa realidade de beber só de uma fonte, a gente vai olhar um pouquinho de fora e vai tentar posicionar essas formas de pensar TO, também ajudou a dar o passo inicial na Ciência da Ocupação, mas ajudou a entender muitas outras coisas, da onde é que a gente olha em cada momento e, mais do que isso, me tornar até mais eclético (Sujeito D).*

*[...] acho que da minha **curiosidade** em tentar entender essas concepções teóricas. A graduação deve possibilitar as diferentes formas de pensar TO (Sujeito D).*

*[...] acho que a questão do **movimento histórico**, se fala muito que a gente precisa entender o passado para saber quem a gente é e poder pensar o futuro. Eu acho que isso também é uma coisa que me ajudou bastante (Sujeito D).*

*[...] a minha própria **experiência** e, enfim, as **leituras**, na **formação mais acadêmica** foram me direcionando e, é claro, que quando nós fazemos escolhas, fui optando por uma **concepção de sujeito, de mundo, de sociedade**, que fizesse mais sentido para mim do que outras. Então, eu acho que sim, existe uma certa escolha, em alguma medida... (Sujeito E).*

*[...] eu diria que o fato de **trabalhar com fundamentos de terapia ocupacional** e discuti-la a partir de uma **concepção complexa, crítica, de sujeito, de sociedade, de mundo, de modos de viver, de trabalho, de criatividade** e por aí vai, sim, tem influenciado em como uso os conceitos. Acho que a **prática** tem influenciado, no sentido de que, para mim, hoje esses os conceitos de atividade e cotidiano são pilares para a terapia ocupacional brasileira (Sujeito E).*

*Eu creio que o “campo de atuação” nunca define o uso dos termos. Sua utilização muda a depender de sua **perspectiva teórico-prática**. Portanto, o uso pode adotar uma perspectiva mais positivista, mais funcionalista em qualquer um dos campos. Ou uma perspectiva crítica em qualquer um dos campos. Acho que o que define essa perspectiva, são os grandes **referenciais teóricos** que norteiam nossa concepção de sujeito, sociedade, mundo, saúde, cuidado, etc... (Sujeito E).*

O Sujeito B durante sua entrevista deu indícios de que o que pode ter influenciado no uso que faz dos termos atualmente está relacionado com o seu processo histórico, ou seja, das oportunidades que teve ao longo de sua trajetória profissional, os estudos que realizou, seus orientadores na pós-graduação, aprimoramentos realizados, dentre outros.

Na entrevista do Sujeito C não foram trazidos trechos específicos sobre fatores que puderam ter influenciado no uso que faz dos termos, porém, em seu diálogo é possível observar que cita fatores importantes e que podem ter relação com esse uso, dentre eles estão: os modos que cada pessoa vê o mundo; os referenciais teóricos adotados; experiências; atividade como docente; trajetória; modelos e perspectivas adotados; quem eu sou (identidade); escolhas feitas a partir daquilo que faz sentido para o sujeito.

Abaixo, apresenta-se a tabela 3, em que é possível visualizar de maneira mais didática os possíveis fatores que podem ter influenciado no uso dos termos que é feito pelos participantes da pesquisa, a partir do que foi exposto em suas entrevistas.

TABELA 3: Fatores que podem ter influenciado o uso dos termos pelos sujeitos.

Sujeito A	Sujeito B	Sujeito C	Sujeito D	Sujeito E
Percurso clínico	Processo histórico (oportunidades, estudos, orientadores, aprimoramentos)	Trajetoária	Estudo do movimento histórico da profissão	Prática
Experiências		Experiências	Curiosidade em entender concepções teóricas	Experiência
Cursos/aprimoramentos		Modelos/perspectivas adotadas	Cursos	Perspectiva teórico-prática
Formação acadêmica		O que faz sentido para você - escolhas	Formação	Formação acadêmica
Referencial teórico		Referenciais teóricos	Estruturação das formas de	Referenciais teóricos

			pensar e de problematizar os contextos de prática	
Visão de mundo, homem, saúde		Modos de ver o mundo		Concepção de sujeito, mundo, sociedade
Áreas de desenvolvimento de pesquisa		Docência		Trabalho na área de fundamentos da terapia ocupacional
		Quem eu sou (identidade)		Saber da experiência

Tabela produzida pelas pesquisadoras

5.5. Tecendo reflexões

No que se refere à formação, 80% dos sujeitos estudaram em instituições de ensino superior do Sudeste do Brasil, região em que foram instalados os primeiros cursos de terapia ocupacional no país (SOARES, 1991). Além disso, é a localidade responsável pela maior concentração de instituições que formam profissionais na área (PALM, 2012).

Ademais, todos os sujeitos apresentam, em suas trajetórias, uma relação muito próxima com a área acadêmica, que apesar das titulações distintas, todos têm formação na pós-graduação *stricto sensu*. E, essa proximidade é também associada com o fato de que 80% deles são ou foram docentes de cursos de graduação em terapia ocupacional, sendo que em algum momento da carreira docente estiveram responsáveis por disciplinas de fundamentos da profissão.

Já no que se refere à adoção de determinados termos em detrimento de outros, foi um elemento importante de análise, pois este enunciado envolve a trajetória, o repertório, as considerações práticas e teóricas que levam ou determinam essa escolha. Uma observação adequada se refere ao uso do termo ‘fazer humano’ que apareceu em três entrevistas, pois além de ser apresentado como um termo utilizado para quem adota tanto o termo atividade como ocupação, ele também foi considerado como um sinônimo ou como uma opção estratégica em substituição do termo preferencial do entrevistado. Ou seja, o termo ‘fazer humano’ foi considerado pertinente para quem utiliza o termo atividade e prefere não utilizar ocupação, como para quem utiliza o termo ocupação.

No levantamento dos títulos dos trabalhos apresentados no CBTO pelos pesquisadores terapeutas ocupacionais, o termo ‘fazer’ é relativamente empregado poucas vezes (5%).

Contudo, aponta-se para a possibilidade deste termo ser utilizado como sinônimo ou como substituto na intersecção conceitual entre atividade e ocupação. O que levaria ao debate de como os sinônimos têm sido utilizados, pois certamente o termo ‘fazer humano’ possui dimensões distintas ao ser utilizado em detrimento do termo atividade e ocupação.

A partir das entrevistas, os sujeitos também foram questionados se a área de pesquisa poderia influenciar nas suas discussões/publicações/reflexões acerca da temática que tomou-se como objeto desse estudo, sendo que apenas o Sujeito A afirmou que a área de desenvolvimento de pesquisa influencia diretamente no uso dos termos e conceitos e nas respectivas reflexões/discussões que realiza (vide tabela 3); os demais sujeitos, apesar de não terem indicado esse fator, apontaram outros que podem referir-se à área específica de pesquisa, sendo eles, por exemplo: prática, experiências, processo histórico (trajetória).

Já em relação à experiência prática profissional, três dos sujeitos (60%) entrevistados identificam suas práticas à área da saúde mental. Esses participantes não adotam o termo ocupação em suas práticas atuais. Sendo que, um deles justifica dizendo que essa expressão pode causar uma associação com o tratamento moral e que a sua tradução para a língua portuguesa não condiz com as práticas terapêuticas ocupacionais que são desenvolvidas. Ou seja, podemos observar a influência da área de atuação e do histórico do desenvolvimento da psiquiatria no Brasil no uso dos termos e conceitos na profissão.

Um dado se refere também ao fato de que quatro dos entrevistados tiveram experiências em diferentes áreas de atuação da terapia ocupacional, além de diferentes formas do exercício da profissão, como técnicos, docentes e/ou gestores. Certamente as experiências profissionais em diferentes áreas e o deslocamento de funções possibilitam ampliar a reflexão sobre a terapia ocupacional a partir do comum, do que a une como profissão, ampliando as formas de compreensão para a construção de enunciados que respondam à diferentes práticas e saberes, ao mesmo tempo que os defendem como plurais e não necessariamente universais.

Outro fator está relacionado aos interessados pela temática e suas relações de estudos no campo das ciências humanas. Afinal, suas trajetórias e os referenciais teóricos adotados estão ancorados nessa área, sobretudo na filosofia, sociologia e psicologia, reforçando como estes campos de saber têm contribuído para as reflexões e construção de conhecimentos ampliadas, e em especial na terapia ocupacional.

No que se refere ao referencial teórico, segundo relatos coletados nas entrevistas, observa-se que é um fator que influi diretamente sobre o que os sujeitos produzem de conhecimento na área. Além disso, foram apontados referenciais das ciências humanas no embasamento dos diversos conceitos (exceto o de ocupação). Desse modo, temos uma hipótese de que tais podem ter sido adotados conseqüentemente por influência da área de atuação/pesquisa.

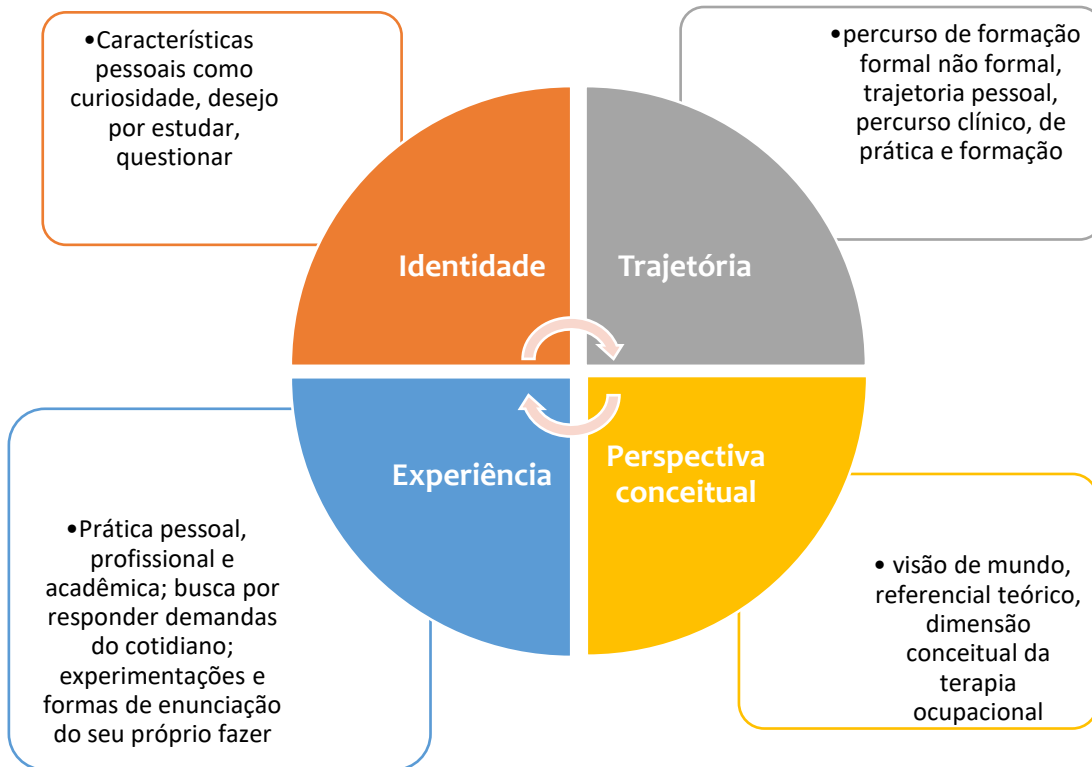
Ainda no que diz respeito à tabela 3 (fatores que podem ter influenciado o uso dos termos pelos sujeitos), podemos constatar que apesar de alguns fatores serem comuns entre os participantes da pesquisa, eles são muito abstratos, o que torna o uso dos termos e dos conceitos algo singular e relativo, sendo difícil analisá-lo, porém isso justifica a diversidade de palavras encontradas na terapia ocupacional e a polissemia conceitual atrelada a elas, com evidência para a riqueza de olhares, análises e problematizações ao mesmo tempo em que se mostra frágil, dada a sua subjetividade.

Tais fatores vão ao encontro do que traz a literatura de que a linguagem é algo singular, pois está relacionada com a expressão de pensamentos e valores, além de ter influências de fatores históricos, sociais, culturais e subjetivos do sujeito (CHAUÍ, 2000; BONDÍA, 2002).

Segundo Barros (2016), ainda, é através dos conceitos que o indivíduo expressa suas ideias e seu modo de ver o mundo. Isso pôde ser constatado quando os participantes da pesquisa referem usar o termo e o conceito que melhor se adequem a prática que desenvolvem e aos seus modos de ver o mundo, o homem, a saúde, dentre outros aspectos.

Assim, podemos assumir que quatro categorias envolvem a utilização e adoção de um termo e sua bagagem conceitual (quadro 2).

QUADRO 2 – Categorias que influenciam a adoção de termos e seus conceitos



Elemento gráfico produzido pelas autoras

6. PERCEPÇÕES INDIVIDUAIS-COLETIVAS: O USO DOS TERMOS NA TERAPIA OCUPACIONAL E QUESTÕES CRÍTICAS ENVOLVIDAS

Os dados que compõem esse capítulo dizem respeito as percepções apresentadas pelos participantes da pesquisa em relação ao uso dos termos na terapia ocupacional e as críticas sobre a temática que foram elucidadas durante as entrevistas.

6.1. Percepção dos participantes sobre os usos dos termos na terapia ocupacional no Brasil

Durante as entrevistas foram feitas referências ao histórico do uso dos termos na terapia ocupacional, sendo que alguns deles vão ao encontro da composição trazida anteriormente, de acordo com a literatura e o mapeamento das publicações no CBTO.

O Sujeito D coloca que o termo ocupação esteve presente no início da terapia ocupacional no Brasil, dada influência da prática e da produção de conhecimento anglo-saxã, a qual embasava a prática no país. Posteriormente, aponta que a profissão conseguiu romper com os conhecimentos importados e que, a partir desse momento, conseguiu desenvolver termos, conceitos e conhecimentos que respondessem adequadamente às demandas que estavam sendo colocadas à profissão.

Eu acho que ele está nas origens ali (referindo-se ao termo ocupação), depois, eu entendo que houveram alguns movimentos no mundo para romper um pouquinho com aquela TO causa e efeito, reabilitadora, aí o Brasil começa a desenvolver uma forma própria de pensar TO, que coincide com a época da reforma psiquiátrica, da reforma sanitária, que esses conceitos de saúde, de homem, estão ampliando e a TO precisa responder uma forma de pensar que aí a TO brasileira ajudou muito, ali pensando esses termos e tentando desenvolver uma forma própria de pensar TO menos influenciada pelos Estados Unidos[...] aí a atividade humana ganha um espaço maior no cenário nacional e, eu acho que no final da década de 90, início dos anos 2000 começa essa forma de trazer. (Sujeito D).

O Sujeito B traz um breve relato sobre o uso histórico dos três termos e enfatiza que atividade é o mais utilizado no contexto brasileiro dadas questões históricas da profissão no país.

Eu acho que o termo mais usado na prática, na profissão, falando genericamente do que eu vejo por aí, é atividade, porque isso reflete a história da terapia ocupacional no Brasil, esse é o termo que se desenvolveu mais cedo na história, se consolidou e que foi ensinado e, que as pessoas estudaram. O termo cotidiano ele já vem sendo estudado há algum tempo, mas é algo que ainda está crescendo, está desenvolvendo e, é uma produção muito forte no Brasil [...]. E, o termo ocupação também não é tão usado como atividade, apesar de ser mais antigo, ele está chegando no Brasil agora, mais recentemente, e ele foi estudado muito fortemente em outros países, principalmente nos países de língua inglesa e, agora que, no Brasil, as pessoas estão estudando, estão conhecendo e eu acho que estão começando a usar (Sujeito B).

Já em relação aos usos na atualidade o Sujeito E defende que o uso dos termos está diretamente relacionado com a experiência dos profissionais e que o uso e a reflexão na área acadêmica distinguem-se dos da prática ao dizer:

De uma certa maneira, falarmos sobre o uso acadêmico e sobre o uso profissional desses conceitos, é como falar sobre a experiência e sobre o saber, sobre o saber da experiência, como é produzido esse saber. Até porque eu acho que quando fazemos uso acadêmico desses conceitos na terapia ocupacional, os professores, que se debruçam sobre o tema porque têm que falar para os alunos, têm que organizar um corpo teórico. Assim, o tipo de discussão que acabamos fazendo na academia é diferente do que se você for fazer a mesma discussão com um profissional (Sujeito E).

O Sujeito B defende a possibilidade de utilização dos três termos desde de que eles se adequem à prática desenvolvida pelo profissional:

Acho que não tem um conceito melhor que o outro, acho que é uma questão de escolha do profissional para cada caso, para cada clínica e conforme o domínio e conhecimento do profissional sobre uso na prática destes conceitos [...] eles são parte dos meus recursos enquanto profissional, então, para cada situação eu posso usar referenciais diferentes. (Sujeito B).

De modo geral os participantes importam-se com o uso, a conceituação e a terminologia utilizada, reforçam a necessidade de contextualizar, enunciar e referenciar, afinal até mesmo o uso indistinto dos termos como sinônimos remete a um determinado enfoque, utilização e opção, seja ela consciente ou não.

Além disso, alguns sujeitos apontaram, a partir de suas reflexões, para um panorama geral sobre o uso dos termos atividade, ocupação e cotidiano na profissão no Brasil ao trazerem em seus diálogos:

Desde o início da terapia ocupacional no Brasil, a atividade sempre foi o termo de eleição e não ocupação. Veja o nome das disciplinas: atividades e recursos terapêuticos. Não havia (e pouco ainda há) disciplinas com o termo ocupação. Então, vendo a própria constituição dos programas e dos currículos, o termo atividade é aquele mais evidente, apesar da origem dos cursos no Brasil terem tido influência anglo-saxã (Sujeito E).

Eu acho que o termo que mais se embasou e conseguiu criar raízes no Brasil foi o termo atividade, tanto na concepção da relação triádica quanto da atividade terapêutica, tem muita produção sobre isso, mas eu acho que tem algumas práticas em que é bom lançar mão de outros conceitos também (Sujeito B).

A partir dos trechos apresentados é possível observar que o Sujeito B e o Sujeito E concordam que o termo atividade é o mais consolidado e utilizado na terapia ocupacional no Brasil, sendo que ele se encontra muito presente na formação, inclusive na nomeação das disciplinas durante a formação acadêmica.

6.2. Pluralidade de termos e conceitos na terapia ocupacional

Os participantes da pesquisa durante suas entrevistas apresentaram os termos e conceitos que fazem uso e apresentaram os referenciais teóricos e/ou as perspectivas que os embasam. Além disso, alguns deles se posicionaram e criticaram alguns modelos e perspectivas existentes na terapia ocupacional. Porém, observa-se que nenhum dos sujeitos defendeu o termo e/ou conceito que faz uso ou o referencial teórico que o embasa como o melhor para ser empregado na profissão, pelo contrário, todos defendem a diversidade de termos e conceitos encontrados na terapia ocupacional e são a favor dessa pluralidade e de seu uso consciente e devidamente embasado por referenciais teóricos adequados.

Desse modo, no presente item serão apresentadas as perspectivas dos participantes da pesquisa no que se refere à pluralidade de termos e conceitos da terapia ocupacional.

A partir de alguns referenciais que têm embasado o presente estudo (FERIOTTI, 2013; LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011; GALHEIGO, 2012), é possível apontar que há na

terapia ocupacional no Brasil uma diversidade de termos para nomear as práticas terapêuticas ocupacionais que são desenvolvidas e, que, além disso, a cada um deles estão atrelados muitos conceitos, sendo que cada um diz respeito a modelos, referenciais teóricos e perspectivas distintas. E, em relação a esse assunto, os participantes apresentaram seus pontos de vista e colocaram-se:

Eu acho que vai para além da multiplicidade de termos, que eu acho [...] eles trazem uma concepção, uma lógica que é diferente, então, assim, eu acho que essa diversidade de termos ela está ligada a concepções de homem, de vida, de saúde, de bem-estar [...]. Mas, essa multiplicidade, pensando numa multiplicidade, mas desde que referenciada, eu acho muito interessante, eu acho que é importante a gente pensar nessa gama de referenciais, nessa gama de perspectivas, sobre um determinado objeto da terapia ocupacional (Sujeito A).

Não acho que a gente tem que escolher um conceito e eliminar os outros, não acho que tem uma concorrência entre eles. Eu acho que pode ser muito rico para a TO essa possibilidade de ter o respaldo de três conceitos diferentes se a gente conseguir defini-los e saber qual a hora de usar cada um deles, em que prática, em que clínica e, porque eu escolho esse referencial teórico e não aquele. [...] Mas, dos três termos, eu não acho que a profissão tem de escolher um conceito como referencial e só usar esse; mas o profissional pode escolher e só usar um termo ou o TO pode usar em diferentes momentos a bagagem que lhe convém (Sujeito B).

Acho que tudo é muito válido, acho que as pessoas têm que escolher aquilo que faz sentido para a sua prática, tendo o cuidado de não achar que essa é a única verdade, entendeu?! Eu acho que quanto mais...eu acho que existem formas de pensar, eu gosto dessa pluralidade, acho que ela só ajuda. [...]eu acho que a gente tem que impulsionar essas diferentes formas de pensar, acho que essa pluralidade ela só ajuda ao crescimento da profissão (Sujeito D).

Acho que tudo é muito válido, acho que as pessoas têm que escolher aquilo que faz sentido para a sua prática, tendo o cuidado de não achar que essa é a única verdade (Sujeito D).

[...]. Isso é muito maior do que essa coisinha do aqui agora sabe? E, ao mesmo tempo, esse aqui agora ele é repleto de outros sentidos, que a gente não pode olhar só de uma maneira tão estreita, tão com lupa (Sujeito C).

Além da diversidade de termos, conceitos e perspectivas encontradas no Brasil, alguns participantes indicaram os Estados Unidos como exemplo, para apontar que também há diferentes perspectivas e modos de pensar a terapia ocupacional, para evidenciar que essa questão não é exclusiva do contexto brasileiro. Isso pôde ser observado a partir dos seguintes trechos:

Dentro dos Estados Unidos mesmo existem duas formas de pensar, tem a AOTA, que tem aí insistido nesse modelo do Domínio e Processo desde a década de 70/80, aquela terminologia I, II, III, depois virou Domínio e Processo, a gente tinha essa edição e, tem a CO que responde por uma outra área, ali, geograficamente, pela Califórnia, Sul da Califórnia, aquela região toda ali produz em CO. Então, são formas de pensar (Sujeito D).

Eu acredito que a ciência ocupacional crítica tem trazido uma possibilidade de diálogo com uma terapia ocupacional crítica que já se fazia no Brasil. Quer dizer, nós já discutimos, em artigos e eventos, há muito tempo os fazeres das pessoas, suas atividades, seu cotidiano e modos de vida. Então, a ciência ocupacional vem dialogar com essa terapia ocupacional, com uma discussão que nós já fazíamos na terapia ocupacional aqui no Brasil, mas que no exterior só foi possível no âmbito da ciência ocupacional (Sujeito E).

A partir do que é trazido pelo Sujeito E, percebe-se que dentro da mesma concepção (Ciência Ocupacional) há diferentes formas de pensar e, que alguns terapeutas ocupacionais têm partido do viés de uma perspectiva crítica, por exemplo, e outros não.

6.3. Discussão sobre ocupação

Certamente, a discussão sobre a diversidade dos termos e seus diferentes conceitos a partir da retrospectiva histórica, numa perspectiva hegemônica anglo-saxã, remete tem a ocupação como central. Apesar de ser o termo menos utilizado tanto nas publicações dos terapeutas ocupacionais durante o CBTO, quanto com os participantes da pesquisa, os embates do campo devem ser discutidos e refletidos. Desta forma, este debate será apresentado a partir das seguintes questões: 1) a possível associação do termo ao tratamento moral (ocupação do tempo livre) oferecido nas primeiras instituições psiquiátricas; 2) conceito ‘pejorativo’ no Brasil; 3) uso a partir das exigências de diálogo

internacional e 4) necessidade de ampliação e transformação do conceito. Desse modo, as discussões trazidas foram subdivididas nessas temáticas e serão apresentadas abaixo.

6.3.1. Associação do termo ao tratamento moral (ocupação do tempo livre)

Em um dos trechos de sua entrevista, o Sujeito C, ao falar do papel social do terapeuta ocupacional, apresenta uma possível associação do termo ocupação com o tratamento (moral) oferecido nas antigas instituições psiquiátricas do Brasil:

A TO incomoda por conta disso, porque ela abala, ela questiona a instituição, o lugar; ela quer incluir as pessoas como protagonistas, por exemplo, por que a TO quer incluir? Porque senão não tem sentido, senão a gente não faz TO, a gente faz, sei lá, a gente é uma peça da engrenagem da instituição para amansar as pessoas, que a gente chamava isso de ocupação, mas a ocupação, então, nesse sentido de amansar as pessoas (Sujeito C).

O Sujeito A traz que a associação do termo com o tratamento moral é um dos fatores para que ele não o utilize e, diz:

[...]eu acho que a gente tem uma tradição, até no início da terapia ocupacional, essa questão da ocupação [...] que as instituições tinham essa coisa de totalizar a vida das pessoas e tinha uma coisa mesmo de preencher esses espaços, preencher o tempo e tudo mais e, é ocupação que era muito utilizada, então, eu acho que, por conta disso, a minha tendência é não utilizar o termo ocupação (Sujeito A).

6.3.2. Conceito ‘pejorativo’ no Brasil

Em relação ao conceito ‘pejorativo’ que pode estar relacionado ao termo ocupação no Brasil, os sujeitos trazem a interpretação socialmente construída da palavra ocupação e refletem que isso pode tornar-se confuso para a prática em terapia ocupacional. Isso pode ser observado quando os sujeitos dizem que:

[...]se você vai no dicionário, por exemplo, e você vê que ocupação é preenchimento de alguma coisa, como se fosse preencher algo. Então, você vê ocupação de terra, você vê ocupação de espaços [...], nesse sentido, eu acho que para a profissão fica muito ligada àquela conotação de “é ocupação, ocupar o tempo, preencher o tempo”. Então, nesse

sentido, eu sinto que para a profissão ele (se referindo ao termo ocupação) não configura, para a gente, por aquilo que a gente faz, ele não traduz aquilo que a gente faz (Sujeito A).

[...] o conceito de ocupação na minha experiência ao longo dos anos. Me refiro aos terapeutas ocupacionais e aos meus pacientes, as pessoas para quem eu oferecia cuidado. Ou ocupação soava para eles como passatempo. [...]. Ou ocupação se referia a uma relação com o trabalho. [...]. Então, na minha experiência profissional, no diálogo com uma pessoa sob o meu cuidado, ocupação nunca foi uma boa palavra. Portanto, essa experiência foi também me ajudando a entender que neste país ocupação não é um termo tão claro (Sujeito E).

Para o Sujeito D, como ele faz uso do termo ocupação, a pesquisadora abordou, durante sua entrevista, a discussão de que alguns terapeutas ocupacionais referem não fazer uso do termo ocupação dado seu conceito ‘pejorativo’ no Brasil. E, sobre isso, ele posicionou-se dizendo:

[...] minha impressão pessoal, sabe, parece que ela carrega um peso de alguma coisa que ela já representou no passado. Não sei com que intenção essas colocações, esse entendimento tem, se é só isso mesmo ou se é também uma forma de negar esse para fazer valer algum outro termo. Eu não sei, mas é notório que algumas pessoas falam que não, que ocupação...o meu entendimento é que na minha prática faz muito sentido (Sujeito D).

6.3.3. Uso a partir das exigências de diálogo internacional

Foi possível verificar que o termo e o conceito de ocupação são consolidados na literatura internacional hegemônica e que a necessidade de diálogo e constante troca entre os diferentes países leva a utilização do termo, como nos trechos a seguir:

Sem dúvida, ocupação é uma terminologia que no contexto anglo-saxão significa algo muito mais abrangente do que no português (Sujeito E).

Enfim, as palavras têm significados diferentes nos diferentes contextos dos países. Então, se eu uso? Eu uso ocupação, às vezes, se eu estou escrevendo um artigo em inglês, ou numa apresentação, porque eu sei que vão entender o que eu falo. Se eu falar atividade, terei que fazer um parêntese para explicar que vai me custar uns 5 minutos em uma

apresentação de 15. Às vezes, em um ou outro artigo, a decisão é a mesma. Vale gastar palavras nesta explicação. Se no contexto do texto for necessário, sim. Mas, se estou cortando palavras, pode ser que eu a utilize (Sujeito E).

Além disso, o Sujeito D, o único que faz uso do termo ocupação, refere que utiliza a Ciência Ocupacional como referencial teórico, ou seja, adota um embasamento teórico hegemônico.

E, o Sujeito B, mesmo referindo não fazer uso desse termo, cita referenciais exclusivamente internacionais que considera importantes para a conceituação de ocupação.

6.3.4. Necessidade de ampliação e transformação do conceito

A partir dos dados e reflexões realizados é possível afirmar que o termo ocupação é utilizado como sinônimo do termo atividade, sobretudo e eventualmente ao fazer humano e ao cotidiano. Essa associação se dá muito mais por uma necessidade de ampliar as estratégias e possibilidades de comunicação a partir de um referencial hegemônico internacional que por uma consolidada sinonímia. Esta estratégia por um lado deve facilitar as trocas comunicacionais necessárias e interessadas, por outro, não são capazes de apresentar as problemáticas relativas para além da própria tradução entre línguas, da complexidade conceitual adquirida pela profissão em cada espaço, tempo e cultura, que emergiu em construções próprias para responder as demandas próprias de cada campo constituído em seu território.

6.4. Crítica a termos, modelos, perspectivas e a reprodução e importação de saberes

Assim como mencionado anteriormente, os participantes da pesquisa não defendem em nenhum momento o uso de um termo e/ou conceito universal para referir-se às práticas terapêuticas ocupacionais, pelo contrário, acreditam na riqueza e importância da diversidade de termos e conceitos, a qual reflete as diferentes formas de ver e analisar as práticas na profissão. Porém, apresentam críticas em relação a reprodução e importação de saberes e a alguns termos, modelos e perspectivas, contudo, é importante ressaltar que tais críticas se fundamentam nas concepções utilizadas e adotadas por cada sujeito.

Sobre a reprodução de saberes, foi colocado:

O que me preocupa de alguma forma é a questão de várias práticas, dentro da terapia ocupacional, que são pouco o reflexo de cada terapeuta ocupacional. São várias terapias ocupacionais que a gente convive e que, muitas vezes, isso não quer dizer que são várias referências, porque, na verdade, são práticas que são reproduzidas sem referências. Ou as pessoas não param muito para pensar naquilo que de fato estão fazendo, é só uma reprodução de práticas sem se pensar o porquê está sendo feito daquele jeito e tudo mais. Que é aquilo que eu falo de você falar de que lugar você está falando, então, eu acho que isso, dentro da terapia ocupacional e dentro da produção mesmo da terapia ocupacional, a gente vê isso, então, isso é uma coisa que me preocupada (Sujeito A).

Então, acho que o problema é que alguns terapeutas ocupacionais acabam lidando com conceitos e instrumentos de avaliação, por exemplo, sem procurar entender a que referencial teórico-metodológico eles se alinham. Acabam se encantando pelas palavras e não pelas perspectivas que elas revelam (Sujeito E).

Em relação a importação de saberes, um dos sujeitos se posiciona dizendo:

O que me preocupa é quando as pessoas tentam sustentar sua prática a partir da produção internacional (Sujeito E).

[...] para mim, é problemático o uso indiscriminado de conceitos importados como o de papéis ocupacionais ou, mesmo, o já bastante usado, desempenho ocupacional. O que preocupante não é usá-los, mas não compreender que há uma concepção, um referencial com bases históricas e filosóficas por trás dos mesmos (Sujeito E).

Em relação ao uso dos termos na terapia ocupacional no Brasil surgiram críticas e reflexões referentes a termos como: AVD (atividade de vida diária), AVP (atividade de vida prática) e ressignificação de cotidiano, mas, também apareceram críticas ao Modelo da Ocupação Humana (MOHO).

Em relação ao MOHO, foi apontado:

Ultimamente, eu tenho evitado usar o Modelo da Ocupação Humana do Kielhofner, porque eu acho que ele fala em modelo [...]. Eu não gosto de usar isso, porque eu acho que isso fragmenta e, o fato de você, às vezes, dizer que trabalha com vários modelos, aqueles modelos da década de 70/80, você fragmenta a pessoa, você corre o risco de não

conseguir atingir a totalidade dela, a complexidade que é e, principalmente, as interações, você 'fatia' tanto que você pode deixar de enxergar as coisas (Sujeito D).

[...]no modelo de ocupação humana, o MOHO, do Kielhofner, há conceitos muito claramente definidos. Me preocupa, por exemplo, quando vejo um instrumento que pergunta sobre papéis ocupacionais, como apresentado em uma publicação, em que há o papel de amigo, que não consigo entender como papel ocupacional. Então, acho que nos processos de validação nem sempre se faz uma tradução cultural do que significa para nossa realidade. (Sujeito E).

Já em relação aos termos mais especificamente:

[...]ultimamente, eu tenho evitado ressignificação de cotidiano, [...] porque eu acho que normalmente vem colocado num lugar meio que tamponando todo um aprofundamento aí que precisamos ter, muitas vezes, nas nossas discussões, então, coloca ressignificar cotidiano como se falasse tudo, como se já dissesse tudo, então, eu acho que eu tenho evitado. E, outra coisa que eu evito é AVD e AVP, eu evito acho que muito em cima do texto que, para mim, foi muito importante, que foi aquele texto que foi uma leitura que a Sandra Galheigo traz sobre o cotidiano e usando a teoria da Agnes Heller, que ela foi fazendo uma diferenciação que para mim aquilo fez tanto sentido, [...] como essa questão da AVD tem toda uma coisa protocolar, uma coisa universalizante e, quanto o cotidiano tem toda uma coisa mais de subjetividade (Sujeito A).

Minhas restrições ao uso de desempenho ocupacional, por exemplo. O que que é desempenhar? Desempenhar para quem? Eu tenho um desempenho ou não? Mas, para que sociedade? Com que expectativa: para compor a produção capitalista? Além do mais, neste conceito está embutida uma ideia de normalidade. A ideia de desempenho ocupacional, na minha leitura, implica uma ação mais instrumental do TO, do que uma preocupação com a produção de sentido e de vida. Assim, para mim, é um conceito que reduz os problemas sociais (de saúde, de educação, questões políticas, de gênero, diferenças étnicas e de orientação sexual) às pessoas (Sujeito E).

6.5 Relevância das discussões teórico-metodológicas para a prática em terapia ocupacional

6.5.1 Classificação dos termos – o que eles representam na terapia ocupacional no Brasil

Quando questionados se os termos atividade, ocupação e cotidiano seriam, para a terapia ocupacional, um instrumento teórico-prático e/ou objeto de estudo e/ou recurso e/ou estratégia-ação e/ou ação, intervenção ou prática e/ou outros, os sujeitos colocaram que:

Podem ser tudo isso e mais até. O que modifica é a concepção teórico-metodológica usada que os faz assumir características diferentes. Então, se eu estou em uma atividade acadêmica, ele vai ser meu objeto de estudo; ele vai ser também meu recurso, no sentido de um recurso conceitual que eu utilizo (Sujeito E).

Eu acho que é tanto um instrumento teórico prático, quanto um objeto de estudo, quanto uma estratégia de ação, quanto uma forma de atuar na prática, porque a atuação da prática ela acontece tendo como base, um referencial teórico. Se eu quiser estudar um caso eu também vou estudar a partir de um referencial teórico e, quando eu penso uma estratégia, uma ação, uma intervenção prática, o referencial teórico está tudo muito conectado com isso, então tudo está alinhado com um conceito que você usa (Sujeito B).

[...] eu acho que seria mesmo um instrumento teórico-prático, dentro da terapia ocupacional, apesar que eu acho que a gente ainda está engatinhando, nos estudos mesmo, teóricos, eu acho que a gente tem que desenvolver mais, pensando até na atividade humana e na ocupação como objeto de estudo da terapia ocupacional, eu acho que é objeto de estudo de terapia ocupacional, mas a gente ainda não se apoderou muito desse objeto não, eu acho que a gente precisa caminhar mais, a gente precisa, realmente, assumir mais esse objeto (Sujeito A).

O Sujeito D refere que acredita ser um instrumento teórico-prático mais do que um objeto de estudo e, justifica:

[...] porque eu acho que são coisas...é uma mão de via dupla, entendeu?! Então, assim, muitas vezes, a gente está lendo o artigo e está vendo aquilo numa prática que você vê, muitas das vezes você está numa prática, você vê uma situação, uma queixa clínica, um relato clínico, se você problematiza aquilo vai alimentar tua teoria. Acho que seria isso (Sujeito D).

6.5.2. Questões teórico-metodológicas X prática

O Sujeito E problematiza a relevância das discussões conceituais para a prática da terapia ocupacional ao colocar:

Qual o valor dos conceitos para a terapia ocupacional? Porque ela é uma profissão que inaugura um modo de cuidar e de abordar o outro, cujo foco é o que as pessoas fazem, os seus modos de viver e como eles se organizam e criam na concretude da vida; não só em seus sonhos, desejos [...]. O terapeuta ocupacional reconhece e valida as pequenas e grandes questões que para as pessoas são um problema, trazem sofrimento, incômodo, desconforto; e, isto é importante. Para as pessoas, o que importa é a abordagem da questão e não a discussão conceitual (Sujeito E).

Então, eu acredito que na terapia ocupacional, a prática diz muito. Quero dizer, eu acho que, no dia a dia da prática profissional, não me interessa muito qual termo estou usando, se é atividade ou ocupação. Eu quero saber, “O que que está difícil na sua vida?” [...] Então, o que me importa na prática profissional é a vida das pessoas, como as pessoas vivem e o que as impede de levarem vidas mais satisfatórias, mais felizes, com mais sentido (Sujeito E).

[...] na prática o que importa é o que o TO faz. Discussão conceitual é discussão acadêmica (Sujeito E).

Então, eu não acho que a prática do TO dependa da construção desses conceitos, eu acho que os conceitos ajudam a gente a fazer uma discussão mais acadêmica e refletir sobre as bases teórico-conceituais da profissão. Isso, como já disse, é importante para mim. Mas, na prática, acho que o que importa é traduzir para o outro o que queremos saber (Sujeito E).

O Sujeito C também problematiza brevemente essa questão, apontando que os conceitos devem ser “esquecidos” durante as intervenções e, o terapeuta deve preocupar-se com o seu paciente, em entender sua história, dentre outros aspectos importantes. Ou seja, ressalta que no momento do atendimento o terapeuta deve estar aberto para a relação com o outro. Isso pode ser observado no trecho:

Tudo bem que eu não vou ficar pensando nisso a hora que eu estiver com um paciente na minha frente, mas que eu deveria alargar um pouco mais meus horizontes para entender quem que é essa pessoa, sim (Sujeito C).

E, o Sujeito B faz uma colocação na qual questiona sobre o quanto que os profissionais já formados e que atuam na prática têm acompanhado a produção de conhecimento da profissão. Ou seja, está considerando a importância das discussões acadêmicas que dizem respeito aos fundamentos da terapia ocupacional para prática. E, isso pode ser observado quando diz:

[...] os profissionais que estão formados há 20 anos, ou mais, o que eles acompanharam disso tudo que aconteceu? A maioria das pessoas não faz curso de especialização em terapia ocupacional, as pessoas vão fazer especialização nas diversas áreas em que eles estão atuando; e a terapia ocupacional vai perdendo foco.

6.6. Tecendo reflexões

Embora os participantes da pesquisa utilizem diferentes expressões e conceitos entre si, em nenhum momento defendem a universalidade da nomeação e conceituação das práticas terapêuticas ocupacionais e/ou julgam que o termo/conceito que fazem uso é o mais adequado. Porém, a partir de seus arcabouços teóricos, apresentaram críticas a modelos, termos e a reprodução e importação de saberes.

Ocupação foi o termo que apresentou mais críticas a seu respeito, sendo colocado por alguns participantes da pesquisa, tendo em consideração o contexto da terapia ocupacional brasileira, que ele pode ser associado com o tratamento moral. Esse tipo de intervenção, era empregada em instituições psiquiátricas até as primeiras décadas do século XX e, tinha por fundamento que a doença mental era caracterizada por uma desordem interna e implícita ao paciente e que eram necessários processos de organização externa e ambiental para restabelecer a ordem e o equilíbrio dos pacientes, sendo a ocupação do tempo livre um dos meios utilizados para tal (LANCMAN, 1990; SOARES, 1991).

A ideia do trabalho enquanto instrumento de cura é antiga, e foi bastante enfatizada [...] no tratamento moral. No entanto, o uso das atividades terapêuticas enquanto instrumento no tratamento da loucura também evoluiu. A moderna terapia ocupacional terminou incorporando ou sendo incorporada por essas novas concepções que foram surgindo ao longo dos anos, e com isso avançando seus princípios e objetivos terapêuticos, assim como seus instrumentos de trabalho (LANCMAN, 1990, p. 30).

O desenvolvimento da terapia ocupacional e da psiquiatria (tratamento moral) acabam cruzando-se, dada a proximidade dos meios utilizados em seu tratamento, porém ambas apresentaram modificações ao longo de sua constituição, as quais foram muito influenciadas pelo desenvolvimento científico e tecnológico. Assim, aponta-se que a história contribui não apenas para a formação das atuais práticas da profissão, mas também para a associação da terapia ocupacional com o tratamento moral, devido à proximidade de seus instrumentos de intervenção e dado histórico recente, considerando que ainda existem instituições psiquiátricas no país, apesar de funcionarem com lógicas e organizações distintas das do século anterior.

Além disso, ocupação foi apontada como uma palavra que apresenta uma tradução/conceito para a língua que não condiz com as práticas terapêuticas ocupacionais desenvolvidas, sendo que seu significado está atrelado ao trabalho, ocupação do tempo livre, ocupação de terras, dentre outros, o que poderia causar a dificuldade do entendimento dos objetivos da profissão para a população atendida.

Sobre esse aspecto, resgatamos aquilo que é apontado por Chauí (2000), as línguas são desenvolvidas a partir de determinações sociais e culturais, com isso, a tradução de uma língua para a outra torna-se um processo muito difícil, pois as significações das diversas palavras são diferentes em cada contexto. Um exemplo trago pela autora é da palavra *cheese*, em inglês, que seria queijo em português e *fromage* em francês. Mesmo conseguindo traduzir o termo, podemos observar que as significações são distintas; para o inglês esse termo refere-se a algo cremoso e leitoso com pouco sabor, ou a algo mais duro que se come de outra maneira; já o francês se refere a uma diversidade de queijos, os quais irão variar de acordo com a região em que ele mora, o dia e o horário em que irá saborear, além disso, sempre o irá degustar com pão e vinho; e o brasileiro costuma ingerir esse alimento (suas diversidades) com doces, leite, café. Ou seja, uma mesma palavra carrega consigo as significações do contexto e língua em que é empregada, o que justifica a dificuldade da tradução do termo ocupação para o contexto brasileiro.

Ademais, ocupação é um conhecimento desenvolvido em um país que apresenta um contexto econômico, político, cultural e social muito diferente do Brasil, o que, segundo alguns participantes da pesquisa, é um saber que não se adequa a esse contexto dadas suas diferenças, sendo que ele poderia não responder às demandas e necessidades apresentadas por essa população. Críticas que podem ter como base a ideia de que “a produção dos saberes singulares a um campo remonta à história, às clientelas que se compõem num

tempo e espaço, às diversidades culturais, às conjunturas políticas, econômicas e sociais” (DRUMMOND, 2007, p. 16).

Porém, temos de considerar que

nosso mundo é sempre o mundo que construímos com outros, toda vez que nos encontrarmos em contradição ou oposição a outro ser humano com quem desejamos conviver, nossa atitude não poderá ser a de reafirmar o que vemos do nosso próprio ponto de vista, e sim a de considerar que nosso ponto de vista é resultado de um acoplamento estrutural dentro de um domínio experiencial tão válido como o de nosso oponente, ainda que o dele nos pareça menos desejável (MATURANA; VARELA, 1995, p. 262).

Por isso, é importante ter em vista que ocupação é o termo mais utilizado na terapia ocupacional internacionalmente e que seu entendimento se faz fundamental, assim como o estudo de seus modelos e perspectivas, comparando-os àqueles desenvolvidos no Brasil e que se referem a outros termos e conceitos, de modo a produzir saberes consistentes, críticos, atuais e que considerem relevante todo tipo de conhecimento.

Outro aspecto que pôde ser observado a partir dos dados coletados, refere-se ao histórico da terapia ocupacional no Brasil, sendo que os participantes trazem em seus relatos a história hegemônica da profissão no país, em que seu surgimento se deu por influência do conhecimento anglo-saxão. Sendo possível apontar a partir dessa constatação que histórias que partem de outro viés ainda são pouco conhecidas, exploradas, relatadas e estudadas.

A respeito do desenvolvimento da profissão no país, a partir dos anos de 1980, de acordo com a literatura (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001; SALLES; MATSUKURA, 2016) e a partir do que os participantes trazem em suas entrevistas, houve um “rompimento” com a literatura internacional, o que proporcionou à terapia ocupacional no Brasil o desenvolvimento de conhecimentos, termos e conceitos próprios, os quais foram desenvolvidos na busca de que pudessem responder de maneira mais adequada às demandas e necessidades colocadas para a profissão no país, que até então importava saberes e tentava os aplicar e reproduzir em sua prática.

Nesse movimento de produção de conhecimentos, a terapia ocupacional apoiou-se em outros campos científicos, como, por exemplo, as ciências humanas, os quais a auxiliaram no embasamento de seus saberes. Assim, observa-se que muito dos referenciais teóricos que sustentam os conceitos de atividades e cotidiano são de estudiosos dessa área.

Porém, apesar de considerarmos a importância desse marco histórico (“rompimento” com a literatura internacional) para o desenvolvimento da terapia ocupacional brasileira e de seus conhecimentos próprios, precisamos considerar quais outras implicações esse processo pode ter gerado. É possível dizer a partir disso que o desenvolvimento da terapia ocupacional no Brasil tenha se dado de modo muito distante da realidade internacional/mundial, considerando que o termo e o conceito de ocupação é o mais utilizado na profissão no mundo? Ou pode ter sido responsável pela visão que muitos terapeutas ocupacionais apresentam sobre a ocupação atualmente (de não ser um termo claro; de não representar as práticas terapêuticas ocupacionais desenvolvidas)?

Essas reflexões suscitam para uma outra que se faz presente desde o início dessa discussão: por que os terapeutas ocupacionais brasileiros estão apoiando-se em conhecimentos externos para sustentar suas práticas, considerando que na década de 1980 acreditavam que esses saberes eram descontextualizados e não respondiam as necessidades da população atendida (SOARES, 1991; CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001)? Houve uma mudança e os terapeutas ocupacionais passaram a acreditar que os conhecimentos próprios desenvolvidos na profissão no Brasil são insuficientes e/ou pouco fundamentados? Ou estamos imergindo na lógica da ciência moderna (SANTOS, 2007) e acreditando que apenas o conhecimento produzido a partir dela é válido?

Tendo isso em consideração, a ética das ciências exige que saberes construídos devem estar à disposição de qualquer sociedade independentemente de onde são produzidos, ou seja, a importação de saberes não pode ser julgada a partir de uma lógica de valores. Assim, mais que necessários são os diálogos e a internacionalização dos conhecimentos, na busca pelos câmbios e construções coletivas de saberes, evitando a reprodução e aplicação sem o devido conhecimento, contextualização, embasamento e reflexão crítica, tão necessários aos terapeutas ocupacionais.

Portanto, partimos em defesa de que não há um saber único e universal na terapia ocupacional, mas diversos que se conectam e se distanciam a partir de suas características e que devem ser apreciados, conhecidos e considerados (SANTOS, 2007, 2010).

Há que se preocupar, assim como afirmado pelos participantes da pesquisa, com práticas descontextualizadas, sem embasamento e reflexão teórica, que reproduzem saberes e/ou perspectivas e modelos e que tendem a ser vistos como “verdades únicas”, se fechando para com os demais, não abrindo espaços para diálogos, ideias que vão ao encontro

daquilo que é defendido pela ciência moderna, que se considera a única forma de conhecimento válida.

Por fim, considerando que a atividade, o cotidiano e a ocupação são os instrumentos teórico-práticos da terapia ocupacional, assim como referido pelos participantes da pesquisa, apontamos que tais se tornam fundamentais para o desenvolvimento da prática profissional, porém com base nos dados e reflexões apresentadas até o momento podemos concluir que esse tipo de conhecimento tem sido, muitas vezes, desvalorizado para a prática.

As reflexões apontadas por alguns entrevistados inferem sobre a cisão entre a prática e a teoria, pois não trata da composição de uma atividade produzida necessariamente na interdependência teoria-prática.

Como estas ações aparecem em rompimento também são estabelecidas onde cada uma delas são produzidas. Agravando essa cisão quando a produção e a construção de saber sobre os enunciados da prática estão relacionadas à academia e não à própria prática que materializa a existência de uma fundamentação /teorização deste fazer.

Esta problemática nos leva a cisão do trabalho intelectual e da execução dos fazeres, a preocupação aqui é que a terapia ocupacional como profissão dinâmica necessariamente e a partir de seus fazeres, na produção de novas respostas às demandas sempre do presente produz e reorienta suas intervenções, procedimentos e modos de fazer que estão em constante transformação.

É de extrema importância que o terapeuta ocupacional em sua prática cotidiana esteja atento e voltado diretamente para as pessoas e coletivos diretamente vinculados à sua prática, por outro lado este tipo de preocupação, afirmada na entrevista, compõe os fundamentos e teorias que sustentam os modos de estar e fazer em terapia ocupacional. Da mesma forma uma produção de saber que está cindida com a prática dificilmente será considerada ou relevante, e por isso, provavelmente se tornará inócua.

Embora a prática cotidiana e acadêmica sejam diferentes exercícios sobre o fazer, a relação entre saberes e fazeres, da construção teoria e prática está em composição, interdependência e são amalgamas para o desenvolvimento da própria profissão.

Tendo isso em vista, nos indagamos: como tem sido a formação dos terapeutas ocupacionais e de que maneira esse tema é abordado? Há uma crítica de que os

profissionais fazem uso indiscriminado dos termos e dos conceitos e que não os referenciam de maneira adequada. Esta problemática inevitavelmente reforça a necessidade de uma formação profissional capaz de suprir estas demandas consideradas como basais e fundamentais para o exercício da profissão independente da área de atuação.

7. FORMAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

Esse capítulo, assim como o anterior, é composto por dados obtidos através da realização das entrevistas com os participantes da pesquisa, sendo que eles se referem, especificamente, à formação em terapia ocupacional, ao modo como alguns dos participantes da pesquisa, que são docentes e responsáveis por disciplinas de fundamentos da profissão, ministram conteúdos que se referem à temática do presente estudo. Além disso, traz a visão e a preocupação dos entrevistados em relação sobre o impacto da na atuação profissional e sobre o desenvolvimento dos estudos que envolvem o presente tema.

7.1. Graduação

O Sujeito D, assim como mencionado anteriormente, é docente e relata refere desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão. E, conta, durante sua entrevista, que ministra a disciplina de fundamentos da terapia ocupacional e que nela ele procura trabalhar as questões históricas da profissão e discutir o panorama atual. E, sobre o uso dos termos no desenvolvimento de sua prática docente, coloca que:

[...] eu tento dar esse panorama, falando de atividade, cotidiano, ocupação, dentro de ocupação a gente fala de várias abordagens, fala de desempenho ocupacional, fala de comportamento ocupacional, fala de forma e performance, tem que falar, fala de Ciência da Ocupação, então, a gente tem que falar um pouquinho de cada coisa (Sujeito D).

Aí, quando eu estou dentro de áreas mais clínicas, no hospital ou outros módulos que eu dou na faculdade, principalmente as vinculadas às práticas, eu tento trazer um pouquinho mais para a linguagem da qual eu me sinto mais à vontade, que eu acho que faz mais sentido dentro daquilo que eu produzo e tal. Mas, não está fechado, entendeu?! É natural que isso aconteça (Sujeito D).

E, nos projetos de extensão e pesquisa, aí é aquilo que realmente cabe para cada desenho metodológico, desenho de pesquisa que a gente trabalha (Sujeito D).

Assim, a partir do relato trago pelo Sujeito D, fica evidente que apesar dos docentes tentarem abordar os diversos termos e seus respectivos conceitos no conteúdo das disciplinas de terapia ocupacional, eles acabam por dar ênfase ao termo, conceito e

referencial teórico que fazem uso em sua prática profissional e acadêmica. Tal aspecto também fica nítido no trecho de outra entrevista:

[...] eu acho que dando aula eu tento ser mais reflexiva em relação ao termo, junto com os alunos, fazer uma reflexão maior e tudo mais, mas eu sempre me refiro à atividade (Sujeito A).

Além disso, o Sujeito B traz em sua entrevista uma reflexão que se refere à formação em terapia ocupacional e, questiona-se como tem se dado a abordagem da temática nas diversas universidades do Brasil. Sendo que tais reflexões deixam claro que para esse sujeito essa é uma temática fundamental para a formação do profissional e para posterior atuação prática. Isso é evidenciado nos seguintes trechos:

O que eu acho importante é que a academia se aproprie disso, as universidades se apropriem desses termos, desses conceitos, e, como a gente só tem uma universidade que tem mestrado e doutorado em TO, isso fica um pouco limitado... fico me perguntando como isso está sendo apropriado e está sendo ensinado nas tantas universidades que tem espalhadas Brasil afora (Sujeito B).

Não vamos esperar que a academia tenha um consenso, mas que tenha o debate, o problema é não haver o debate e, eu acho que, aí sim, se tem um problema. Se essa discussão não for feita nas universidades, e esses conceitos não estiverem na grade curricular dos cursos, inclusive nos cursos mais novos do Norte, Nordeste, Sul; que bagagem esses TOs terão? (Sujeito B).

7.2. Pós-graduação em terapia ocupacional – responsabilidade com a produção de conhecimentos

Considerando a importância do aprofundamento das discussões acerca dos termos, conceitos e dos fundamentos da profissão, alguns participantes da pesquisa apontaram para a responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, o único no país, em produzir conhecimentos nessa área. Isso pode ser observado a partir dos seguintes trechos:

[...] pensando até na atividade humana e na ocupação como objeto de estudo da terapia ocupacional, eu acho que é objeto de estudo de terapia ocupacional, mas a gente ainda não se apoderou muito desse objeto não, eu acho que a gente precisa caminhar mais, a

gente precisa, realmente, assumir mais esse objeto, [...] eu acho que o fato da gente ter uma pós-graduação agora em terapia ocupacional, uma pós-graduação stricto sensu, eu acho que isso vai...eu acho que a gente está nesse caminho (Sujeito A).

[...] são superimportantes o mestrado e o doutorado de São Carlos, porque é a primeira oportunidade que temos para estudar esses referenciais teóricos da terapia ocupacional e, neste contexto, se coloca para a profissão, a pergunta: qual é a sua escolha? De forma muito mais clara. Porque antes algumas poucas pessoas conseguiam encontrar em outros departamentos, um orientador que topasse orientar temas de terapia ocupacional. Mas, eu acho que a maioria das pessoas não teve a oportunidade de estudar temas relacionados a TO, porque não havia o mestrado na área. Enfim, era assim. E, hoje em dia é uma grande oportunidade para a gente avançar e estudar e fazer nossas escolhas né?! Porque está aberta a oportunidade de se estudar especificamente a terapia ocupacional, e isso é uma responsabilidade para o curso de pós-graduação em TO. A escolha dos temas a serem estudados no único curso de doutorado em TO da América Latina é algo muito sério (Sujeito B).

7.3. Tecendo reflexões

Assim como colocado pelos entrevistados, tem ocorrido na terapia ocupacional a importação e reprodução de saberes e uma “mistura” de perspectivas que não se conectam. O que nos suscita as seguintes reflexões: como tem se dado o ensino de termos, conceitos e as diferentes perspectivas teórico-metodológicas na formação dos terapeutas ocupacionais no Brasil? Essa temática tem sido abordada? Há clareza dos diferentes referenciais teóricos? Ou ainda, considerando as mudanças e as diferentes discussões acerca dessa temática ao longo do tempo, o quanto os profissionais formados acompanham o desenvolvimento e a atualização da produção de conhecimentos que diz respeito ao cerne da terapia ocupacional?

A constante produção de conhecimentos e a diversidade de práticas terapêuticas ocupacionais, que também são produzidas e enunciadas no cotidiano de cada profissional, têm produzido formas e conteúdos que nem sempre estão conectados entre as dimensões da ciência, da produção de saberes e da formação acadêmica. A educação continuada e a atualização dos profissionais são tão necessárias quanto a simbiose entre a produção de conhecimento acadêmica em consonância com os cotidianos de práticas profissionais.

No caso da formação acadêmica formal, sobretudo graduada, temos diferentes docentes ministrando disciplinas de fundamentos da terapia ocupacional nas diversas universidades do país, ou seja, são diferentes modos de ver e pensar, com consequentes diferenças nos modos de ensinar e abordar os fundamentos da profissão. Podemos ter casos em que os docentes não possuem formações específicas para contemplar a complexidade dessa temática. Por outro lado, assim como relatado pelos participantes da pesquisa, mesmo quando há um esforço do docente em abordar todos os termos, conceitos e perspectivas, é muito provável que algum enfoque seja adotado por ele, uma vez que este referencial também o guia em seus estudos, práticas e pesquisas e, conseqüentemente, possui maior domínio e conhecimento. O que resulta na distinção da formação nas diversas instituições de ensino superior do país no que diz respeito a um conteúdo fundamental para a profissão.

Além disso, é apontado por um dos participantes da pesquisa, que na realidade brasileira, não temos o termo atividade como sendo apenas o mais utilizado entre os terapeutas ocupacionais, ele também está presente na nomeação de muitas disciplinas dos cursos de terapia ocupacional das diversas instituições de ensino superior do Brasil, o que nos leva a hipótese de que há maior abordagem/discussão desse termo e de seus conceitos na formação e que os demais podem estar sendo esquecidos, negligenciados e/ou menos abordados. Assim, apontamos para a importância da abordagem dos diversos termos, conceitos e perspectivas, para a fomentação de discussões críticas que considerem as reflexões atuais que tem girado em torno dessa temática, considerando que a formação é o ponto chave entre a maioria das problematizações criadas sobre esse tema.

Por fim, suscitamos reflexões que dizem respeito à produção de conhecimentos sobre essa temática, tendo em vista que os participantes da pesquisa apontaram que tal ainda é precária e que necessita de investimento. Alguns deles acreditam que o Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade de São Carlos, único programa *stricto sensu* da área no país, tem o compromisso de desenvolver estudos e reflexões que abordem os fundamentos da profissão, considerando a riqueza e a singularidade desse espaço.

Porém, por termos apenas um programa de pós-graduação *stricto sensu* na terapia ocupacional no Brasil, ainda são poucos os pesquisadores inseridos em tal, dadas vagas limitadas e financiamento restrito. Além disso, podemos observar que temos pouco investimento nas pesquisas e discussões sobre os fundamentos da terapia ocupacional,

sendo que a maioria das pesquisas finalizadas até o momento apontam para uma maior concentração nos estudos das áreas específicas da profissão. O que mais uma vez aponta para a disputa de poder do campo científico e para o fato de que determinados objetos de estudo estão sendo privilegiados na produção do conhecimento (BOURDIEU, 1998, 2004).

Temos a partir dessa realidade, que a produção de saberes da profissão está voltada para os estudos epistemológicos da terapia ocupacional e que os que se voltem para temáticas como o da presente pesquisa ainda são incipientes. Assim, apontamos que será necessária a composição de um corpo amplo de pesquisadores para alavancar as problemáticas que envolvem o campo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos, a partir dos dados coletados no presente estudo, que o termo atividade é o mais utilizado nos títulos das publicações do CBTO e entre os terapeutas ocupacionais entrevistados, seguido de cotidiano, que passou a ser mais usual no evento e na profissão a partir do ano de 2003. Sendo ocupação o menos incidente no recorte feito, porém com crescimento em sua utilização a partir de 2007 quando em comparação com os anos anteriores da realização do evento e assim como apontado em estudos da área.

Foi observado ainda que há um número escasso de terapeutas ocupacionais pesquisadores apresentando publicações com algum dos termos utilizados na busca (atividade, ação, fazer, cotidiano, ocupação e práxis), sendo que apenas 16,5% dos trabalhos, dentre todos os anos de realização do CBTO, têm uma ou mais expressões dentre as selecionadas nos títulos dos trabalhos.

Indica-se que, considerando a relevância dos termos e dos conceitos para a terapia ocupacional, sua utilização dentre as publicações no CBTO mostra-se escassa. O que conjuntamente com o que é ressaltado pelos entrevistados, de que há pouco investimento nos estudos e discussões sobre o tema, evidencia a necessidade do campo em debruçar-se na produção textual e simbólica para descrever, comunicar e refletir a respeito dos diferentes processos teóricos e práticos envolvidos em fazer terapia ocupacional.

Com base no aprofundamento teórico, pôde-se observar que a linguagem e, conseqüentemente, os usos e modificações dos termos e conceitos ao longo do desenvolvimento da profissão foram influenciados por fatores históricos, culturais, econômicos, políticos, dentre outros, inerentes ao contexto. E que, muitas vezes, a transformação dos modos de ver e nomear os processos na terapia ocupacional é suscitada por publicações que se efetuem como marcos históricos, mas que ganham essa relevância pois conseguem traduzir as questões e demandas do campo, ao mesmo tempo que incitam o debate coletivo.

Os dados obtidos a partir das entrevistas resultaram em três grandes categorias de análise: 1) compreensão do uso dos termos pelos terapeutas ocupacionais; 2) percepções individuais-coletivas; 3) formação em terapia ocupacional. Sendo possível a partir delas identificar os termos e os conceitos utilizados pelos participantes do estudo e os fatores que influenciam nesses usos; aprofundar discussões que se referem à utilização e ao

histórico das expressões atividade, cotidiano e ocupação na profissão no Brasil e; problematizar questões referentes à formação em terapia ocupacional, as quais estão diretamente ligadas às discussões suscitadas sobre a temática no recorte dessa pesquisa.

A primeira categoria nos possibilitou observar que mesmo quando o mesmo termo é utilizado pelos diferentes sujeitos, o conceito e o arcabouço teórico adotados podem ser muito distintos. Porém, podemos apontar que muitos dos referenciais citados para o embasamento do conceito de atividade pertencem às ciências humanas e, o de cotidiano, se sobressaem autoras como Sandra Galheigo e Agnes Heller.

Especificamente em relação aos aspectos que influenciam na utilização e adoção de um termo e de sua bagagem conceitual, de acordo com o que foi exposto nas entrevistas, temos que eles são formados por quatro categorias principais, sendo elas: identidade, trajetória, perspectiva conceitual e experiência. O que confirma que o uso da linguagem é singular, subjetivo e influenciado por diversos fatores inerentes ao sujeito e ao contexto em que ele está inserido.

A segunda categoria nos permite verificar que mesmo os participantes da pesquisa adotando determinadas expressões e conceitos, eles não defendem a universalidade de nomeações/conceituações na terapia ocupacional, pelo contrário, alegam que a pluralidade é uma riqueza e que pode auxiliar o desenvolvimento da profissão.

Se considerarmos a priori a defesa da pluralidade de termos, conceitos e perspectivas, é preciso ampliar a troca, o debate, a construção de conhecimento e a elucidação sobre de que diversidade de saberes construímos e podemos nos referir. Assim como, buscar maior evidência e clareza sobre os referenciais teóricos e metodológicos que a compõe. Afirmar que os usos e conceitos dos termos para enunciar práticas e teorias em terapia ocupacional no Brasil é diverso e plural, não significa ser arbitrário ou justifica a ausência de respaldo conceitual para elucidar a que perspectiva, modelo, compreensão ou referencial se baseia tal conteúdo.

Além disso, foram entoadas nessa categoria, críticas a modelos específicos e ao termo ocupação, principalmente. O que confirma a ideia de que essa não é uma expressão bem aceita pelos terapeutas ocupacionais no Brasil devido não somente à sua tradução, mas também aos aspectos históricos que são resgatados a partir do uso dessa palavra na profissão no país.

Já a terceira categoria nos faz refletir sobre como tem se dado a formação graduada e pós-graduada em terapia ocupacional em relação a conteúdos que são a base da profissão, especificamente o que é abordado na presente pesquisa. Sendo que podemos concluir a partir dos dados obtidos que o ensino se dá de modos distintos e que ele está diretamente relacionado com o docente, com a perspectiva que adota e suas respectivas bagagens teóricas e conceituais.

Por fim, foi ressaltado pelos entrevistados que os termos e os conceitos na terapia ocupacional são raramente tomados como objeto de estudos e que é fundamental o investimento em tais. Sendo que eles apontam como sendo de responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade de São Carlos, único programa *stricto sensu* da área no país, o desenvolvimento em estudos e reflexões que abordem os fundamentos da profissão.

Inferimos que a presente pesquisa incita algumas reflexões e cria problematizações sobre o tema, porém, coloca-se que ela compõe apenas uma peça do jogo de forças, de disputa e poder intrínsecos à terapia ocupacional, em que é necessário o encaixe de muitos outros componentes para aprofundar as questões referentes a fundamentação/conceituação epistemológica do campo.

Por fim, ressalta-se que a temática do estudo diz respeito à linguagem, que se caracteriza por ter um processo vivo, dinâmico e constantemente transformado por jogos de forças intrínsecos a ela, além disso, sofre influências das disputas de poder do campo científico. Sendo assim, estará sempre em movimento, o que justifica o investimento em reflexões constantes e abertas ao novo.

Ressaltamos, por fim, a necessidade de sairmos de nossa zona de conforto, de nos abirmos para a diversidade de perspectivas existentes no campo e refletirmos sobre nossos modos de ver e fazer terapia ocupacional, buscando, assim, a crítica das práticas desenvolvidas e das teorias empregadas.

Referenciais

BARROS, D.D.; LOPES, R.E.; GHIRARDI, M.I.G. Terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v.13, n.3, p. 95-103, 2002.

BARROS, D.D. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v.15, n.3, p.90-97, set/dez. 2004.

BARROS, J. D. *Os conceitos: seus usos nas ciências humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BENETTON, M. J. *A Terapia Ocupacional como instrumento nas ações de Saúde Mental*. 1994. 190p. Tese (Doutorado em Saúde Mental). Campinas: UNICAMP, 1994.

BENETTON, J.; MARCOLINO, T. Q. As atividades no Método Terapia Ocupacional Dinâmica. *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 645-652, 2013.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./abr. 2002, p. 20-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: maio/2017.

BOURDIEU, P. Método científico e hierarquia social dos objetos. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 33-38.

BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*/Pierre Bourdieu; texto revisto pelo autor com a colaboração de Patrick Champagne e Etienne Landais; tradução Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004, 86p.

CARDINALLI, I. *Conhecimentos da terapia ocupacional no Brasil: um estudo sobre trajetórias e produções*. 2017. 208 p. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional). São Carlos: UFSCar, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8496>>. Acesso em: fevereiro/2017.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B.; Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. (orgs.). *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexos Editora, 2001, p. 41-59.

CASTRO, E. D.; ISODA, N. M. T.; DUARTE, R. T.; GALHEIGO, S. M.; ALMEIDA, E. A. A. Composições...palavras...imagens...costuras... *Interface*, v. 17, n. 46, p. 743-754, jul./set. 2013.

CETO – Centro de Especialidades em Terapia Ocupacional - <http://www.ceto.pro.br/atividades/index.php/inicio>. Acesso em: jan/2018.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. 567 p.

DE CARLO; M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. Caminhos da Terapia Ocupacional. In: _____ (orgs.). *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexos Editora, 2001, p. 19-40.

DRUMMOND, A. F. Fundamentos da Terapia Ocupacional. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia Ocupacional: fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007, p. 10 – 17.

FERIOTTI, M. L. Construção de identidade(s) em terapia ocupacional no contexto das transformações paradigmáticas da saúde e da ciência. In: PÁDUA, E. M. M.; FERIOTTI, M. L. *Terapia Ocupacional e Complexidade: práticas multidimensionais*. 1 ed. Curitiba: CRV, 2013, p. 43- 70.

FERIOTTI, M. L. Construcción de la identidad profesional del terapeuta ocupacional en el marco epistemológico actual: una mirada particular desde Brasil. *TOG (A Coruña)*, v. 14, n. 25, março/2017, p. 17-31. Disponível em: <http://www.revistatog.com/num25/pdfs/100a%C3%B1osdeterapia1.pdf>. Acesso em: março/2017.

FRANCISCO, B. R. *Terapia Ocupacional*. 2ª ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2001. 95 p.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 536 p.

FURTADO, E. A. Conversando sobre identidade profissional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 10, n. 2/3, p. 46-8, mai./dez. 1999.

GALHEIGO, S. M. *Terapia Ocupacional: a produção do conhecimento e o cotidiano da prática sob o poder disciplinar: em busca de um depoimento coletivo*. 1988. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: UNICAMP, 1988. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251914/1/Galheigo_SandraMaria_M.pdf. Acesso em: janeiro/2017.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-9, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13924/15742>. Acesso em: julho/2017.

GALHEIGO, S. M. As discussões “fundamentais” da terapia ocupacional: retrospectiva histórica, percursos e perspectivas. *X Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional: contextos, territórios e diversidades*. Goiânia, 2007. 12 p.

GALHEIGO, S. M. Perspectiva crítica y compleja de la Terapia Ocupacional: actividad, cotidiano, diversidad, justicia social y compromiso ético político. *TOG (A Coruña)*, p. 176-189, 2012. Disponível em: <http://www.revistatog.com/mono/num5/compromiso.pdf>. Acesso em: março/2017.

GUAJARDO, A. C. Chile – Terapia ocupacional apuntes para uma historia inconclusa. In: SANTOS, V.; GALASSI, A. D. *Questões Contemporâneas da Terapia Ocupacional na América do Sul*. Curitiba: CRV, 2014, p. 51-71.

LANCMAN, S. O dilema do uso de atividades terapêuticas nos hospitais psiquiátricos brasileiros. *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 24 – 49, 1990.

LIMA, E. A. Terapia Ocupacional: um território de fronteira? *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 8, n. 2/3, p. 98-101, mai./dez. 1997.

LIMA, E. M. F. A. Identidade e complexidade: composições no campo da terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 10, n. 2/3, p. 42-5, mai./dez. 1999.

LIMA, E. M. F. A.; INFORSATO, E. A.; LIMA, L. J. C.; CASTRO, E. D. Ação e criação na interface das artes e da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 143-148, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/14069/15887>. Acesso em agosto/2017.

LIMA, E. M. F. A.; PASTORE, M. D. N.; OKUMA, D. G. As atividades no campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 68-75, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/14122/15940>. Acesso em: janeiro/2017.

LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. Traçados teórico-práticos e cenários contemporâneos: a experiência do METUIA/UFSCar em terapia ocupacional social. In: _____ (orgs.). *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016, p. 297-305.

MAGALHÃES, L. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 255-263, 2013.

MATURANA, H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Editorial Psy, 1995. 281 p.

MEDEIROS, M. H. R. Fundamentos e fundações: construindo nossas bases de ação. *X Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional: contextos, territórios e diversidades*. Goiânia, 2007. 12 p.

MEDEIROS, M. H. R. *Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social*. São Carlos: EdUFSCar, 2010. 185 p.

- MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MOSÉ, V. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 238 p.
- NASCIMENTO B. A. O mito da atividade terapêutica. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 17-21, 1990.
- PALM, R. C. M. *Catálogo Latinoamericano de asociaciones, carreras y postgrados de terapia ocupacional*. Curitiba, 2012. 97 p.
- PINTO, J. M. *As Correntes Metodológicas em Terapia Ocupacional no Estado de São Paulo (1970-1985)*. 1990. 160p. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, 1990.
- QUARENTEI, M. S. Terapia Ocupacional e Produção de Vida. Conferência de encerramento. *Anais do VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional*. Porto Alegre, 2001. 8 p.
- QUARENTEI, M. S. Do ocupar a criação de territórios existenciais. *Anais do X Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional*. Goiânia, 2007. 11 p.
- SALLES, M. M.; MATSUKURA, T. S. Conceitos de ocupação e atividade: os caminhos percorridos pela literatura nacional e de língua inglesa. In: _____. *Cotidiano, Atividade Humana e Ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental*. São Carlos: EdUFSCar, 2016, p. 13-35.
- SANTOS, B. S. Conhecimento e transformação social: para uma ecologia dos saberes. *Somanlu – Revista de Estudos Amazônicos*, ano 7, n. 1, p. 175-189, jan./jun. 2007.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.
- SANTOS, B. S. Um ocidente não-ocidentalista? A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 519-562.
- SILVA, C. R. As atividades como recurso para pesquisa. *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 461-470, 2013.
- SOARES, L. B. T. *Terapia Ocupacional - lógica do capital ou do trabalho?* São Paulo: HUCITEC, 1991. 217 p.
- SOARES, L. B. T. História da Terapia Ocupacional. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia Ocupacional: fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007, p. 3 – 9.

Apêndices

1. Roteiro de Entrevista Semiestruturada

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Entre os termos atividade, ocupação e cotidiano, qual deles você adota? Por que?
2. Caso o termo escolhido tenha sido atividade, você o qualifica? (Por exemplo, utiliza apenas o termo atividade ou faz uso de atividade humana e/ou atividade terapêutica e/ou atividades criativas, etc.).
3. Como você define a função, o uso e o sentido desse termo na terapia ocupacional?
4. Você considera que os termos **atividade, cotidiano e ocupação** são para a terapia ocupacional:

<input type="checkbox"/> instrumento teórico-prático	<input type="checkbox"/> estratégia-ação
<input type="checkbox"/> objeto de estudo	<input type="checkbox"/> ação, intervenção ou prática
<input type="checkbox"/> recurso	<input type="checkbox"/> outro: _____
- Por favor nos apresente sua compreensão, justifique ou explicita sua resposta
5. Você sempre fez uso desse termo (ao longo da carreira) ou optou por outro?
6. Você costuma usar outros termos? Quais? Os utiliza como sinônimos?
7. Existe algum termo que você evita utilizar? Qual e por quê?
8. A depender do uso você adota termos diferentes? Exemplifique (por exemplo, nas pesquisas faz uso do termo x e no ensino fala sobre o termo y) e explique.
9. Para você, esse termo pode ser intercambiável entre a teoria e a prática na terapia ocupacional?
10. Você acha que a escolha do termo e do conceito utilizado por você foi influenciada pela sua área teórico-prática de investigação? E de prática?
11. Quais os aspectos que você acredita que te influenciaram na escolha desse termo? (Por exemplo, um campo teórico-prático, uma perspectiva/paradigma ou um referencial teórico)

12. Como você considera a “evolução” do termo que você utiliza, na história da terapia ocupacional no Brasil?
13. Em sua produção de conhecimento, você se preocupa em definir, conceituar ou explicar sobre este termo? Justifique.
14. Se sim, o que te impulsiona a realizar estudos e reflexões sobre o(s) termo(s) e seu(s) conceito(s) na terapia ocupacional?
15. Como você conceitua este termo (o termo mais utilizado)?
16. Você utiliza outros conceitos? Quais?
17. Quais são os referenciais teóricos (de outras áreas e da terapia ocupacional) que te auxiliam a conceituar, fundamentar ou dar o significado para esse termo?
18. Alguns autores apontam que há na terapia ocupacional no Brasil uma diversidade de termos utilizados para definir e nomear as práticas terapêuticas ocupacionais. O que você pensa a respeito?
19. Como você vê o uso deste termo no futuro na terapia ocupacional no Brasil? Acredita que é possível fazer alguma projeção ou vislumbrar alguma mudança sobre o uso dos termos e dos conceitos?
20. Gostaria de acrescentar algo relativo ao tema?

2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Atividade, Cotidiano e Ocupação: usos e compreensões na terapia ocupacional no Brasil”. A seleção dos participantes foi realizada por amostra proposital, tendo como critério de escolha os profissionais da terapia ocupacional que realizam e/ou realizaram importantes discussões e/ou que apresentaram publicações (em periódicos da área e/ou em livros) sobre a temática abordada no presente estudo.

Esse estudo tem como objetivo identificar e analisar os usos e conceitos dos termos atividade, ocupação e cotidiano na terapia ocupacional no Brasil e, sua participação nesta pesquisa consistirá em responder perguntas que serão feitas durante uma entrevista, com roteiro pré-definido contendo questões que abordem os principais temas da pesquisa, no sentido de compreender de maneira mais aprofundada o contexto e a apropriação do termo (dentre aqueles que estão sendo estudados) que você utiliza, o estudo do conceito, da aplicação do termo, seus sentidos e significados e dos referenciais teóricos adotados.

Espera-se que o estudo possa contribuir para as discussões atuais da terapia ocupacional, aprofundar a compreensão sobre a produção de conhecimento específica da profissão e de seus conceitos teórico-práticos, além de oferecer análises que permitam aprofundamento das considerações sobre os elementos que constituem ou que estejam relacionados na configuração de um arcabouço teórico e metodológico deste campo e, assim, auxiliar na construção de um corpo de conhecimento específico da terapia ocupacional brasileira e de suas repercussões técnicas e científicas.

A participação nesta presente pesquisa pode apresentar os seguintes riscos: gerar cansaço ou desgaste devido ao trabalho empregado; exposição de discussões e ideias referentes à terapia ocupacional que podem comprometer o anonimato do participante, considerando que a profissão e as publicações na área, especificamente no que se refere a essa temática, ainda são restritas; comparação das ideias dos participantes. Também pode gerar benefícios, tais como: a oportunidade de o participante expor suas ideias e discussões pertinentes para a área da terapia ocupacional de modo a contribuir para os estudos do cerne da profissão; participar na construção e formulação de questões pautadas para o crescimento e desenvolvimento de pesquisas referentes à terapia ocupacional

propriamente dita; estudo e reflexão crítica sobre conceitos teórico-práticos da terapia ocupacional; incentivo à pesquisa em terapia ocupacional.

A sua participação nesta pesquisa não é obrigatória. Ela é voluntária e poderá ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer tipo de represália ou outras consequências negativas.

Haverá confidencialidade dos dados, sendo que a futura divulgação dos mesmos será feita sem a sua identificação. Além disso, não haverá gastos para você pela sua participação na pesquisa.

Sem mais, peço a gentileza de poder contar com a sua colaboração.

Profa. Dra. Carla Regina Silva
São Carlos - SP
Telefone: 16-35518743
E-mail: carlars@ufscar.br

Jéssica Cristina Von Poellnitz
Rua Engenheiro José dos Santos, 605
Araraquara – SP
Telefone: 16-997618352
E-mail: poellnitz.jessica@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, localizada na Rodovia Washington Luiz, km 235 – Caixa Postal 676, CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil (016) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

São Carlos,

2017.

Assinatura do sujeito da pesquisa

3. Tabulação dos trabalhos e indicações dos termos presentes nos títulos

Legenda:

A – Atividade(s)

O – Ocupação

C – Cotidiano

P – Práxis

AÇ – Ação(ões)

F – Fazer(es)

Ano	Título da publicação	Número de vezes em que o mesmo título apareceu na busca	Termos no título
1993	AVD - dos limites do treinamento às vivências do cotidiano	1	A/C
1997	Uso de atividades projetivas pela terapia ocupacional no hospital geral e os resultados dos testes de rorschach	1	A
	Construindo ações interdisciplinares num hospital geral	1	AÇ
	Oficina pedagógica: práxis do fazer	1	P
1999	Terapia ocupacional e ações territoriais: crianças e adolescentes em processo de ruptura de redes sociais de suporte	3	AÇ
	A transdisciplinaridade enquanto princípio e realidade das ações de saúde	1	AÇ
	Ação educativa como estratégia de prevenção em doenças sexualmente transmissíveis e contaminação pelo vírus HIV	1	AÇ
	Atividades artísticas: formação e clínica em terapia ocupacional	2	A
	Música, dança, expressão corporal e jogos teatrais: o resgate biográfico no ensino de atividades	1	A
	Atividades artísticas, terapia ocupacional e a terceira idade	1	A
	A proposta do pensar, falar e fazer	1	F
	Atividades expressivas e artísticas - reflexão crítica e construção metodológica	1	A
	Resgatando o valor projetivo da atividade	1	A
2001	Atividades conjuntas de ensino, pesquisa e extensão universitária	2	A
	Pacto-adolescente: uma experiência com atividades artísticas em terapia ocupacional	2	A

	Oficinas do fazer: criando e ampliando processos de validação a partir de atividades de geração de renda	1	F/A
	O terapeuta ocupacional no espaço universitário: papéis da atividade docente	2	A
	A atividade na República de Emaús como um processo de recuperação de menores de rua	1	A
	O material e a atividade enquanto intermediários das interações grupais	1	A
	Catálogo de avaliação do nível de independência de crianças de 4 a 8 anos nas atividades de vida diária: apresentação e aplicação do instrumento em crianças com diferentes transtornos no desenvolvimento	1	A
	Seminários institucionais na Universidade de Uberaba: incentivo a atividade cultural, técnica e científica	1	A
	A ação da terapia ocupacional em sala de espera no serviço público	1	AÇ
	Programa de atenção à saúde materno-infantil em terapia ocupacional: ações em educação, prevenção, diagnóstico e intervenção precoce do desenvolvimento infantil	1	AÇ
	Novos técnicos e novas ações de saúde: os terapeutas ocupacionais e os CeCcos	1	AÇ
	Projeto Moradia - comunidade participante: um modelo para a construção da ação terapêutica	1	AÇ
	Estudando a ação	1	AÇ
2003	Processos integradores da ação humana: uma disciplina em construção	1	AÇ
	Inclusão escolar de crianças com deficiência no núcleo de ação educativa 09 - SME de SP: contribuições do curso de terapia ocupacional da Universidade de São Paulo	1	AÇ
	Atividades humanas e terapia ocupacional: história e perspectiva nas práticas brasileiras	2	A
	Análise de atividade - emergência e desdobramento de um dispositivo em terapia ocupacional	2	A
	Terapia ocupacional e arte no cotidiano infantil: proposta de extensão cultural para o Projeto Descobrir	2	C
	Recursos tecnológicos: fotografia, video, radio e computador no ensino de atividades na graduação em terapia ocupacional	1	A
	Quando o fazer dá suporte ao viver	1	F
	Grupo de convívio: uma estratégia para pessoas com comprometimentos no cotidiano	1	C

	Atividades extracurriculares na graduação: contribuição na formação profissional	1	A
	Projeto de atividade: o espelho do aluno durante a formação do terapeuta ocupacional	1	A
	Vivenciando AVD's e AVP's nas aulas de psicomotricidade	1	A
	Grupos de atividades: a importância de seu planejamento na clínica	1	A
	Experimentando a terapia ocupacional - uma experiência de oficina de atividades	1	A
	Experiência ocupacional, cotidiano e subjetividade: um estudo comparativo entre adolescentes em medida de liberdade assistida e em Programa de Educação para e pelo Trabalho	1	C
2005	Ações na interface arte e saúde: a experiência do programa permanente composições artísticas e terapia ocupacional	4	AÇ
	Terapia ocupacional no contexto das ações de saúde no município de São Paulo: uma atualização	1	AÇ
	Ações preventivas contra violência: perspectivas dos adolescentes e profissionais de um programa comunitário	1	AÇ
	Adolescência, reciprocidade e ação territorial: o teatro como estratégia de ação na terapia ocupacional	1	AÇ
	Intervenções com famílias de crianças com necessidades especiais: avaliação das ações e realidades dos profissionais da equipe multiprofissional	1	AÇ
	A ação da terapia ocupacional em sala de quimioterapia	1	AÇ
	Rede de conhecimentos e saberes: uma metodologia para o ensino de atividades na formação do terapeuta ocupacional	1	A
	Uso de imagens enquanto elementos processuais nas atividades de atenção em saúde mental do idoso	1	A
	Fazer para que? Oficina de atividades inserida no cotidiano de um abrigo para adolescentes em situação de rua	3	F/A/C
	Terapia ocupacional e educação nutricional: atividade lúdica na aplicação da estratégia de aprendizagem de atenção	1	A
	Um olhar da terapia ocupacional num grupo de mulheres com o uso de atividades expressivas	1	A
	A saúde no universo feminino: intervenção e reflexão sobre o cotidiano da mulher como fator gerador de adoecimento	2	C

	Dependência e independência nas atividades de vida diária de portadores de LER/DORT	1	A
	Atividades complementares: uma nova relação nas práticas educacionais da formação do terapeuta ocupacional	2	A
	O uso de atividades enquanto recurso pela terapia ocupacional	1	A
	A análise de atividade na prática do terapeuta ocupacional	1	A
	A utilização de atividades como instrumento de coleta de dados em uma pesquisa: um novo caminho	2	A
	Evolução do significado atribuído ao conceito de atividades pelos alunos de um curso de graduação em terapia ocupacional	1	A
	Teatro espontâneo do cotidiano: uma possibilidade em terapia ocupacional	1	C
	Atividades expressivas em saúde mental: as técnicas projetivas na clínica	2	A
	O resgate da identidade social a partir da atividade produtiva - um estudo de caso	1	A
	Atuação da terapia ocupacional nas atividades de vida diária com portadores da doença de parkinson	1	A
	Grupo de atividades: elaborando a relação terapeuta-paciente-atividade através da vivência de atividades em grupo	1	A
	O estudo de prevalência de deficiências e incapacidades como instrumento de planejamento das atividades de atenção à saúde e reabilitação no PSF	1	A
	Atividades complementares	1	A
	Atividades psicomotoras com crianças inglesas carentes: relato de experiência da terapia ocupacional	1	A
2007	Uma proposta de formação em terapia ocupacional e as ações na interface da arte e da saúde	3	AÇ
	Territórios e fronteiras: dimensões da ação em saúde mental na construção de práticas híbridas	2	AÇ
	Ações da terapia ocupacional na informática com a terceira idade	1	AÇ
	Comunidades, pobreza e ação social na saúde: intersecções e intervenções a partir de um programa de saúde	1	AÇ
	Intervenção junto a professores do ensino público municipal: abordando os papéis da família e escola no desenvolvimento infantil e viabilizando ações	2	AÇ

Contribuição do acadêmico de terapia ocupacional no VER-SUS/extensão: ações interdisciplinares em comunidades rurais	1	AÇ
Ações em terapia ocupacional na reinserção do indivíduo acometido pela hanseníase com histórico asilar	1	AÇ
A terapia ocupacional frente as mudanças na assistência psiquiátrica brasileira: políticas públicas e novas ações	1	AÇ
A construção de um campo de ação social na perspectiva da atenção primária	1	AÇ
Programa moradia vila: ações na perspectiva de desinstitucionalização de moradores de um hospital psiquiátrico	1	AÇ
Terapia ocupacional hospitalar - ações e transformações no cotidiano da prática em contextos hospitalares	1	AÇ/C
Juventude e gênero: discutindo subsídios para o planejamento de ações em terapia ocupacional junto a jovens em situação de rua	1	AÇ
Pensar terapia ocupacional, atividade e suas implicações na construção do seu (re) conhecimento	1	A
Territórios existenciais, faberdiversidade e arqueologia da ocupação	1	O
A dor crônica no cotidiano de mulheres cuidadoras de portadores de doença mental	1	C
A maternidade e a organização das atividades cotidianas de mulheres de 23 a 47 anos que trabalham em setor administrativo	1	A
Exploração sexual comercial infanto-juvenil: relato de experiência de atividades no campo social com enfoque na intersectorialidade	2	A
Atividades nas casas de convivência de atenção à população adulta em situação de rua: estudo de caso	1	A
Percepção de crianças sobre a sua aprendizagem de conceitos nutricionais mediante atividades lúdicas	1	A
Demandas e expectativas de famílias de crianças com necessidades especiais: de situações do cotidiano aos técnicos envolvidos no tratamento	2	C
Foco na atenção à população-alvo: desenvolvimento de atividades preventivas e educativas na formação do terapeuta ocupacional	1	A
Transtorno mental materno e desenvolvimento da criança: cotidiano e práticas de cuidado	1	C
Construindo uma boa alimentação através do fazer	1	F

	A justificativa do terapeuta ocupacional na facilitação das AVD's: características da criança de 4 a 8 anos de idade com deficiência visual	1	A
	A atividade imposta X o respeito a demanda individual: embate entre as concepções e práticas manicomial e psicossociais	1	A
	O lugar dos fazeres na na saúde da mulher gestante	1	F
	Atividades complementares: uma nova relação nas práticas educacionais da formação do terapeuta ocupacional	1	A
	Diferenças entre meninos e meninas de 4 a 8 anos na independência das atividades de vida diária	1	A
	O cotidiano lúdico de crianças com necessidades especiais	1	C
	A atividade como instrumento de coleta de dados num programa interdisciplinar de atenção básica voltado para adolescentes	1	A
	Grupo de atividades e grupo educativo para pacientes com artrite reumatóide	1	A
	Caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento: o cotidiano da população em situação de rua em Goiânia	1	C
2009	Ato - ação, trabalho e oportunidade no projeto inclusão da pessoa com deficiência no trabalho em São Carlos-SP	1	AÇ
	Ações em terapia ocupacional com meninos e meninas em situação de rua: desafios metodológicos e sociais	1	AÇ
	Região do silêncio, corpo labaniano e ancestralidade do fazer da ação à significação	1	F/AÇ
	Atividade, ocupação, fazer e ação: a discussão dos termos na terapia ocupacional brasileira	1	A/O/F/AÇ
	República do Piaí: ações do projeto de extensão	1	AÇ
	Juventude, escola pública e oficinas de atividades	3	A
	Atividades intergeracionais	1	A
	As cinco peles do fazer poiésis: um olhar para as atividades humanas	1	F/A
	Violência e cotidiano: análise secundária de pesquisas sobre a percepção de jovens em relação a suas vivências	1	C
	Adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei: proposta de intervenção em terapia ocupacional e adesão às atividades propostas em seu processo sócio-educativo	3	A
	Dança de salão para idosos: uma análise da atividade	1	A
"Depois de ..." avaliação das repercussões do grupo de obesidade no cotidiano dos adolescentes	1	C	

	Atividade humana e luto: reflexões a partir da assistência ao enlutado	1	A
	A intervenção terapêutica ocupacional em brinquedoteca: uma possibilidade de (re) significação do cotidiano hospitalar através do brincar	1	C
	As atividades expressivas na assistência terapêutica ocupacional junto à criança hospitalizada: uma compreensão da Ciência Ocupacional	1	A
	Atividades intergeracionais "homem e mulher historicamente produtivos"	2	A
	Aprender-fazendo. Aprender-se terapia ocupacional a partir do seu fazer	1	F
	Modos de ver a ocupação humana: uma oportunidade de ensino-aprendizagem de artes visuais a partir de uma produção audiovisual fotográfica	1	O
	Reabilitação física no cotidiano	1	C
	Trabalho e cotidiano: discutindo o desenvolvimento da autonomia junto a pessoas em situação de rua inseridas em programa temporário de ocupação e renda	1	C/O
	Interconexões entre teatralidade, terapia ocupacional e cotidiano: reestruturações do corpo-sujeito	1	C
	Terapia ocupacional e cotidiano: uma perspectiva holística com enfoque fenomenológico	1	C
	Intervenções da terapia ocupacional sobre o cotidiano de sujeitos em tratamento oncológico: significados do cotidiano habitual e do cotidiano atual	1	C
	Contribuições da terapia ocupacional no desenvolvimento das atividades de vida diária de uma criança com autismo	1	A
	Intervenção terapêutica ocupacional no cotidiano de uma criança com doença oncológica	1	C
	Cotidiano, atividades de vida diária e a terapia ocupacional	1	C/A
	O abrigo e as relações de poder: grupo de atividades de meninas institucionalizadas	1	A
2011	Ações interdisciplinares de atenção à saúde mental infanto-juvenil	2	AÇ
	Atividades lúdicas como ações de humanização na enfermaria de oncopediatria do HC/UFPR	1	A/AÇ
	Redes sociais, espaços públicos e cidadania: articulações políticas e ações em rede com a juventude	3	AÇ
	Memória, cultura e ação territorial em terapia ocupacional	2	AÇ

A inclusão de crianças com deficiência na escola regular na região do Butantã: conhecendo estratégias e ações	1	AÇ
Redes sociais, cultura e religiosidade em vidas itinerantes: trajetórias de pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo e ações em terapia ocupacional social	2	AÇ
Juventude e mortalidade: violência e ações sociais	1	AÇ
Terapia ocupacional e ação técnica em contextos de vulnerabilidade social: distinções e proximidades entre o campo social e a área de atenção básica em saúde	1	AÇ
Cartografias femininas: ações territoriais junto as mulheres da Zona Noroeste - Santos	2	AÇ
Tecendo redes: uma ação possível do terapeuta ocupacional	1	AÇ
Ações e reflexões no cotidiano do programa de educação tutorial - terapia ocupacional	1	AÇ/C
Ações de acadêmicos de terapia ocupacional com crianças institucionalizadas: a contação de histórias como estratégia	2	AÇ
Identificação e caracterização da violência no contexto escolar: subsídios para ações de promoção da saúde na juventude	1	AÇ
Projeto - Sombra: instantâneos do cotidiano de alunos do curso de terapia ocupacional da UNIFESP-BS	2	C
Atividades externas de auto-cuidado e lazer: uma proposta da terapia ocupacional em ILPI	1	A
Transtorno do desenvolvimento da coordenação: correlação entre coordenação motora e desempenho funcional em atividades com bola	1	A
Atividades em terapia ocupacional no campo social: mediações com a população juvenil	2	A
Acesso a fontes de financiamento de pesquisa em terapia ocupacional: desafios para institucionalização da formação de pesquisadores e da atividade científica no Brasil	3	A
Caracterização da utilização de tecnologia assistiva no cotidiano de crianças com deficiência	1	C
Diagnóstico situacional de pessoas com limitações em atividades cotidianas: contribuições para a formação de terapeutas ocupacionais	1	A
Crianças com deficiência: compreendendo seu cotidiano e a importância do uso de recursos tecnológicos na atenção em terapia ocupacional	1	C

Composições da ética e do habitar no cotidiano de crianças e adolescentes no contexto de um abrigo	1	C
Análise de atividade tendo como referencial aspectos da ergonomia	1	A
Avaliação da limitação de atividades pela escala SALSA e sua relação com a profissão/ocupação das pessoas que tiveram hanseníase	1	A/O
O cotidiano na vida de crianças com paralisia cerebral e de crianças com desenvolvimento típico	1	C
O uso da Medida Canadense de Desempenho Ocupacional na intervenção em terapia ocupacional com crianças com paralisia cerebral durante a realização das atividades de vida diária	1	A
O brincar no cotidiano da criança com deficiência física e a prática da terapia ocupacional: uso dos protocolos do modelo lúdico	1	C
Fatores de risco e proteção à saúde mental infantil: atividades de lazer e práticas de cuidados dos pais com as crianças	3	A
Relacionamento intergeracional, cotidiano e práticas de apoio em famílias de crianças com necessidades especiais	1	C
Atividades acadêmicas com um grupo de adolescentes em CAPSi: relato de experiência	1	A
Atividades práticas de ensino junto aos alunos de terapia ocupacional na prevenção de LER/DORT	2	A
Laboratório de estudos e ciência da ocupação: um espaço de produção de conhecimento em terapia ocupacional	3	O
As atividades grupais no CAPS - uma reflexão sobre terapia ocupacional e a ciência da ocupação	2	A/O
Atividades grupais em um CAPS: espaços de expressão de perda e engajamento ocupacional	2	A
Ocupação humana e a prática do terapeuta ocupacional: uma perspectiva fenomenológica	2	O
Contribuições nas AVD's de crianças surdocegas: uma proposta em terapia ocupacional	1	AVD
Ocupação humana e as condições de luto: uma compreensão da terapia ocupacional quando da perda de entes queridos	1	O
Sobre o cotidiano de acompanhantes no contexto hospitalar: reflexões e experiências no campo da terapia ocupacional	1	C

As repercussões do escalpelamento na ocupação de mulheres na região amazônica	1	O
Atividades do terapeuta ocupacional no programa de residência integrada multiprofissional em atenção hospitalar	1	A
A atividade de monitoria como estratégia metodológica facilitadora do processo ensino-aprendizagem em terapia ocupacional aplicado à saúde e trabalho	1	A
A estrutura curricular do núcleo de atividades humanas do curso de terapia ocupacional da Universidade do Estado do Pará: uma composição baseada nas metodologias ativas	1	A
Atividades corporais e o cuidado com a dor crônica: uma experiência da terapia ocupacional na unidade de ensino e assistência de fisioterapia e terapia ocupacional	1	A
Compartilhando fazeres em oficinas de atividades: uma estratégia de aprendizagem na formação do terapeuta ocupacional da UEPA	1	F/A
Recursos terapêuticos e análise de atividade: disciplinas fundamentais para a formação do terapeuta ocupacional	1	A
Atividade grupal com mães de crianças hospitalizadas	1	A
Elaboração de programa de atividades para sondagem do desempenho visual de pré-escolares: contribuições da terapia ocupacional	1	A
Identificando dificuldades relacionadas às atividades cotidianas de idosos: o autocuidado como estratégia para envelhecimento ativo, bem sucedido e promoção da saúde	2	A
A experiência interdisciplinar de um grupo de atividades para pacientes psicóticos crônicos em um município do interior de São Paulo-SP	1	A
Atividades da vida cotidiana: saúde e inclusão social de usuários de CAPS	1	A
Ocupação, concepções populares e a terapia ocupacional	1	O
Correlação entre nível motor e o nível de independência nas atividades cotidianas de crianças com paralisia cerebral	3	A
Atividades de lazer, jogos e brincadeiras como estratégia de intervenção junto à cuidadores	2	A
O uso de atividades lúdicas como estratégia de enfrentamento do tratamento quimioterápico na perspectiva de crianças com câncer	1	A

	A influência da habilidade manual na independência em atividades diárias de crianças com paralisia cerebral	2	A
	Uso de atividades lúdicas junto a uma criança com síndrome da imunodeficiência adquirida no favorecimento da independência funcional	2	A
	Atenção ao desenvolvimento da criança de 0 a 18 meses nas atividades de rotina em berçários da cidade de Marília	1	A
	Ocupação do docente: ensinar para aprender	3	O
	Lazer: atividade e ou ocupação	1	A/O
	A atividade esportiva como ocupação: vivências de uma adolescente com deficiência física no favorecimento de sua imagem corporal e inclusão social	1	A/O
	É fazendo atividade que a gente se entende: grupo terapêutico ocupacional em instituição para tratamento de pessoas com problemas relacionados ao uso nocivo de substâncias psicoativas	1	A
2013	Mapeando e analisando as intervenções e as proposições de atividades na terapia ocupacional social	1	A
	Grupos de apoio para adultos com limitações nas atividades: ações para a inclusão no trabalho	1	A/AÇ
	Cotidiano de desfiliação de mulheres apenadas - experiência no presídio	1	C
	Grupo de AVD para pessoas com AVE: relato de experiência na USE UFSCar	2	AVD
	Avaliação do impacto no cotidiano e na participação de pessoas acometidas por dor crônica	1	C
	Adaptação e validação de um instrumento de avaliação do torque do antebraço durante a simulação de atividade cotidiana: a influência da coordenação motora e das características antropométricas	1	A
	Grupo interdisciplinar de convivência: expectativas transdisciplinares no cotidiano de sujeitos hemiplégicos e afásicos	1	C
	A transformação do uso e do conceito de atividades na obra de Jô Benetton	1	A
	Cotidiano e intergeracionalidade em famílias de crianças com deficiência e de crianças com desenvolvimento típico	1	C
	O cotidiano de adolescentes em sofrimento psíquico vinculados a um CAPS infantil	1	C
	Cotidiano, demandas e apoio social de famílias de crianças e adolescentes com autismo	2	C

Saúde mental infantojuvenil e intersetorialidade: o desafio cotidiano dos centros de atenção	1	C
A ciência da ocupação e o brincar de uma criança com deficiência	1	O
Análise de atividade e material em terapia ocupacional: confecção de jogos e brinquedos de miriti	1	A
Sobre as repercussões nas ocupações dos cuidadores de pessoas com Doença de Alzheimer	1	O
A forma e o significado das ocupações para pais de crianças com limitações funcionais	1	O
Sobre o significado das ocupações após o acidente por queimadura	1	O
A ciência da ocupação como ferramenta para fundamentar a prática clínica da terapia ocupacional	1	O
Cuidar como ocupação: uma aproximação com o componente da ciência da ocupação	1	O
Vírus linfotrópico das células T humanas: repercussões na ocupação	1	O
Terapia ocupacional e saúde mental: o engajamento em atividades e as barreiras do cotidiano	1	A/C
Dificuldades para atividades cotidianas durante o processo de envelhecimento e fatores associados	2	A
Terapia ocupacional e o cotidiano de cuidadores informais de pessoas dependentes	1	C
Atividades e recursos terapêuticos: entre a singularidade e a construção coletiva da experiência	1	A
Abordagens territoriais na saúde mental e a terapia ocupacional: reflexões acerca de atividades e cotidiano	1	A/C
Famílias de adolescentes em medidas socioeducativas: práticas parentais, cotidiano e contexto familiar	1	C
O uso e concepção de atividade/ocupação por terapeutas ocupacionais nos CAPS da cidade de Vitória ES	1	A/O
Gerarte: construindo possibilidades de geração de renda e arte através do fazer humano	2	F
Projeto 'Terapia Ocupacional na Rede': percepções dos acadêmicos na construção e desenvolvimento das ações	1	AÇ
Contribuições da terapia ocupacional social nas ações de economia solidária: uma revisão bibliográfica	1	AÇ
Ações de uma equipe multiprofissional no Programa de Extensão PRÓ-PARKINSON da UFPE	1	AÇ
Perfil sociodemográfico da população acometida pela síndrome do túnel do carpo e ações de promoção de saúde	1	AÇ

	Projeto terapêutico singular: ações possíveis para a pragmatização	1	AÇ
	Terapia ocupacional social e geração complementar de renda: perspectivas de ação face à vulnerabilidade social	1	AÇ
	Oficinas terapêuticas nas ações de saúde mental nos CAPS de Vitória ES	1	AÇ
	Terapia ocupacional e artrite psoriásica: ações de uma prática pouco consolidada	1	AÇ
2015	Ações em tecnologia assistiva na inclusão de crianças e adolescentes com deficiência física	1	AÇ
	As atividades de vida diária de pacientes com sintomas depressivos pós AVE - intervenção da terapia ocupacional	1	A
	TOTAL	284	